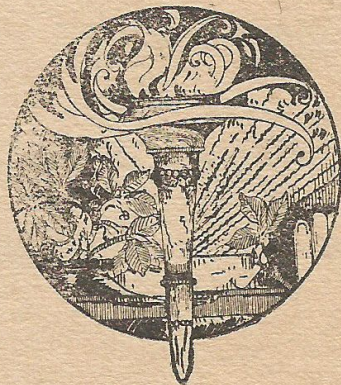


# REVISTA

DA

## Academia Mineira de Letras

### VOLUME VIII



BELO-HORIZONTE  
IMPRESA OFICIAL  
1933



## QUADRO SOCIAL

### *Diretoria*

(BIENIO 1933 — 1934)

Presidente — Prof. Anibal Mattos.  
Secretário Geral — Dr. Arduino Bolivar.  
1.º Secretário — Dr. Navantino Santos.  
2.º Secretário — Dr. Alvaro da Silveira.  
Tesoureiro — Avelino Foscolo.

### *Comissão de Contas*

Drs. Arduino Bolivar, Mario de Lima e Navantino Santos.

### *Direção da Revista*

Anibal Mattos, Arduino Bolivar e Mario de Lima.



## SOCIOS CORRESPONDENTES

---

Amazonas — Jonas da Silva.  
Pará — Henrique Santa-Rosa.  
Maranhão — Domingos Barbosa.  
Ceará — Barão de Studart  
Rio-Grande do Norte — Henrique Castriciano.  
Paraíba — Carlos D. Fernandes.  
Pernambuco — Mario Sete.  
Alagôas — Adalberto Marroquino.  
Sergipe — Manoel dos Passos de Oliveira

Teles.

Baía — Teodoro Sampaio.  
Espírito Santo — Elpidio Pimentel.  
São Paulo — Alfredo de Taunay.  
Paraná — Dario Veloso.  
Santa Catarina — Dr. Carlos Corrêa.  
Rio-Grande do Sul — Padre Carlos von Teschauer.  
Mato-Grosso — Desembargador José de Mesquita.  
Goiaz — Sebastião Fleury Curado.

## Relação das Cadeiras, seus atuais titulares e patronos

---

- Num. 1—Albino Esteves. Cadeira “Visconde de Araxá”.  
” 2—Aldo Delfino. Cadeira “Arthur França”.  
” 3—Agripa de Vasconcellos, sucessor de Alphonsus de Guimarãens. Cadeira “Aureliano Lessa”.  
” 4—Alvaro da Silveira. Cadeira “Frei Conceição Veloso”.  
” 5—Amanajós de Araujo. Cadeira “Azevedo Junior”.  
” 6—Arduino Bolivar. Cadeira “Bernardo de Vasconcelos”.  
” 7—Avelino Foscolo. Cadeira “Luiz Cassiano”.  
” 8—Belmiro Braga. Cadeira “Batista Martins”.  
” 9—Bento Ernesto Junior. Cadeira “Josafá Belo”.  
” 10—Brant Horta. Cadeira “Claudio Manoel”.  
” 11—Carlos Góes. Cadeira “Frei Santa Rita Durão”.  
” 12—Carlindo Lelis. Cadeira “Alvarenga Peixoto”.



- " 13—Carmo Gama. Cadeira "Xavier da Veiga".
- " 14—Almeida Magalhães, sucessor de Costa Sena. Cadeira "José Sena".
- " 15—Dilermando Cruz. Cadeira "Bernardo Guimarães".
- " 16—Mario Matos, sucessor de Diogo Vasconcelos. Cadeira "Francisco de Paula Candido".
- " 17—J. A. Nogueira, sucessor de Eduardo de Menezes. Cadeira "Conde de Prados".
- " 18—Abilio Barreto, sucessor de Estevam de Oliveira. Cadeira "Silva Alvarenga".
- " 19—Cadeira "Padre Corrêa, de Almeida". (Com a morte de Francisco Lins, foi eleito o dr. Mario Mendes Campos, que ainda não tomou posse).
- " 20—Franklin Magalhães. Cadeira "Artur Lobo".
- " 21—Gilberto de Alencar. Cadeira "Fernando de Alencar".
- " 22—Heitor Guimarães. Cadeira "Julio Ribeiro".
- " 23—(Vaga). Cadeira "Joaquim Felicio".
- " 24—João Lucio Brandão. Cadeira "Barbara Heliodóra".
- " 25—João Massena. Cadeira "Augusto Franco".

- " 26—José Eduardo da Fonseca. Cadeira "Evaristo da Veiga".
- " 27—José Paixão. Cadeira "Corrêa de Azevedo".
- " 28—José Rangel. Cadeira "Americo Lobo".
- " 29—Lindolfo Gomes. Cadeira "Aureliano Pimentel".
- " 30—Luis de Oliveira. Cadeira "Oscar da Gama".
- " 31—Machado Sobrinho. Cadeira "Lucindo Filho".
- " 32—Mario de Lima. Cadeira "Marquez de Sapucaí".
- " 33—Mario Magalhães. Cadeira "Edgard da Mata".
- " 34—Noraldino Lima, sucessor de Mendes de Oliveira. Cadeira "Tomaz Gonzaga".
- " 35—Navantino Santos. Cadeira "João Pinheiro".
- " 36—Nelson de Sena. Cadeira "José Eloi Otoni".
- " 37—Anibal Matos, sucessor de Olimpico de Araujo. Cadeira "Basilio Furtado".
- " 38—Honorio Armond, sucessor de Paulo Brandão. Cadeira "Beatriz Brandão".
- " 39—Plinio Mota. Cadeira "Basilio da Gama".
- " 40—Afonso Pena Junior, sucessor de Pinto de Moura. Cadeira "Visconde de Caeté".



**CORRESPONDENCIA**

A Academia Mineira de Letras mantém correspondência com as seguintes instituições literárias e científicas:

Academia Brasileira de Letras — Rio de Janeiro (Capital Federal).

Academia Piauíense de Letras — Teresinha, Piauí.

Academia Fluminense de Letras — Niteroi, E. do Rio.

Associação de Ciências e Letras — Petropolis — E. do Rio.

Centro de Ciências e Letras — Campinas — São Paulo.

Academia de Ciências e Letras de S. Paulo.

Academia Paulista de Letras — São Paulo.

Academia Espiritosantense de Letras — Vitória — E. Santo.

Academia Sul-riograndense de Letras — Porto Alegre — R. G. do Sul.

Academia Paranaense de Letras — Curitiba — Paraná.

Academia Baiana de Letras — São Salvador — Baía.

Academia Pernambucana de Letras — Recife — Pernambuco.

Academia Alagoana de Letras — Fortaleza — Ceará.

Instituto Historico e Geografico Brasileiro — Rio de Janeiro.

Sociedade Brasileira de Geografia — Rio de Janeiro.

Associação Brasileira de Imprensa — Rio de Janeiro.

Instituto Historico e Geografico da Baía — S. Salvador.

Instituto Historico e Geografico de Pernambuco — Recife.

Instituto da Ordem dos Advogados — Porto Alegre — Rio G. do Sul.

Museu Paulista — São Paulo.

Instituto Historico e Geografico de Minas-Gerais.

Instituto Historico e Geografico do Ceará.

Instituto Historico de Ouro-Preto.

Academia Carioca de Letras.

Sociedade Brasileira de Belas-Artes.

Sociedade Mineira de Belas-Artes.

Universidade de Minas-Gerais.

Deutschen Akademie.



Discurso do academico Noraldino Lima, Secretário da Educação e Saúde Publica, na abertura do Congresso de Varginha.

“O meu primeiro dever, ao se instalar o presente Congresso das municipalidades sul-mineiras, é o de dirigir aos senhores prefeitos, em nome do sr. Secretário do Interior e no meu próprio, como convocadores desta reunião, e, especialmente, pelo sr. Presidente de Minas-Gerais, que tal providencia determinou, os nossos melhores agradecimentos e aplausos pela pronta aquiescência dada ao nosso convite.

O agradecimento que ora formúlo envolve nosso intimo orgulho, vendo-nos tão á justa compreendidos por aquêles que, nêste periodo de transição, para mais amplos destinos, das fôrças construtivas de Minas, são os delegados do poder na realização do progresso e estabelecimento das novas diretrizes do povo mineiro, nestes ubérrimos e formosos rincões de nossa terra.

O aplauso leva toda a compreensão que, a nosso turno, nos é dado ter da elevação de nivel dos espiritos que, trabalhando a terra e afeiçoan-



do o homem aos novos rumos de ação nêste quadrante do Estado, sabem receber, pensar e traduzir, em proveito da comunhão, medida de governo, como esta, de tanta projeção na vida dos campos e das cidades, na defêsa da saúde e da economia, na gloria de ser homem e de buscar a felicidade; medida a que só os insensíveis, os anquilosados, os diatéticos, poderiam deixar de dar o apôio e a cooperação de entusiasmo que ela requer para vingar e florescer.

Não ha, de fato, meus senhores, obra de assistência que mais leve á meditação e de mais imperiosa oportunidade do que essa — empolgante e meritória — que ora nos congrega para confundir num só esfôrço os esfôrços de nós todos, responsaveis, que somos — govêrno estadual e municipal — pela saúde do povo, e, pois, pelo futuro de nossa raça.

O problêma está posto. Não preciso declamar contra o mal cujo combate está provocando as nossas mais poderosas energias; não preciso dissecá-lo nas suas origens, nem descrevê-lo, por miúde, na sua marcha sombria, através do tempo, comovendo e apavorando os homens, a tal ponto que os orientais já o definiam como vingança divina.

O problêma está posto — hoje como ontem, como ha dezenas de séculos, nos dias de Hipocrates, que já lhe procurava fixar a étiologia, e, mais longe ainda, nos dias de Moisés, quando o legis-



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

lador hebreu, regulando a situação do leprôso entre o povo de Deus, o classifica de imundo, mandando destruir-lhe a casa e queimar-lhe as roupas, pois que a lepra, diz êle, "roedora é: com fogo se queimará".

Entre os flagélos do homem no quadro da ciência ou no campo da sensibilidade, nenhum se catalogou, mais antigo e acerbo, porque, atacando preferentemente os membros e as articulações, restringe e impossibilita os movimentos do corpo, amarrando, ao mesmo tempo, o espirito á deliquescência da matéria.

A lepra ! Nascida no oriente, como a civilização, caminhou com esta para o ocidente: os hebreus, em fuga, levaram-na para o Egito; os cruzados, para a Europa, após recebê-la nos lugares santos, nesses mesmos lugares onde Jesus havia curado os dez farrapos humanos a que ainda ha pouco se referia D. Joaquim Silverio de Souza, citando-lhes o grito de esperança e de dôr: "Jesus, compadecei-vos de nós".

Das margens do Jordão, cujos banhos eram tidos como especifico do terrivel morbus; da Siria e da Palestina, onde, desabalado e endêmico, campeava o mal; dos campos que rodeavam Jerusalém, cujo acesso era vedado aos leprôsos, que, famintos, ululavam de desespero, lá fóra, no abandono dos homens e no castigo dos céus — veiu a lepra para o império romano, transporta-



da pelas armas dos conquistadores, que a levaram, destarte, até aos confins do ocidente europeu.

Nos tempos primitivos, o leproso era corrido inexoravelmente da sociedade. A cerimônia do banimento tinha as características de um officio fúnebre com todas as côres carregadas de autêntico funeral. Eis como vi descrita, em resumo, a sequestração, a morte civil de um desses infelizes: “Um sacerdote, revestido de sobrepeliz e estola, conduzia a cruz á casa do leproso, que aguardava, preparado para a cerimônia, a chegada do ministro da Igreja. Este começava por exortá-lo a sofrer pacientemente, com espirito de penitência, a chaga com que Deus o tinha ferido, e, após aspergi-lo com agua benta, o levava á Igreja.

Aí o leproso deixava a sua roupa comum e tomava um hábito preto, expressamente preparado para êle; ajoelhava-se diante do altar, entre dois cavalêtes de madeira, e ouvia a missa, igual á que se celebra para os mortos, finda a qual era de novo aspergido de agua benta”.

Era, como se vê do historiador onde tal encontrei, uma verdadeira cerimônia fúnebre, com os mesmos versiculos das encomendações, o mesmo *libera*, faltando sómente o *requiescat in pace* . . .

Terminada a cerimônia, era o leproso reconduzido á sua casa, onde, ainda uma vez, recebia a exortação sacerdotal, que consistia em palavras de consôlo, e, sobretudo, na proibição de



sair á rua sem a sua roupa de leproso; entrar nas igrejas, nos móinhos, nos lugares onde se cozia o pão; lavar as mãos nas fontes e nos regatos; andar por caminhos estreitos; responder a quem lhe dirigia a palavra na estrada ou na rua, para evitar o contacto do seu hálito. Seus filhos não eram batizados nas fontes, e a agua que servia no batismo era atirada fóra, em sitios recuados.

Quando êsses infelizes saíam á rua eram obrigados a agitar castanhetas, dando aviso prévio de sua passagem, para que os transeuntes cautamente se afastassem de sua presença. Os leprosos eram homens fóra da lei, encarados como mortos entre os vivos . . .

Esse processo de segregamento não poude, porém, permanecer, porque a onda de leprosos creceu tanto, especialmente na idade média, que foi necessário reunir os portadores do mal em leprosários que proliferaram aos milhares; na França, toda cidade, todo agregado humano tinha o seu. No fim do século XII, fundou-se a ordem de S. Lázaro, sendo nos seus leprosários criados os serviços de assistência aos leprosos, feito pelas religiosas da ordem — notáveis benfeitoras da humanidade, émulas de Santa-Isabel da Hungria, confirmando a consoladora certeza de que há homens que guardam no pó de sua carne um pouco, ás vezes, da essência de Deus, dêsse Deus que, na doçura do evangelho, é a própria caridade: *Deus charitas est.*



Eis, meus senhores, a origem dos leprosários — instituições de arremêso incalculável na vida dos povos e que, representando a socialização dos leprosos para uma situação mais humana e menos dolorosa, é, ao mesmo passo, obra indispensável de assistência social que a todos — govêrno e povo — impõe levar a cabo, a despeito de crises, com recursos ou sem recursos, porque ha, no tocante ao assunto, alguma coisa de imprescindível a zelar no momento sanitário que atravessamos.

O problêma está posto.

Para dar-lhe o nosso contingente de vontade realizadora, aqui estamos, e nos felicitaremos, reciprocamente, se ,ao termo de nossa reunião, o Sul de Minas puder aplaudir nos seus devotados administradores o senso de responsabilidade de cada um para consigo mesmo e para com o povo a que todos servimos.

O problêma está posto.

Resolvê-lo é um dever; relegá-lo não será apenas um erro, mas um crime.

Um panorama sombrio se desdobra em torno de nós e alhures, num desafio á ação dos homens e ameaça á inércia dos homens. Vejamos como êle se focaliza em Minas — setôr da Federação que temos o dever primário de defender e melhorar.



Entre nós a lepra não é hóspede recém-chegado: existe desde os tempos coloniais. Saint-Hilaire assinalou-a no começo do século passado.

Entretanto, talvez imbuidos dessa medicina empirica de que a lepra não é transmissível — quando o seu contágio é sabidamente positivo — nenhum trabalho sistematizado, nenhum esforço digno de aprêço foi demonstrado pela estatística antes de 1930.

Ao nosso ilustre coestaduanu, dr. Raul de Almeida Magalhães, quando diretor da Saúde Pública do Estado, coube realizar, com o concurso dos chefes dos serviços sanitários, um inquérito sobre a lepra em Minas, tendo feito publicar o resultado do censo em maio de 1931.

Foram estas as conclusões do inquérito:

a) o número de leprosos, levando-se em linha de conta todos os elementos que tendem a agravar a situação, deverá ser fixado em 8.751;

b) a maior densidade de morféuticos, nos lugares sabidos como fortes redutos da doença, não ultrapassa a 3,4 ‰, e esta mesma percentagem constitue exceção única, em uma localidade do Oeste Mineiro;

c) é de tal modo grave a situação de Minas, que o inicio da campanha contra a lepra não admite mais contemporização nem adiantamento.



As conclusões aqui consignadas — diz o relatório — são as primeiras que se firmam em dados positivos pacientemente acumulados durante um ano, e refletem o esforço e a dedicação dos médicos incumbidos de pesquisas censitárias que se orientaram pela diretriz única de investigar a verdade, sem objetivo outro que não o do cumprimento do dever”.

Atualmente há, no Estado, cêrca de 10.000 leprosos.

Para combate ao mal que aniquila tantas energias e compromete tantas vidas, balanceêmos os nossos recursos.

O primeiro movimento, em Minas, em favor dos leprosos data de 1787, com a instituição, feita por Antonio Abreu Guimarães, de um legado para a manutenção de um hospital de lázaros em Sabará. Só em 1833 — quasi um século mais tarde! — foi satisfeita a vontade daquêle humanitário português, sendo instalado em Minas o único estabelecimento que no gênero tivemos até o ano atrasado.

O Estado dispôs, assim, durante 43 anos, dêsse único hospital para leprosos, sendo que a capacidade do mesmo era apenas para trinta leitos.

O problêma, porém, começára a ser encarado de frente. Em fins de 1921 teve sanção a lei 801, autorizando a criação de leprosários no Estado, até á importancia de 1.500\$000\$000, devendo o



governo federal entrar, por acôrdo, com igual importancia.

Decidida a construção de três leprosários, tipo colônia, com capacidade para 500 doentes, foi posteriormente resolvido, quando já se achavam adiantadas as obras da Colônia "Santa-Isabel", fosse modificado o primitivo projéto, de modo a ser, num só estabelecimento, abrigado o número de pessoas destinadas aos três anteriormente planejados.

Acertada foi a resolução, quer sob o ponto de vista econômico, quer em relação á questão de assistência técnica. Estando a Colônia "Santa-Isabel" situada a 45 quilômetros da Capital do Estado, póde facilmente atender a duas zonas grandemente flageladas pelo mal de Hansen — o Oeste de Minas e o Centro.

Lançada a pedra fundamental da Colônia em 12 de outubro de 1922, só em principios de 1927 foram intensificadas as construções. Veiu, porém, a crise financeira determinando ficassem, a partir de outubro de 1930, paralisadas as obras.

Dois meses depois, em dezembro do mesmo ano, o Govêrno Provisório da República, levado pelo motivo acima referido, deliberou recindir o contrato com o Estado para a manutenção do serviço de Saneamento Rural, Lepra e Doenças Venéreas.

Com êsse ato do Govêrno Provisório, todos quantos ansiavam por vêr funcionando a Colô-



nia "Santa-Isabel", tiveram a impressão de que muito remota ainda se achava a realização do grande objetivo.

O momento era angustioso. O Brasil saía de uma revolução que, não obstante ter que o encaminhar, como vai encaminhando, para destinos maiores e melhores, trazia, de começo, como todas as revoluções, a desordem nas finanças e no trabalho do país, com repercussão na vida de todos os Estados.

Minas — parte diréta no movimento reivindicador de 3 de outubro — não podia deixar de sofrer as consequências da momentanea perturbação.

Não é, entretanto, do espirito dêsse grande brasileiro, cujo nome devemos pronunciar com reverência e admiração — Olegario Maciel — não é do seu grande espirito parar nem desanimar quando se trata de ação que, por naturêza, deva ser mantida e prolongada.

E foi assim que, numa ocasião em que os bonus feitos na Imprensa Oficial circulavam como moéda papel no nosso Estado, o Govêrno, atendendo á premência da situação, á necessidade inadiável de se imprimir um forte impulso ao problêma de profilaxia da lepra, resolveu, num gesto heróico, abrir o crédito especial de . . . . 642:150\$000 para conclusão, instalação e funcionamento da Colônia "Santa-Isabel".



Entregue, a título precário, pelo Govêrno Federal ao do Estado a Colônia, foram, então, intensificados os serviços de conclusão das obras indispensáveis ao seu funcionamento; e a 23 de dezembro de 1931, poudo, finalmente, ser inaugurado o grande estabelecimento, que tão notável serviço vai prestando aos que sofrem do mal de Hansen, chamando por isso sôbre si a atenção e o aplauso de quantos se interessam pelo problêma.

A Colônia "Santa-Isabel" acha-se situada, á margem do rio Paraopeba, ocupando uma área de 605 hectares, a 45 quilômetros de Belo-Horizonte e a 4 e meio da parada "Carlos-Chagas", na Estrada de Ferro Central do Brasil, sendo também servida por excelente estrada de rodagem, que a põe em comunicação com a Capital mineira, entremeando-se, naquela parada, com a Estrada S. Paulo-Minas.

Despenderam a União e o Estado, na construção da Colônia, 3.000:000\$000, tendo, como já disse, o atual govêrno aberto um crédito especial de 645:000\$000, para terminação dos pavilhões indispensáveis ao funcionamento e para a instalação necessária ao internamento dos primeiros duzentos doentes.

De acôrdo com o plano geral da construção, a Colônia "Santa-Isabel" terá lotação de 1.500 doentes, estando terminada presentemente a maior parte do projêto, compreendendo 68 edifi-



combate ao mal de Hansen ficaram subordinados ao Centro de Estudos e Profilaxia da Lépra.

Mister se fazia entregar tais serviços a um técnico — o que se fez — no sentido de organização racional dos mesmos, de modo a não se dispersarem atividades, nem se applicarem métodos contraindicados, de resultados certamente pouco apreciáveis.

O Centro de Estudos e Profilaxia da Lépra, com a organização que teve, possibilitará, além da unidade de direção, o confronto dos resultados obtidos de modo a se fixarem diretrizes seguras no desenvolvimento da ação contra o mal.

Os serviços obedecem a uma sitematização calcada pelos técnicos da Saúde Pública em conhecimentos científicos da atualidade, consultadas, também, não só as condições do meio, como, especialmente no tocante ao pessoal, as dificuldades financeiras do momento.

O quadro de distribuição dêsses serviços compreende os dispensários, as colônias, os asilo-hospitais e os preventórios. O Preventório "São-Tarcisio", cuja construção vai muito adiantada, é obra da Sociedade Mineira de Proteção aos Lázaros e Defesa Contra a Lépra.

O coração mineiro bate em cada pedra que se vai colocando á margem da Central, na Parada "Carlos-Chagas" tão grande é a bôa vontade com que todas as portas se têm aberto para auxiliar a grande obra de sentimento, que d. Bereni-



ce Martins Prates e Djanira Lima, entre outras damas mineiras, têm propugnado, sem desfalecimento, na presidência daquela benemérita associação.

O Preventório "São-Tarcisio" destina-se a abrigar os filhos de leprosos e fica ao lado da Colônia, em sítio admirável, adquirido pela referida associação, cujo esforço e capacidade de sacrifício é justo acentuar.

Os pontos visados pela Saúde Pública no complexo dêesses serviços são: diagnóstico precoce tanto quanto possível, sendo todos os casos fichados convenientemente; recenseamento dos portadores do mal de Hansen, das pessoas que mantiveram ou mantêm contato com os doentes; dos individuos denunciados ou notificados; a investigação de casos novos; a elucidação dos casos suspeitos; notificados e comunicantes; pesquisas epidemiológicas, estudos da terapêutica da lépra, isolamento dos casos de lépra aberta; tratamento apropriado, educação e propaganda; incentivo às iniciativas privadas que se proponham colaborar com as autoridades sanitárias.

O dispensário central, que já se acha funcionando na Capital, segue esta orientação:

Diagnosticado o caso de lépra, se se trata de um doente não contagiante, fica em tratamento no dispensário depois de devidamente fichado. Se contagiante, é isolado na Colônia, no asilo-



hospital ou, em casos especiais, fará o tratamento em domicílio.

O serviço epidemiológico abrange os casos suspeitos, os comunicantes, os notificados ou denunciados. Os trabalhos de educação sanitária e propaganda anti-leprosa são feitos permanentemente.

Logo que seja possível serão estabelecidos dispensários nos grandes focos existentes no Estado, de modo a facilitar as investigações e o tratamento, por não ser praticável o isolamento em estabelecimento apropriado, de todos que necessitam desta medida.

Nos Centros de Saúde, Postos e Sub-Postos de Higiêne no interior do Estado serão instalados consultórios de moléstias de péle, com o fim de fazer o trabalho de *depistage*.

Como a denominação de Leprosário pudesse afastar daí os hanseanos com recursos pecuniários, e mesmo os indigentes, influindo também, de modo desagradável, no ânimo de todos pela idéia de segregação, mudou o govêrno do Estado a denominação de "Leprosário" para a de Colônia Santa-Isabel.

O efeito da medida não se fez esperar, e, logo após a publicação do referido decreto, a Diretoria da Saúde Pública recebeu consultas de doentes com recursos pecuniários desejosos de saber se na "Colônia" havia lugar para pensionistas.



Junto com os primeiros doentes indigentes recebeu a Colônia alguns pensionistas, que ali estão desenvolvendo sua atividade de acôrdo com o grau e fôrma da doença.

A Colônia "Santa-Isabel" terá capacidade para abrigar 1.500 leprosos.

A falta de algumas instalações complementares e, de verdade, suficiênte para manutenção daquele número de doentes, não permite á Saúde Pública lotar o estabelecimento.

A Colônia "Santa-Isabel", cuja organização social impressiona a quem a visita, com o seu policiamento, a sua moéda circulante, a sua vida comercial e intelectual, dando-lhe foros de cidade, é um grande centro de cura e de trabalho.

Os leprosos loucos e inválidos estão sendo recolhidos no leprosário de Sabará, que, reformado e ampliado na atual administração, duplicou sua capacidade, podendo abrigar de 60 a 70 han-senianos.

Na Colônia "Santa-Isabel" têm os doentes uma vida, tanto quanto possível, suavizada pelo regime ali instituído, visando dar-lhes, além de um tratamento adequado, uma situação social menos constrangedora, de modo a se sentirem satisfeitos dentro do infortúnio e relativamente felizes dentro dessa felicidade sempre relativa que a todos se distribue no grande e multifôrme quadro da existência.



Todos temos a nossa cruz no coração: umas de ferro, outras de ouro — pouco importa o metal — mas todas elas com o mesmo símbolo do sacrifício e a mesma esperança de redenção pelo sofrimento...

— Para tão relevante obra de solidariedade humana e de preservação individual, porque o mal terrível não tem enderêço, é que vos convocamos, senhores prefeitos, que me ouvíis.

No limite de seus recursos, a administração do Estado tem feito quanto lhe cabe. O futuro não a tomará por inerte ou desavisada.

O problema, porém, é complexo e de solução dispendiosa. As possibilidades do Tesouro não podem resolvê-lo de golpe, nem mesmo colocá-lo num pé de generalidade que seria para desejar.

Instalando, como disse, a Colônia "Santa-Isabel", remodelando e melhorando o Hospital de Lazaros, de Sabará, estimulado a iniciativa particular, como no caminho da Sociedade de Proteção aos Lazaros e Defesa contra Lepra; adquirindo, como já se fez, o terreno necessário á construção do Leprosário de Ibiá, destinado a servir ao Triângulo Mineiro e á zona do Oéste, o Govêrno do sr. presidente Olegario Maciel, como medida de alta relevância na profilaxia da lepra, baixou ainda o decreto n. 10.028, de 22 de agôsto de 1931, em virtude do qual ficou estabelecida a aposentadoria com todos os vencimentos para os



funcionários públicos que no exercício de suas funções forem acometidos do mal de Hansen.

Técnicos, esclarecidos e de uma dedicação inexcedível aos serviços de higiene e de assistência hospitalar em geral e, sobretudo, da profilaxia da lépra, mercê de Deus, não nos faltam: — Ernani Agricola, Zoroastro Passos, Antonio Aleixo, Orestes Diniz, Valerio de Rezende, para apenas citar os que ocupam postos de direção avançada, exemplificam, como os demais dignos auxiliares da Saúde Pública, quanto é alta e nobre, entre nós, a idéa do dever e a preocupação de bem cumpri-lo.

A campanha contra a lepra em Minas teve excepcional repercussão em todas as camadas sociais. De todos os pontos do Estado chegam á Secretaria da Educação e Saúde Pública, em Belo-Horizonte, quer direta, quer indiretamente, pela Diretoria técnica por onde correm os serviços de defesa sanitária do Estado, as ressonâncias do movimento, do grande e nobre movimento que vai incendiando o coração de nossa gente, da bôa gente mineira, toda ela cheia de grande desejo de cooperação no sentido de se resolver o palpitante problema que, focalizando o maior dos males que torturam a humanidade, tem na sua solução a maior obra de assistência que a Minas-Gerais corre o dever de realizar neste momento.



Se até agora não fostes insensíveis e esta campanha, — antes a tendes auxiliado com o melhor de vosso devotamento, — eu vos tenho a honra de concitar, senhores prefeitos, legítimos e preclaros representantes do povo da grande e gloriosa zona sul-mineira, a conjugardes os vossos esforços e energias — todos por um e um por todos — na fixação das forças concorrentes de cuja atuação surgirá o Leprosário do Sul de Minas.

Que êle surja — para vossa glória, como obra de uma passagem benfadada pela administração municipal; como transcendência dos sentimentos humanitários de nosso povo; como garantia da saúde e conservação da sociedade; como segurança e penhor de nossa produção e riqueza; mas a fôrça eterna do espírito, que é tudo.

E quando a nova Colônia altear, vitoriosa, a sua cumieira ao sol, pondo uma nota clara no oceano de verdura de nossos vales natais, que os caminheiros, olhando-a com respeito e piedade, possam ver nela, comovidos, não só a expressão da fôrça material, que é muito; mas, acima desta, a fôrça eterna do espírito, que é tudo”.



# RUTH

*Franklin Magalhães.*

Assim, como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, candida e béla,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina, que a trouxe na capéla,

O cheiro traz perdido e a dôr murchada,  
Tal está morta . . . . .  
Sêcas do rôsto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr, com a doce vida.

CAMÕES.

## I

Via, através do teu olhar, a aurora,  
Que em luz divina os corações descerra,  
A luz que vem de Deus e que a alma enflôra,  
A estrêla em lírios os sarçais da terra;

Via a alvorada rútila e sonóra,  
Que, além dos céus e além astros, erra,  
Tudo o que um crênte em sua crênça adóra,  
Tudo o que o céu no seu mistério encerra...

Minhas noites de luar, meus dias de ouro,  
Tudo o que o teu carinho me trouxéra,  
Contigo se me foi, meu anjo louro.

Sem ti, sem nada mais, quem te me dêra,  
Meu sól, minha esperança, meu tesouro,  
Meu céu, meu sonho, minha primavera?!...



## II

É o luar, e a aurora, e o sol, e o ouro, e a Esperança,  
Tudo a mim me levou a tempestade...  
Não mais o Sol do Bem e da Bonança,  
Foi-se-me o sonho de Felicidade...

Não mais o azul, nem o Arco da Aliança;  
Nem mais o luar da tua piedade...  
Só de ti e de tudo esta lembrança,  
Só de ti, filha minha, esta saudade...

A saudade de tudo o que fazias,  
Das carícias com que me despertavas,  
Dos carinhos com que me adormecias...

Saudade!... Em vez, agora, da doçura  
Dos abraços e beijos, que me davas,  
Só beijo e abraço a tua sepultura...

## III

Quando te foste, foi-se-me a alegria,  
Batendo as asas pela escuridão...  
E, no horror desta noite erma e bravia,  
Só vejo que não mais me voltas, não!

Quando o teu doce labio, me sorria,  
Abriam-se-me em flôres a alma e o chão;  
E quando dentro da alma a voz te ouvia,  
Abria-se-me o céu no coração...

Oh! Ninguém sabe a minha desventura,  
A corôa de espinhos, flôr querida,  
Todo o mundo do mal, que me tortura!...

I ai de mim! ai de ti! da nossa sorte:  
— Quem me diziam vir trazer-te a vida  
Foi justamente quem nos trouxe a morte!...



IV

Enches-me o coração e o pensamento;  
Sinto-os, na alma e no peito, noite e dia,  
Teus ansêios de dôr e de agonia,  
Todos os tranSES do teu sofrimento.

Fôste a minha alegria, e és meu tormento:  
Nunca mais os fugôres da alegria,  
Que irradiava de ti, que em mim floria,  
E era o ar da terra e a luz do firmamento!...

Si entre as trévas da noite, que me invade,  
Um reflexo do céu ainda me inflama,  
E' a lembrança da tua claridade...

Vejo-te... e ouço-te a voz, que ainda me chama:  
"— Vem, pai! Sem ti, de noite, é uma saudade!  
Põe tua cama ao pé da minha cama! — ”

V

Rompe a manhã numa explosão de rosas,  
Numa aleluia, num fulgôr sem fim...  
E, em pranto, eu lembro essas manhãs ditosas,  
Em que brincavas, rindo, ao pé de mim...

Há vôos de anjos no ar e asas radiosas  
De aves, que vão e vêm pelo jardim...  
E eu choro aquelas tardes venturosas,  
Em que contigo era feliz assim...

Depois, a noite em flôr enche os espaços...  
E eu te vejo, no meu desvairamento,  
Sorrindo, adormecida nos meus braços...

Dizem que a vida, que, em ilusões, se expande,  
E' flôr de um dia, é sonho de um momento:  
Tão curta a vida, e a minha dôr tão grande!



## VI

Mal desabrocha a aurora, o dia a leva;  
E, mal desponta a flôr, desfolha-a o vento:  
E o temporal desfez-te num momento,  
E o sól sem manchas nos cobriu de tréva.

E a alma de tudo, aos céus, com a luz, se eleva...  
E' um hino a terra, o mar e o firmamento,  
Mas, do profundo horror dêste tormento,  
Que bem da terra ou luz do céu me enleva?!...

Debalde o sól, em canticos disperso,  
A' seíva, ao oceano, ao azul, á alma transporta  
A alegria que vai pelo Universo...

Nada jámais o coração conforta  
A um pobre pai, que, em lagrimas imersò,  
Aperta ao peito uma filhinha morta.

## VII

Como uma flôr fulgindo na espessura,  
Sorria-me a tua alma piedosa;  
E eras tão linda, ó filha, eras tão pura,  
Como nunca o sonhára o lirio ou a rosa...

De ti, de tua graça milagrosa  
Vinha-me toda a fé, toda a ventura;  
E era a tua bondade carinhosa  
Como uma estrêla, que me abrisse a altura...

E agora inerte, e muda, e fria e morta,  
E, na mudez glacial do teu jazigo,  
Ainda te escuto, e o coração me corta,

Só eu te escuto, cheio de ansiedade,  
A voz tão triste: "Fica aqui comigo:  
Sem ti, de noite, pai, é uma saudade!..."



VIII

Meu lar ditoso, quando o enchia, outróra,  
O rumôr de tuas asas pequeninas;  
E que, aos gorgeios de tua voz canora,  
Ressoava de musicas divinas;

Que, em meio ás trévas e aos tufões, embora,  
Rutilava de estrêlas diamantinas  
Orfão de ti, minha filhinha, agora,  
Meu pobre lar é uma pobre lar em ruinas...

As aves da esperança me fugiram;  
E as estrêlas da fé, que nos alenta,  
Na noite da alma nunca mais se abriram...

Minhas horas de sól se me apagaram,  
Dêsde que nos caiu esta tormenta,  
E do meu coração te me arrancaram...

IX

De angústia a angústia, mais me precipito  
Na voragem da desesperação:  
E' que a tua lembrança enche o infinito  
Da minha dôr, da minha solidão.

E' que te sinto em mim: e, ansioso e aflito,  
Punge-me, a cada instante, o coração  
Teu derradeiro e lancinante grito,  
No desespero da última aflição.

E' que tudo: alma e sól, sombra e alvorada,  
Terra e céu se desfez em tréva densa,  
Com o teu último beijo, ó luz sagrada.

E, nomade sem paz, a errar sem norte,  
Seguem-me os passos, nesta noite imensa,  
A dôr, o pranto, o luto, a angústia, a morte...



X

Dêsde que se me fez a tarde escura  
Sôbre o meu dia, que brilhava tanto,  
Cobre o azul do meu céu, de canto a canto,  
A noite da tristeza e da loucura.

Como secar-se a fonte do meu pranto,  
Si, com o esplendor da tua formosura,  
Foi-se-me, ó flôr de angelica ternura,  
A alegria, a pureza, a graça, o encanto?!...

Sem ti, na terra nada mais existe,  
Nada, que torna alegre a terra triste,  
Nada, que faz o mundo benfazejo.

Como não ser eterno o pranto e o luto,  
Si tudo vive e canta, e eu não te escuto,  
Si tudo brilha e ri, e eu não te vejo?!...



# CICLO DE HELENA

Palestra feita em sessão da Academia  
pelo Dr. Mario Mendes Campos.

Em seu luminoso estudo, em que desfila a ronda harmoniosa das mulheres de Homero, Ad-dington Simonds lembra que em Helena devemos saudar o indestrutível espírito helênico.

O Ciclo de Helena exprime na sua significação simbólica a história viva da Beleza soberana e eterna.

Vem traduzir precisamente a interminável trajetória do espírito humano em torno do perene ideal de Beleza, que concretisa e unifica, em unidade de pensamento e unidade de criação, toda a história sentimental da alma humana.

E' a alma helênica, glorificada na epopéia homérica, símbolo animado no poema fáustico, maravilhoso elo de continuidade no tempo, entre o espírito moderno, incontentado e inquieto, e a eurythmia maravilhosa do equilíbrio grego.

Não ha que negar êsse permanente e iniludível tropismo da poesia para as suas fontes milenárias onde jazem os símbolos míticos que a irreverente ciência contemporânea fez ressuscitar



como subsídio de explicação da misteriosa *psiqué* do homem.

A poesia vem das ânsias recônditas do espírito, e, fonte de purificação, irrompe com o grito da alma libertada, comovida e assombrada diante da vida, a arte suprema capaz de nos revelar o coração humano nos seus transportes de sonho e nas suas convulsões de tragédia íntima.

A poesia deve ser, necessariamente, a voz onímoda do universo, refletida por um milagre do ritmo, na consciência dos poetas. Estes são semeadores de emoções. Neles cristalizou-se a sede infinita de ideal e de amor que empolga e tortura todas as almas na sua exaltação mística diante do destino incognoscível. São as vozes clamantes e vivas do sofrimento humano, nos seus anseios de libertação espiritual.

A emoção do ritmo poético, confessa Carlyle, existe em todas as almas e uma veia de poesia pulsa no coração de todos os homens.

Mas é preciso corporificar em imagens e formas, coordenar em ritmo e expressão musical, todo êsse mundo subjetivo de sensações e deslumbramentos, de êxtases inexprimíveis e exaltações tumultuárias, que sacodem em violência de emoção ou adormecem em hipnose de sonho, o conturbado coração humano.

Sómente o poeta tem o singular privilégio da simpatia irradiante, capaz de perceber e sentir, como num processo de transfusão mística, o maravilhoso espetáculo da vida.

Em sua exaltada sensibilidade vem refletir-se, como num ressoador prodigioso, aquele éco sonoro do universo, de nos fala o verso de Hugo.

Nos seus momentos de contemplação estética, o artista sente-se em comunhão integral com todos



os seres e todas as coisas, prêsas de emoção inefável.

Sente a vida como um milagre de festa permanente e sempre renovada.

Por isso êle póde repetir com Walt Whitman:

“Não vejo imperfeição alguma no universo...”

Os poétas foram sempre os grandes reveladores do infinito, porque pela sua privilegiada percepção animica, conseguem surpreender e exprimir os abísmos espirituais da consciência.

Neste sentido todos os poétas seriam místicos, isto é, realizariam o que Charles Lalo chamou o símbolo do misticismo, figurado nesta imagem de Novalis: “Entre os homens que ousaram contemplar de perto a deusa reveladora dos mistérios da natureza, só um conseguiu êste gozo inefável. Mas, que viu êle? Milagre dos milagres, viu-se a si mesmo”.

Nos fins do século 19, com o advento da ciência experimental no domínio da biologia, traçando novas diretrizes á psicologia, alguns espíritos dominados pelo septicismo quiseram proclamar a morte da arte, humilhada e oprimida diante do torvelinho material da vida moderna, só acessível ao pragmatismo positivo.

O próprio Renan, como um profeta da falência da arte e cheio de fervôr pela ciência, semeára o veneno do desencanto amargo...

Apezar disso a poesia ficou, porque só ela é capaz de nos dar a visão global do universo e revelar os espetáculos da vida interior...

“A poesia como a ciência, diz Mathew Arnold, é uma interpretação do mundo, mas as interpretações da ciência não nos darão nunca êste sentido íntimo das coisas que nos dão as interpretações da poesia, porque se dirigem a uma faculdade limita-



da, não ao homem integral, eis aí porque a poesia não pôde perecer”.

“O poeta, diz Guyau, é, entre todos, aquele que melhor apanha a relação da forma com a emoção e o pensamento; faz emergir pela imagem o que se oculta e se ignora no fundo de cada um de nós. E’ por isso que os antigos viram nos poetas sêres quasi divinos, pelo menos inspirados dos deuses”.

Pelo poder de compreensão intuitiva e pelas sugestões que nos transmitem, são os plasmadores e edificadores da nossa estrutura sentimental.

“A alma que temos hoje, diz Jean Carrère, foi construída e modelada pelos poetas, historiadores e filósofos que nos falam ha seis mil anos: e, na alma das futuras gerações entrará forçosamente alguma coisa do que escrevemos hoje”.

Os poetas realizam justamente o milagre de nos comunicar este sentido de continuidade sentimental da alma humana, em face do universo...

E’ dentro desta corrente de poesia que abre amplas perspectivas de altos e novos pensamentos, que devemos colocar o “Ciclo de Helena” do sr. Francisco Campos, em cuja mentalidade a mais séria cultura humanista não conseguiu apagar a chama da sensibilidade estética, permeável ás impressões da Beleza, a única realidade natural, aos olhos de Shelley...

Antes foi, sem dúvida, a sua poderosa organização cultural que permitiu orientar a emoção espontânea de maneira a comunicar aos seus poemas profundas intuições espirituais e um alto sentimento de inquietude metafísica que foram em todos os tempos um signo das mais nobres criações do pensamento.



Podemos incluí-lo na galeria daqueles espíritos de que fala Unamuno, atormentados pela sêde do infinito e pela fome de eternidade...

Sentimos na sua obra, a cada passo, qualquer coisa de misticismo filosófico que empresta uma gravidade litúrgica a algumas de suas poesias, todas elas impregnadas daquele assombrado sentimento do mistério que forma o fundo psiquiso dos verdadeiros poetas.

No seu lirismo moderno, feito de inquietação e de ânsias espirituais, não plange o monocórdio das lamúrias amorosas a que estamos habituados e que formam um aspecto tão característico da lírica brasileira. Por outro lado, não lhe sobram as confissões tumultuárias e candêntes, incendiadas de paixão, que Eros acende na hiperestesia emotiva das musas tropicais...

No "Ciclo de Helena", ao lado de admirável evocação de estados d'alma, vibram incoercíveis estremecimentos do espírito humano traduzindo o drama interior do pensamento.

Mas é certo que no cosmorama sombrio em que se reflète a tortura do infinito, como diria Pascal, alvoreja a imagem tutelar do amor rasgando clareiras iluminadas e tranqüilas onde o coração repousa, na hipnose beatífica do sonho.

Ha uma feição psicológica que singulariza o poeta do "Ciclo de Helena": Quero referir-me á irresistível sugestão do movimento que anima quasi todos os seus poemas. Percebe-se que êle tem a eterna fascinação do movimento, que empolgára a meditação dos filósofos gregos.

Na poesia inicial do livro *Rio que Passa*, êle nos dará a imagem viva da mobilidade das cousas, refletindo a trepidação permanente do pensamen-



to que vive em perpétua criação, na fantasmagoria das paisagens interiores:

Meu amor é como o rio que passa...

Nas suas águas molhando o céu e refletindo a paisagem...

luz, azul, felicidade, beleza, graça,  
tudo passa no cáldo esplendor da líquida voragem...

Sôbre as águas móveis passam as noites e as alboradas, como as horas de agonia e as horas iluminadas de ventura:

Meu amor é como o rio que passa, remansado e lento nas suas águas refletindo a noite, a madrugada e o dia, a dança das horas claras e felizes, e o tormento das horas de pezar e de agonia...

Dentro da movimentação incessante das coisas não ha o ritmo da imobilidade... No rio do pensamento que não pára, a dutilidade inquieta das idéas entretece e borda imagens que nunca se repetem:

Tudo, como nas águas do rio, nas suas águas se reflete,  
as rápidas manhãs, as tardes lentas e as noites que passam  
|devagar...

mas nunca a mesma imagem nas águas se repete,  
pois o rio vai passando e não pára de passar...

Não se póde descer duas vezes o mesmo rio, dizia Heraclito que teve a intuição da perpétua mobilidade do universo...

O poeta percebe a mutação illusória das formas e das imagens desfilando no espaço e no tempo, num caleidoscópio que refléte a illusão universal:



Sobre as aguas do rio tudo passa, tempo, céu, espaço...  
 todas as formas e todas as imagens passam para não mais  
 e por onde passa, o rio vai deixando saudade, ilusão, can- |tornar.  
 de tudo quanto nele se reflete, a efêmera alegria e o eterno |saço,  
 |pezar...

Rio que passa para não mais tornar... aguas felizes...  
 no teu móvel espelho se refletem as cousas boas,  
 horas de todas as côres e de todos os matizes,  
 soalheiras, alvoradas, nuvens tépidas e frígidas garôas...

e passam tambem as cousas tristes e as cousas más...  
 No teu espelho, porém, rio que passa... aguas felizes,  
 tudo, apenas nele se reflete, vai ficando para trás...

Ha um simbolo expressivo que forma o ambiente maravilhoso, o portentoso cenário em que se desdobram as criações dêste animador de símbolos: é o mar que rebrilha e tumultúa na maioria dos seus poemas, comunicando-lhes um sentido de fôrça cósmica, tão raro entre os nossos poetas.

Ao contrário de Charles Maurras que percebeu no oceano um sentido de finito, de limitação, em virtude da curvatura geométrica que no horizonte funde o céu e o mar, o aedo do "Ciclo de Helena" sentiu o panorama das aguas marinhas como a sugestão dominadora do infinito.

Devemos apontar a freqüência com que o poeta, animador de forças secretas e criadoras, evôca a imagem fáustica das Mães, e a cada passo se sente arrastado por uma irresistível atração do mar.

Segundo as tradições homéricas e dentro da acepção dos velhos símbolos mitológicos, no oceano estão as forças plasmadoras e germinadoras dos seres, o que identifica o mar e as Mães, potências criadoras, maravilhosas divindades a cujo influxo de criação benfazeja contornaram-se em



formas e aparências visíveis, as energias informes das origens...

O admirável poder de evocação do poeta, maravilhado diante do mistério, vai renovar o milagre da lenda e vai operar a ressurreição mágica de Anadyomene que surge como aparição divina entre as espumas das ondas mitilenas...

Em *Anadyomene*, vemos uma das mais belas poesias do volume, de soberba expressão simbólica, grave pela profundidade da inspiração.

O poeta celebra a maravilha da forma da primeira criatura, banhada de luz, como a imagem viva da própria natureza, onde a vida mobiliza e emaranha misteriosas forças de criação. Não convém mutilar num extrato imperfeito a estrutura inteiriça do poema que merece ser reproduzido integralmente:

Quando do mitileno mar surgiste, tendo como roupagem,  
na sua transparência, e luz, eu vi a forma eterna e pura,  
e, na tua forma e na sua limpidez, a imagem,  
ao largar das mãos de Deus, da primeira criatura...

Nas tuas formas se escondia, porém, a natureza,  
numerosa, múltipla, profunda, elementar...  
ainda eras fealdade e já tinhas as formas tocadas de beleza,  
do mar azul surgias e eu sentia que o teu corpo ainda  
era mar...

Camtam em ti os elementos, sôbre a humana inteligência,  
o canto de vitória e o mundo das formas nas tuas formas  
|se rejubila e resplandece...  
e, no seu eterno jogo de dissimulação e de inocência,  
a natureza, nos teus géstos, nos teus olhos e nas tuas formas  
|me aparece...

Em ti eu sinto o nobre esforço da perfeição e da beleza,  
e o peso e a queda e o prazer e o amargo sofrimento,  
que te arrastam para o seio em que te gerou a natureza,  
sem alma, sem coração, sem pensamento...



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Por onde passas passam as Mães e os elementos,  
a vontade nua, a criação gratuita, a correnteza cega do de-  
|sejo...  
e nas tuas curvas, nos teus passos, nos teus alados e huma-  
|nos movimentos,  
o mar, os ventos, a dança das estações e os jógos da luz e  
|do azul eu vejo...

Anadyomene ou Afrodite, divindade da beleza suprema, governa também a natureza, tecendo a têia das formas e das aparências, acendendo no coração humano a flama do desejo e das ilusões.

Mas o poeta continúa a desenrolar a cadeia dos símbolos:

Os teus dedos tecem com os fios do desejo e da ilusão,  
a têia das aparências e das formas, em que, por um momento,  
como o prisioneiro que se sentisse livre da prisão  
a natureza, no ser humano, se transfigura em amôr, em alma  
|e em pensamento..

Em ti a vida e a morte, as formas e as figuras,  
as imagens e as visões com que o amôr nos ilude e nos en-  
|gana..

Nas tuas mãos modélas e nos teus olhos configuras  
as aparências e os sonhos em que consiste a felicidade e a  
|dôr humana...

Em ti a razão, número, medida, imagem,  
rítmo que compõe, congrega, limita e ordena,  
por entre o turbilhão dos elementos e a sua líquida voragem,  
o mundo dos desejos e das formas em cadência harmónica e  
|serena...

Mas, em ti eu sinto, no mármore da frente,  
no olhar distante e na tranqüillidade e no repouso da expressão,  
como na pedra o borborinho e o rumôr da fonte,  
o plasma das origens refluir, e o tremôr e a inquietação,  
e a angústia e a dôr, que as Mães, no ser humano,  
por entre caricias, com o coração e o pensamento,  
instilam para que preso fique ao sêio augusto e soberano  
de onde surgiste, Helena, para o nosso desespero e para o teu  
|eterno sofrimento...



Em "Sinfonia Azul" páira uma visão solar que transfigura todas as coisas, na vertigem estonteante da praia luminosa.

Cumpre assinalar mais uma vêz o pendôr instintivo do poeta para o cenário marinho onde a côr azul espiritualiza a paisagem e amplia a visão dos horizontes, dilatando a perspectiva das distâncias infinitas...

O poeta retém no subconciênte aquele inextinguível anseio de infinito que domina o pensamento moderno e por isso mesmo as tonalidades picturais das suas paisagens exteriores vão refletir êsse estado dalma transcendente.

Ha em Spengler um curioso conceito em que se define a significação psicológica das côres algumas das quais são capazes de transmitir-nos o sentido da irrealidade das coisas, como o azul e o verde, que anulam a matéria e criam a impressão dos infinitos horizontes...

Ha uma frescura de pastoral nesta suavíssima aquaréla azul, onde o pensamento, fluidificando as coisas, parece esvoaçar difundido na atmosfera luminosa...

Amor, quando te vejo  
tudo em tórno de mim se transfigura,  
o azul do céu se ilumina de desejo,  
o mar azul se aquéce e se quebranta de ternura...

Quando te vejo, não é em ti que penso,  
é no azul, na luz, nos fluidos e alados elementos,  
o céu azul sôbre o profundo mar suspenso...  
e o bando dos meus serenos e fáceis pensamentos,

entre o céu azul e o mar azul revôa e passa,  
e na luz do dia e na fascinação do teu olhar,  
passa, dança, brinca, embala-se e esvoáça,  
como a poeira de ouro das horas núas sobre o mar...



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Na poesia sob o título lendário de *Nausica*, nome que representa no mundo das mulheres de Homero uma flôr seráfica de pureza e ternura, a musa tutelar do poeta o conduz novamente á beira do mar, sôbre o qual “a luz depõe o pasmo e o esplendor do dia”, enquanto o corpo primaveril com o rêmo das mãos abre um líquido sorriso sôbre o mar severo”...

O cantor que sentiu a emoção da agua marinha obedeceu ao verso de Beaudelaire:

“Homme libre, toujours tu cheriras la mer”

Ha outro aspecto que caracteriza a sua poesia de singular ressonância, de ritmo inquieto e trepidante: é que no seu lirismo não ha a negação da vida e o desencanto do destino, antes fulgura nele a apoteóse das horas solares de afirmação e de amôr...

Em *Nascimento e Morte do Mundo* desdobra-se o cosmorama dos sonhos ao milagre do amôr que vai operar a mais imprevista e surpreendente das mutações.

Mergulhado como um anacoreta na contemplação, o poeta entrega-se na tarde serena e azul, aos silêncios da solidão, aos êxtases beatíficos do pensamento livre.

O poeta está submerso no abismo de si mesmo. O mundo interior fez desaparecer as formas e o movimento.

Sob a imensidade do céu azul, a imensidade do mar azul, dilatando os horizontes ilimitados, anulando as realidades sensíveis...

Diante da vida como que parada, nesse estado de encantamento musical em que nos mergulha a visão das aguas profundas, a solidão criou o anelo místico do infinito, e tudo é ausência, fuga, silêncio, distância, dispersão...



O artista comovido sabe de acôrdo com Stendhal, que a Beleza é uma promessa de felicidade, dando ao homem a sensação de plenitude e o sentimento da nossa integração na vida universal.

Na sua alma, em teorias harmoniosas, rondam estradivários, tecendo a têia musical das imagens e das ilusões, esvoaçando no mundo subjetivo...

Estava só quando chegaste... Aos meus pés dormia o mar,  
como o velho leão aos pés do Bramane dormia...  
e da tarde no funéreo encantamento e na mortal magia,  
perdido no azul e na distância, errava o meu olhar...

Estava só quando chegaste... mas imagina e pensa  
o que haveria de ser a minha solidão...  
sôbre a imensidade do mar a imensidade do céu suspensa,  
e entre uma e outra, apenas eu, meu pensamento aládo e meu  
|terreno coração...

Só comigo mesmo e em tórno, a luz, o azul, a distância, a  
|imensidade...  
e no azul e na distância, na poeira de ouro da tarde, o  
|mundo das formas liquido e desfeito...  
Tudo parecia tão longe e tão remoto na infinita claridade,  
tudo tão claro e tão ausente como a coisa na luz e na trans-  
|parência do conceito...

Como a gôta de orvalho no lotus azul por um momento  
rebrilha e trême o seu liquido cristal e depois se evapóra e se  
|desfaz,  
assim, do mundo, na terra azul em que perdido errava o pen-  
|samento  
e o olhar, no céu, como num lotus azul, dissipou-se a forma  
|efêmera e fugaz...

Em tórno a tarde maravilhosa... em face de mim o mar...  
e na poeira de ouro da tarde a poeira de ouro dos sonhos,  
|das visões e das imagens,  
que a todo instante no vago pensamento e no distraído olhar,  
pensavam, como no mar veleiros, lentos e aládos... ninguém  
|sabe para que viagens...



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Estava só quando chegaste... só comigo mesmo. O mundo,  
na tarde serena e azul, passára como um sonho na minha  
|fantasia...  
e o tempo era como um espaço múltiplo e profundo,  
em que só silêncio e ausência e distância e azul... e nada  
|mais havia...

Mas, eis agora, chegado o momento da trans-  
figuração.

Sóbe das águas mansas e desce da imensida-  
de azul, difusa e dispersa em todas as coisas  
uma nova e surpreendente poesia e o que era  
dantes silêncio, ausência, solidão, tornou-se ago-  
ra música inefável, presença, palpitação de azas,  
esplendor de primavera...

Mas, afinal, chegaste... e no azul distante,  
e no céu remoto e no ar e nas águas e na luz e no sossêgo  
|do mar  
era tudo presença, contáto, aparição, tremôr de azas e de  
|formas... andante  
alegro... dança do mundo, na tua juventude ressurgindo para  
|o meu olhar...

Chegaste, e, com a tua presença, veio a mim a beatitude,  
e a beleza e a graça e o canto e o esplendôr da primavera,  
e tudo em torno de mim era existência e plenitude,  
no mar, no céu, na terra e na luz e no azul da atmosfera...

Chegaste, e no meu sonho a humida neblina em luz e azul se  
|desfazia...

Trouxeste-me para a terra e me arrebataste para o céu...  
e a luz, na tarde azul, abriu a transparência do seu véu,  
e dele tu surgiste e nas tuas formas o mundo das formas re-  
|nascia...

E á beira do mar azul, estendida na areia,  
compunhas o mortal e o imortal, a passagem e duração,  
pelo amôr e pela beleza combinando, a têia,  
na tarde azul, do nascimento do mundo e da tua aparição...



Passo agora a reproduzir “Corôa de Violêtas e de Rosas”, que nos vai dar uma outra feição de lirismo místico do poeta, habituado ao ímpeto dos altos pensamentos.

Aqui, o citaredo amável, liberto da angústia metafísica, deixa vibrar somente a música do sentimento, transmitindo-nos a impressão subtil e suprasensível de que ha uma poesia da poesia, segundo Novalis...

Eu compuz para a tua cabeça, no meu hombro reclinada,  
uma corôa de rosas e violetas...  
Nela se reuniam os tons de todas as palhêtas,  
do ouro quente da tarde ao líquido ametista da manhã  
|molhada...

Para a tua cabeça na tua solidão compuz  
uma corôa de violêtas e de rosas...  
tudo nela era humildade, caricia, castidade, luz,  
profundo azul de violêtas, claro esplendor de rosas...

Eu compuz para a tua cabeça uma corôa de adoração,  
uma corôa de violêtas e de rosas...  
as violêtas tímidas tremiam e as rosas desabrochavam de  
|emoção,  
enquanto a hora não chegava no transcorrer das horas va-  
|garosas...

Eu compuz para a tua cabeça uma corôa de ternura,  
uma corôa de rosas e violetas, uma corôa humida e macia...  
eu compuz para a tua frente adolescente e pura  
uma corôa em que entravam os segredos da noite e as efusões  
|do dia...

Eu compuz para a tua cabeça de criança,  
uma corôa de sonho, de inocência e de brinquedo...  
nela as rosas se animavam de esperança  
e as violêtas encolhiam-se de medo...

Eu compuz para a tua cabeça e as suas imagens ardentes,  
com que a emoção veste de nudez o pensamento,  
uma corôa de perfumes envolventes,  
uma corôa de intimidade e de recolhimento...



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Eu compuz para a tua cabeça uma corôa agréste,  
uma corôa de espinhos, uma corôa de sacrifícios e de renúncias dolorosas,  
que com os teus beijos, as tuas carícias e as tuas mãos mágicas desfizeste,  
transformando-a numa corôa de violêtas e de rosas...

Uma inefável música, em surdina, evola-se dêstes versos ungidos de tocante espiritualidade, como uma nota de comovida expressão lírica, com que o cantor do "Ciclo de Helena" fascinado pelas idéias e pelos altos pensamentos, sabe refletir o seu poderoso instinto de beleza.

A sua musa austera e grandiloqua sabe também transformar em ritmo e encantamento os mágicos momentos do coração...



## Deslumbramento

Para o deslumbramento augusto do mistério!

OLAVO BILAC

Cada recanto d'alma é um misterioso mundo,  
cheio de treva e sol, de luto e de esplendor.  
E, assim si dentro em mim a análise aprofundo,  
vejo como é infinito o cósmos interior.

Tal como a mergulhar num pélago me inundo,  
e embalde lhe prescruto o ádito, com temor:  
não ha medir-lhe o leito e nem sondar-lhe o fundo,  
misto de torpe mal e de sublime amor.

Quanto mais da existência o tenue véu se esgarça,  
e os penetrais do Além mais proximos nós vêmos,  
e a escuridão se esfaz na grande luz esparsa,

— como um raio que fulge em meio ao céu nevoento —  
eis que se nos revela, em extases supremos,  
*Deus que é Paz, Deus que é Amor, Deus que é Deslum-*  
*bramento!*

Abril MCMXXXII

JOSE' DE MESQUITA.



## Malum aureum

Acontece nestas minas de Cuiabá uma coisa rara, e vem a ser que as laranjas... com as primeiras chuvas de Setembro e Outubro tornam-se vigorar nas arvores.

(Cronica de Costa Siqueira, ano 1782.)

A OCTAVIO CUNHA

Pômo que do ouro tens o nome, a côr e o encanto  
e da selva o frescôr e a mélica doçura,  
nobre fruta real, que és mimo da natura,  
gema rica a exornar da flóra o verde manto,

— todo o ouro do sol no teu ouro fulgura  
e o privilegio tens, neste verde recanto:  
reverdeces ao vir o benéfico pranto  
das chuvas prenunciando alegria e fartura...

Tal como a ti, ao poeta a sorte lhe é fadada  
de se revigorar, no sonho ou na saudade,  
si jamais se lhe estanca a inspiração sagrada

e até da vida ao fim que o outono denuncia,  
ostenta, como tu, nova maturidade,  
e reverdece em estro, em cantos, em poesia!

JULHO MCMXXXII.

JOSE' DE MESQUITA.



## Paradoxal

Viver morrendo, por ter vida e morte  
No teu perfil, que me dá morte e vida,  
E' com certeza, minha flôr querida,  
Porque sou fraco e ao mesmo tempo forte.

Vejo minha alma triunfar da sorte,  
Sentindo-a logo sem ação, vencida;  
Contemplo a noite e a solidão dorida,  
Mas volto a vêr teu garboso porte.

E nesta luta que eu estou lutando,  
No paradoxo de morrer vivendo,  
Tu me dás vida e tu me estás matando.

E, a pouco e pouco, assim, vai decrescendo  
A minha crença e o amor vai aumentando,  
Em torno da idéia de viver morrendo.

MENDES DE OLIVEIRA.



## Canção medieval

Bôa noite, senhora ! Ao teu castélo  
Venho bater em busca de um abrigo,  
Até que chegue a rútila manhã.  
Quero sómente um cômodo singelo  
Para os sonhos de amor que vêm comigo,  
Formosa castelan.

Estou cançado de trilhar espinhos,  
Cançado e triste pela noite em fóra,  
Seguindo a imagem de um Torreão azul...  
Ouvi dizer que ha inéditos carinhos  
Nesta morada que a tua alma inflora,  
Linda filha do Sul.

MENDES DE OLIVEIRA.



# CABEÇA DE HEMIPLÉGICO

## NONA EXPOSIÇÃO DE BELAS-ARTES DE MINAS-GERAIS

*Cronicas de ARTE, do prof. Lopes Rodrigues, da  
Escola de Medicina da Universidade de  
Minas-Gerais*

### I

Fui, ontem, á minha visita anual á Exposição de Belas-Artes de Minas-Gerais. E' o nono mostruario desta especie que, aqui, se realiza, em ordem histórica, expondo virtudes de arte autochthone, inspiração nossa, por feitos e iniciados.

Discípulos e mestres ali se confundem, sem hierarquia social, batons de noviços e telas de consagrados, um ou outro pintor de fóra, tudo bem arrumado, em conjunto harmônico, distraindo a vista e prendendo a emoção, em um nivelamento amigavel, a estimular os jovens figurantes no se ombrearem aos de fama.

O aspecto geral da Exposição é agradável. Não são cataplasmas monótonas em galerias submissas. Ao contrário, estilos vários, movimento, ordem, ritmo.



Detive-me durante alguns momentos a procurar meu genero predileto: pintura mistica. Fui infeliz. Paisagens, retratos, alegorias, vistas, natureza viva e natureza morta, decoraçãõ; assuntos históricos, naturais, reais e realistas, lirismo, romantismo, ficção; cenas da cidade, do interior, arquitetura de todo genero...

Nenhuma cêna mistica.

De "místico" apenas uns quadros indirectos, evocativos; "Oratório de Ouro-Preto", "Capela Abandonada", "Capelinha em Ruinas" (Anibal Mattos); "Coração de Jesus" (Lydia Cavalcanti); "Capelinha do Alto da Serra" (Renato Lima); "Flôres e Oraçãõ a Santa Cruz" (Raul Tassini); "Igreja Colonial", "Igreja Gotica", "São Jeronimo" (Ferber).

O "Judas" de Augusto Nery, bem feitinho, estaria na ala dos misticos, se não fosse, qual os outros, incapaz de idealizar a emoçãõ do "divino", cópia de original infeliz, lembrando a figura de um egípcio ambulante...

A IX Exposiçãõ não tem uma cêna mistica, um raio de luz espiritualizado no sentido patetico do misterio, nem um São-Sebastião crivado de flechas, nem um extase de uma Santa-Catarina, nem ao menos o simbolismo religioso de um "Cordeiro Místico".

Após um ligeiro relance pelas galerias da IX Exposiçãõ, eu me resignei a contemplar e a analisar os generos que os outros gostam, de vez que me não foi dado penetrar nela com aquêle sentimento piedoso que leva os misticos ás antecâmaras de Giotto, o Angelico, Rembrandt, Burne Jones, Puvis de Chavannes.

Na ala esquerda, face a face da escala que dá acesso á sala principal, fui detido por um quadro



diferente de todos os quadros ali expostos: cabeça humana, facies de uma entidade mórbida expressiva e excepcional entre generos tão díspares. Tive a impressão imediata de estar diante de uma das telas historicas das velhas iconografias da Salpêtrière.

A' primeira inspecção, cabeça edosa, masculina, de facies assimétrica, revelando um desequilibrio do tonus muscular dos dois lados do rosto.

A uma análise mais detida, a assimetria da face se revela em toda sua pujança. Face esquerda relaxada, caída e lisa. Desaparecimento das rugas do lado esquerdo por comprometimento da contração isocrona dos frontais e superciliares, com desigualdade da arcada superciliar. Atitude de sôno da palpebra esquerda, com apagamento das gelhas. Narina e bôca esquerdas deprimidas; desaparecimento das pregas cutaneas da bochecha; grande dobra nasogeniana quasi completamente apagada, mais obliqua. Nenhuma expressão fisionomica do lado vulnerado, em contraste com a vivacidade expressiva do lado direito.

Cabeça de hemiplegico...

O autor revela conhecimentos anatomicos. Dado que não seja original, não bastaria um prodigio de copia para que interpretasse a emoção do complexo fisiopatologico que se esboça. O artista, foi além da expectativa de um médico artista, imprimindo á "cabeça de hemiplegico" um jôgo de sombras que ha de celebrisar a referida tela. Revela ainda um conhecimento exato sôbre o mecanismo anatomo-patologico das hemiparesias faciais.

"Cabeça de Hemiplegico", serviria a um anfiteatro de demonstrações clinicas. Dentre o jôgo de sombras a que me refiro, quero salientar o se-



gundo pisodio: nota-se uma cholemia do lado paralizado ou seja uma coloração amarelada, o que o aproxima de certos casos não de todo raros, mas, até certo ponto, excepcionais, de hemictericia na hemiplegia. O artista configurou a expressão de seu motivo num complexo distrofico e secretorio que harmonizou a palidez macerada da face esquerda, discromia parcial, nem sempre em tais casos, ao jôgo de nuances que colaboram na facies fatigada do cerebropata que êle descreve. E' uma tela notavel.

Está assinada por Anibal Matos.

Não quero conferir ao mestre da pintura brasileira a inconciência do próprio mérito, mas êle mesmo, nos meritos inconcientes que fazem de todo artista a expressão recapituladora de meritos atavicos, filogeneticos, que se desdobrem na base espontanea de seus traços, de suas produções ou seja o determinismo psicogênico natural das vocações, está longe de imaginar o que representa, em o realismo patologico da arte, a "Cabeça de Hemiplegico".

E' um quadro do qual não podem passar ao largo os medicos, sobretudo os neurologistas. Até agora, tem dado tratos á excogitação ingenua das normalistas e conservatoriantes que, de artinha na pasta, não se comprazem em vê-lo com aquela timida caricia com que contemplam o "Marte e Venus" de Erico, o qual defronta a importante tela de Anibal Mattos.

"Cabeça de Hemiplegico" passará ao rol das deformidades que inspiraram, entre outros povos, outras mascaras celebres. Evoca as da Cathedral de Reims, deformes, acromegalicas e estrabicas.

Entre nós, inda é escassa a galeria dos deformes na tela, mais abundantes na literatura de li-



mitação e de aproximação das nossas incapacidades criadoras. Neste particular, entre nós, a pintura está atrás da literatura.

A psicologia nas personagens de escultores, isto é, da fauna plumitativa de nacionais e estrangeiros, já é um gênero no Brasil, raro embora, quando sério, senão abundante no sentido imoralista de novelas e panfletos sob o paládio da eugenia da raça, surtindo a gana de eroticos autores e sensuais ledores; literatura venerea, disfarçando em cristas e papilomas do patico-erotóforo de pudendas manifestações a cerimonia extasiada de contempladores reconditos.

Os monstros da téla, no sentido da evolução normal, fisiologica da arte precisaria, ainda, de um século, entre nós, para que vençam a penumbra do advento metafisico do nosso instinto.

Os primeiros pintores da medicina se esmeraram, sobretudo, entre os artistas da Escola Flamenega e da Escola Holandesa. Dentre os mais evidentes: Van Ostads, des Nicolas Maas, des Gérard Dou, des Van Mieris, des Jean Steen, des D. Tenniers. Foram, segundo Henry Meige, os evocadores, na pintura, das melhores paginas de Molière e de Rabelais.

Charcot, o fundador da neurologia, o maior médico de seu século, sábio imortal e gênio da medicina, não conseguiu esgotar, juntamente com Paul Richer, médico e artista, a documentação figurada do patológico na arte, legada, principalmente, pelos pintores dos Países-Baixos.

O grande neurologista francês, em suas obras memoraveis intituladas "Les Demoniques, Les Malades e Les Difformes dans l'Art", fez colheitas importantes para a ciência e para a arte, estudando o interêsse médico que aquelas produções



pudessem suscitar á curiosidade do homem de ciência.

“Charcot Artista” foi o t ema por mim lembrado e estudado, quando a Academia Nacional de Medicina, comemorando o centenário do sábio francês, permitiu-me ombreasse   tribuna austera donde falaram sôbre a vida do neurologista francês, os neurologistas e psiquiatras brasileiros.

Possessos e demoniacos, anões, deformes, gigantes e loucos, paraliticos, c nas de medicina e de cirurgia, partos, extases e charlat es, toda a mesinharia grotesca e culinaria dos “barbeiros” celebres, nada faltou   palheta ironica e patetica dos realistas flamengos do XV e do XVIII séculos, os quais deram t ema   exegese diagnostica do maior artista na medicina que foi Charcot.

A lepra na arte predominou entre os artistas das escolas italiana e alemã, desde os séculos XIV e XVI, manchando as t elas de Taddeo Gaddi, Antonio Veneziano, Andrea de Firenze, da escola de Giotto.

Entre os enfermos do fresco de Piza, “O triunfo da morte”, há figuras de mutilados e corroidos pela lepra. A pintura florentina guarda o fresco de Masaccio. A “Caridade de Sant-Martin”   um dos quadros celebres de Pietro del Donzello, onde figura um leproso sem mão. O mesmo t ema, em outra t ela, de Conrad Witz, fim do XV século, põe em evidência um mendigo leproso com o qual S. Martin divide seu manto. Hans Holbein, Mathias Grünewald, Hans Bugkmaier, A. Dürer são outros tantos pintores da lepra.

O “Bocio na arte” (Leonardo de Vinci); “Personagem com bocio”, quadro da Flagela o de Cristo (Hans Holbein); os piolhentos na arte, através do “Piolhento” (Murillo); “O piolhento”



(Gerard Dow), na Pinacoteca de Munich, além de outros do mesmo gênero, de Pieter de Hoch, no museu de Amsterdam, e o de Jean Miel. "A doente" (Samuel van Hoogstraaten), museu de Amsterdam; "Dentista", (Gerard Dow), museu do Louvre; "Arrancador de dente", (Adrien Brauwer) museu Kums; "As pedras na cabeça", (Jeronimo van Acken) museu de Amsterdam; "O cirurião do lugar" (Van Hemessen) museu do Prado.

Raphael deixou "Elymas o cego". Beato de Fiesole reproduz num fresco do Vaticano, a figura de um cego: "Bem apanhada, rígida, cabeça ereta, face impassível, bastão na mão". A "Parábola dos cegos", de Breughel, está no museu de Napoles. Rembrandt fez o seu "Thobias cego", e nesta especie morbida inda há "Os cegos de Jericó", de Poussin, "O Belisario", de David, o "Homero cego", de Gerard, os principais.

Dois documentos antiquísimos remontam á devastação da sífilis no XV século: "La vierge aux sifilitiques", estraido de uma gravura de Grünpech, aproveitada pelo grande sífilógrafo francês, Ricord, o qual a reproduziu em seu tratado sôbre doenças venereas (1851). O segundo documento, de Mathias Grünewald, está no museu de Colmar, Alsacia, e representa Santo Antonio atormentado pelos demonios.

"Pedras de Cabeça", "Pedras de Ventre", "Arrancadores de Dente", "Pedicuras", "Sangrias", são motivos que esgotaram a animação de pintores realistas: A. Brouwer, Gerard Honthorst, Th. Romboust, Adraen van Ostade, Gerard Dow, Jan Steen... e figuram em museus celebres: de Dresde, do Prado, de Cassel, Galeria de Vienne, Louvre, de Haia... "O Operador", de Jan Steen, em duas télas, uma no museu de Rotterdam, outra no



museu de Bruxelas, bem como o seu memorável "Charlatão", são três produções maravilhosas. "Um parto no fim do XVI século" é o quadro de E. Wickersheimer que, esclarece, segundo uma miniatura da Bibliotéca Nacional da França, os usos da época, em tórno do mesmo realismo pintural.

As paralisias de todo gênero deram têmea á inspiração e á reprodução dos artistas. Taddeo Gaddi imprimiu a fresco de Florença a figura de um portador de paralisia radial. "O Sacrificio de Lystra" apresenta o paralitico de Raphael. O mesmo pintou o ectropion.

"Le Mascaron Grotesque" é a figura patológica da Santa Maria Formosa de Veneza, arte da decadência italiana, que figura na galeria iconografica da arte mórbida como um dos tipos diagnosticados pelo neurologista Charcot. Hemiparalisia histórica com hemiparalisia histórica foi o diagnostico do sábio francês á mascara monstruosa, hoje passivel de revisão diagnóstica, ao cuidado de qualquer neurologista e artista que curve algum instante e sem pêjo ante as "Pedras de Veneza" de que nos fala John Ruskin.

Seria inacabavel folhear as iluminuras dos artistas do pático. O que é de estranhar é que o sr. Anibal Mattos tenha tido a ideia de elaborar uma produção de tal natureza, fóra das condições normais do ambiente em que vive, pouco propícias á vulgarização de tão exalçados labores que celebrizaram, em outros tempos, a medicos e artistas.

E' muita coragem. Haja vista a diferença dos olhares que varrem a desventura do seu velho hemiplegico.



Realizando uma arte aberrante e deshonrada, em função do meio, conseguindo na sua t ela a expressão de um realismo e de uma realidade patológicas atingindo al  a uma perfei o cujo determinismo rivaliza na técnica com o te r do objecto descrito, a "Cabeça Hemiplegico", de Anibal Mattos   uma consagra o da qual o meio ainda não se apercebeu.

Se as dôres da doença do velho hemiplegico quebram a harmonia, al , das paisagens que iluminam o panteismo nacionalista da IX Exposi o, a t ela magnifica de Anibal Mattos quebrar  as exce oes da indiferença dos bucólicos, pela alma sensivel das t elas sofredoras.

E', pois, duplo o mérito do mestre da arte brasileira, hoje consagrado na arte e... na medicina.

## II

O tema traz o pecado da generalidade. Compreende-se o estudo da expressão no sentido histórico ou evolutivo de determinada arte, sinão em cada produ o isolada, individualizando a critica e particularizando o conceito.

Temer rio, porém, se encarado f ra dos factores especificos de um nexos que haja presidido o caráter daquela evolu o, o que faz a "expressão" na unidade da arte ou seja a expressão na arte bizantina, na arte etrusca, na arte cristã...

Girard, na "A expressão das mascaras nos dramas de Eschylo", estudou a evolu o da arte até o quinto século, particularizando o motivo da expressão no teatro eschiliano,   verdadeira descri o dos meios técnicos utilizados pelos artistas;



a "A expressão dos sentimentos na arte grega", de W. Deonnis, é a determinação do conceito, no esforço pela aquisição de dados capazes de caracterizar o perfil da evolução de um período histórico; Reinach, em sua "Coleção de cabeças antigas ideais ou idealizadas", buscou os caracteres de um estilo no largo período de uma antiguidade, cujos limites imprecisos vão além de um prazo de arte.

Não se pode falar, ainda, em expressão na arte mineira, a não ser que se a encare no mesmo sentido em que a paisagem feita por pintores brasileiros, sobre geografia nos trópicos, acabou por falsear a fisionomia da chamada "arte brasileira", através da aparência ilusória de panteístas épicos da casuística indígena, desde Baptista da Costa, confundindo no Brasil com paisagem brasileira.

E' cêdo para que a galeria das nossas telas, o arquivo da nossa documentação, particularizem no transunto da vocação e da tendência do pintor montanhês, a emoção específica da estesia mineira, pela interpretação final dos objetos idealizados na síntese criadora que dá expressão ao jôgo das mesmas tendências e das mesmas vocações.

Digamos, pois: da expressão em algumas telas da IX exposição.

No esforço por encontrar, ali, a unidade da arte brasileira, ou o esboço desta unidade no determinismo geo-humano desta parte da nacionalidade brasileira, expressa, ao menos, na tendências autochtone de toda arte que começa a se individualizar em função do meio, contra os cânones da cópia universal e, me esforçando, mesmo, por anotar, sistematizar numa correlação lógica a



expressão nos autores das télas da nona exposição ocorreu-me o episódio da rivalidade entre Phidias e Alcaméne: o premio ia ser conferido a Alcaméne. A estátua feita por êle ultrapassava a obra de Phidias. A estátua de Phidias, pela configuração dos lábios e das narinas, desvirtuava o sentido da expressão, através de uma fisionomia aparvalhada, mas uma vez posta nos lugares, operou-se um verdadeiro milagre de transfiguração. Phidias compulsára a posição em função da altura em que ia ser posta a sua plenitude, deixando irradiar a perfeição expressiva do conjunto no milagre do acabamento.

Admitamos, pois, que cada téla da nona exposição tenha atingido ao termo de sua finalidade, cada qual no angulo da incidência definitiva.

Dado que a expressão na téla de arte só é definitiva na fase final do seu destino, um relance pela nona exposição, permite, para logo, independentemente, da altura do pedestal a que as destina a sorte varia de todas, que se as dividam em dois planos: obras de consagrados e obras a se consagrarem: Oswaldo Teixeira, Anibal Mattos, Angelo Biggi, nomes feitos, em cuja envergadura se afirma uma personalidade. Mestres, onde seja, atingiram a emancipação. Já lhes é indiferente o encômio dos reporteres policiaes da imprensa brasileira, a cuja lazer está entregue, entre nós, êste mistér das horas vagas: fazer critica de arte. Esther Mattos, Frieiro, Renato Lima e Ferber, na porta do casúlo, semi-aberta, para o adejo. Os outros, com o prognostico de que atingirão, uns, a fase de falena, outros ficarão larvas.

“Mãos”, de Oswaldo Teixeira, é uma ironia encoberta. Desenho, pergaminho onde se afirma o seu vigôr de mestre, figura na exposição, com



uma dedicatória a Anibal Mattos. São dois punhos atados por um laço, mãos pendidas e imóveis, paradas, condenadas... São um símbolo, ali. Dedicando o seu desenho a Anibal, êle quis fazer, sem palavras, a dedicatória do destino de ambos, qual se disséra: arte no Brasil, meu caro, é isto... cadeias, desprezo, deliquescência.

“Pés”, do mesmo Oswaldo, é o complemento do símbolo, cruzados, um sôbre o outro, na revelação da mesma angustia. Seu “Estudo de Nú”, desenho, é uma demonstração anatômica, miologia descritiva, prodígio do traço a serviço do jôgo de alavancas musculares, cujo retraço biológico indica a raridade de cultura anatômica entre os coloristas ingênuos dos nossos artistas. Exímio colorista, mestre do “branco”, deixa em “Auto-Retrato”, não só a expressão da própria cabeça, mas o condão de quem lidou, em éras passadas, com a brancura dos linhos ou a diafaneidade dos frocados.

Anibal Mattos, na nona exposição, através de seus desenhos magistrais, é como quem redime um sacrário despojado. Já que se não impede o saque da ruina às nossas preciosidades coloniais, fiquem, ao menos, nas estampas melancólicas. A's mãos de Anibal Mattos já os govêrnos deveriam ter confiado o museu de telas da nossa iniciação sagrada, isto é, a obra colônial. O museu colônial, em natureza, e numa coleção de telas, seria necessário á critica de estrangeiros qual aquêle francês desalmado, Abel Bonnard, que visitou Ouro-Preto e acaba de publicar um livro, em Paris, intitulado “Océan et Brésil”, onde diz: “Les statues des autels, habilitées à l'espagnole, ont elles-mêmes un teint jaune et indécis comme celui des gens qui les prient”. “Toutes les petites



maisons, serrées l'une contre l'autre, sont pareilles par leur architecture et différentes par leurs couleurs... et le seul bruit que j'entende, c'est, comme dans une sous-préfecture française, le fa-de piano des dimanches".

Se os poderes públicos confiassem esta tarefa ao sr. Anibal Mattos, a esta hora, estaria êle comprazendo o seu temperamento na obra de educar as gerações que vão nascendo sob os escombros das aras ante as quais se ajoelharam nossas mães, orando pela felicidade de filhos tão... pródigos. Panteista e historiador no "crayon", além dos seus "oleos" notáveis, Anibal Mattos, o mestre brasileiro, terá a sorte de Poussin que não assistiu o fastigio de uma época que êle preparára; de Watteau, que sob o dominio de Luiz XIV, preparou o ambiente do reinado de Luiz XV; de Millet, o pintor dos sofrimentos e da alma popular, preparando, no seu pincél, o triunfo e a redenção daquela desventura.

Não conheço toda a obra de Angelo Biggi, mas, pela nona exposição, eu o chamaria o "mestre das cabeças inclinadas". O "Velho Fumante", a meninas da chavena da "Hora do Chá", o "Filho do Artista", o enforcado da Serenata Macabra", a "Cabeça de Velho" lembram a inclinação do autôr, pelo arcaismo do século V, atitude de modestia dos efecos sôbre a friza das Panatenéas, das pinturas dos vasos do ciclo de Eufromus e de Peitinius; do estílo de Meidias ou das pinturas de Cimon de Cleonéas, o inventor das cabeças inclinadas.

"Velho Fumante" salva e consagra a qualquer exposição.

No ponto de vista da inclinação da cabeça, dois fatores presidem a evolução do fenômeno,



## NOIVA

ALPHONSOS DE GUIMARAENS.

Noiva . . . minha talvez . . . póde bem ser que o sejas.  
Não me disseste ao certo o dia em que voltavas.  
O ceu é claro como o tétó das igrejas:  
Vens de lá com certeza. Humildes como escravas,

Curvadas ainda estão as estrelas morosas;  
E bem se vê que algum excelso vulto branco  
Passou por elas, entre arcarias de rosas,  
Revolto o manto, de ouro, afagando-lhe o flanco.

Ha tanto tempo que te espero, e espero embalde . . .  
Não sabia que assim tão diferente vinhas  
Tinhas negro o cabelo; entanto a nuvem jalde,  
Que o doura todo, o fez tão outro do que tinhas !

Quando morreste, o sol era morto, e ainda agora  
Para mim se prolonga esta noite de guerra . . .  
Acaso vens com o teu olhar de eterna auróra  
Aclará-la outra vez, vindo de novo á terra ?

Vejo-te a imagem tão destacada no fundo  
Dêste meu sonho, que é como se eu não sonhasse . . .  
Cheio de nostalgia estelar de outro mundo,  
Tem as maguas de um astro o palor da sua face.

Caminhas, e os teus pés sublimes nem de leve  
Tocam a flôr do sólo: o ar impalpavel pisas  
Ora se abaixa, ou se ergue o teu corpo de neve . . .  
Parece que te vão berçando auras e brisas.



## D. Joaquim Silverio de Souza

A vida, que acaba de extinguir-se na bôa cidade de Diamantina, entre a aflição dos que a conheceram de perto, e a consternação de todo um povo, revela bem o que vale e o que é a civilização mineira e a função que lhe cabe exercer na história do Brasil.

Efetivamente, D. Joaquim Silvério de Souza, o caro arcebispo de Diamantina, que soube honrar como poucos a sua batina de sacerdote, pondo-se sempre a cavaleiro das paixões e á margem das correntes mundanas, representa egregiamente a têmpera da gente em cujo seio nasceu e se criou.

Humanista dos mais excelsos, não lhe eram apenas familiares as letras sagradas, através da lição quotidiana dos doutores da Igreja, mas conhecia a preceito as letras profanas, em cujo convívio formou o seu apurado gôsto de escritor. Latinista dos melhores dons, era bem um sobrevivente da velha cultura mineira, amassada na leitura e na meditação dos pensadores e dos poétas da antiguidade.

Téologo, que buscava nas fontes diréttas a solução acertada para os casos sutis que se lhe deparavam, era uma fonte sempre aberta e borbotante em que iam beber ensinamentos não só os que viviam debaixo de sua jurisdição, mas todo o Brasil. Diz-se mesmo que o seu aviso não se restringia ao Brasil e porventura que, com o fechamento de sua sepultura, venham á luz faces recônditas dessa criatura sobremaneira modéstia e chã.

Escritor, a sua obra aí está, vibrante de fé e brasilidade, a ressumar, entre a pureza vernácula de seus vocábulos e de suas construções, a defêsa de sua fé e o seu afêto ao Brasil, as duas molas reais de sua vida fatigada e fecunda.



no que diz respeito á técnica e á expressão: necessidade de ação ou ritmo de atitude. O "Velho Fumante", de Angelo Biggi, está no primeiro caso, ao revés do Diadaméne de Polycleto, que é o exemplo clássico da segunda hipótese, na arte grega. O reflexo da chama, entre os dedos do velho, centraliza, na tela magnífica de Biggi, a segurança dos tons. Se Rodin não houvesse afirmado que "o que agrada sobretudo aos ignorantes é a inexpressiva minúcia da execução e a falsa nobreza dos gestos", eu só notaria na tela do mestre um ponto vulnerável, a falta de reação palpebral á luz e ao calor da chama que geralmente contraem os músculos de defesa da fisionomia dos fumantes, comprometendo a serenidade do "Velho Fumante" do consagrado mestre Angelo Biggi.

Esther Mattos se revela, em "Hora Crepuscular", ótimo, e em "Caminho do Morro", pela suavidade, que é o apanágio de suas pinturas.



## NOIVA

ALPHONSOS DE GUIMARAENS.

Noiva . . . minha talvez . . . póde bem ser que o sejas.  
Não me disseste ao certo o dia em que voltavas.  
O ceu é claro como o tétó das igrejas:  
Vens de lá com certeza. Humildes como escravas,

Curvadas ainda estão as estrelas morosas;  
E bem se vê que algum excelso vulto branco  
Passou por elas, entre arcarias de rosas,  
Revolto o manto, de ouro, afagando-lhe o flanco.

Ha tanto tempo que te espero, e espero embalde . . .  
Não sabia que assim tão diferente vinhas  
Tinhas negro o cabelo; entanto a nuvem jalde,  
Que o doura todo, o fez tão outro do que tinhas !

Quando morreste, o sol era morto, e ainda agora  
Para mim se prolonga esta noite de guerra . . .  
Acaso vens com o teu olhar de eterna auróra  
Aclará-la outra vez, vindo de novo á terra ?

Vejo-te a imagem tão destacada no fundo  
Dêste meu sonho, que é como se eu não sonhasse . . .  
Cheio de nostalgia estelar de outro mundo,  
Tem as maguas de um astro o palor da sua face.

Caminhas, e os teus pés sublimes nem de leve  
Tocam a flôr do sólo: o ar impalpavel pisas  
Ora se abaixa, ou se ergue o teu corpo de neve . . .  
Parece que te vão berçando auras e brisas.



## D. Joaquim Silverio de Souza

A vida, que acaba de extinguir-se na bôa cidade de Diamantina, entre a aflição dos que a conheceram de perto, e a consternação de todo um povo, revela bem o que vale e o que é a civilização mineira e a função que lhe cabe exercer na história do Brasil.

Efetivamente, D. Joaquim Silvério de Souza, o caro arcebispo de Diamantina, que soube honrar como poucos a sua batina de sacerdote, pondo-se sempre a cavaleiro das paixões e á margem das correntes mundanas, representa egregiamente a têmpera da gente em cujo seio nasceu e se criou.

Humanista dos mais excelsos, não lhe eram apenas familiares as letras sagradas, através da lição quotidiana dos doutores da Igreja, mas conhecia a preceito as letras profanas, em cujo convívio formou o seu apurado gôsto de escritor. Latinista dos melhores dons, era bem um sobrevivente da velha cultura mineira, amassada na leitura e na meditação dos pensadores e dos poétas da antiguidade.

Téologo, que buscava nas fontes dirétas a solução acertada para os casos sutis que se lhe deparavam, era uma fonte sempre aberta e borbotante em que iam beber ensinamentos não só os que viviam debaixo de sua jurisdição, mas todo o Brasil. Diz-se mesmo que o seu aviso não se restringia ao Brasil e porventura que, com o fechamento de sua sepultura, venham á luz faces recônditas dessa criatura sobremaneira modéstia e chã.

Escritor, a sua obra aí está, vibrante de fé e brasilidade, a ressumar, entre a pureza vernácula de seus vocábulos e de suas construções, a defêsa de sua fé e o seu afêto ao Brasil, as duas molas reais de sua vida fatigada e fecunda.



O peristilo arcual da tua bôca se move:  
Soabre-se a fulva luz que a ilumina e contempla . . .  
Falas: como me pasma e inebria e comove  
Toda a purpura real do interior dêste templo !

Parece que um hinal de suaves litánias  
Acompanha a tua voz nas palavras que soltas  
Não sabia que assim tão outra voltarias:  
Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas.

Que me admira se vens de olhar azul e louro  
Cabelo ? Não é a mesma a tua formosura ?  
Vollas do ceu, e a côr celestial é azul e é ouro,  
E é todo êste clarão que a imagem te moldura.

Noiva . . . minha talvez . . . e porque não ? Setembro  
Volta. Setembro é o mês das laranjeiras castas  
Vens de grinalda branca a voar . . . Ah! bem me lembro:  
A veste com que fostes é a mesma que hoje arrastas.

Foste de branco e vens de branco ainda trajada  
A túnica nupcial que em niveas dobras desce  
Pelo teu corpo, tem a brancura sagrada  
Dos alvos corporais do altar exposto á prece.

O parelio do genio imortal que se anima  
Surge no resplendor que te aureola a cabeça  
Atenta escutas os meus versos rima a rima,  
E mandas que em cada um a tua Alma apareça.

Quero abraçar-te e nada abraço . . . O que me assombra  
E' que te vejo e não encontro com os meus braços.  
Morta, beijei-te um dia: hoje tu és uma sombra  
Exilada do ceu para seguir-me os passos.



## A mãe do Ouro

(*Divindade dos Aimorés*)

Dentro de um lago ou sôbre as asperezas  
Da serra, de uma névoa á semelhanca  
Vives, guardando as fúlgidas riquezas  
Tanto mais bela quanto o tempo avança

Ai daquêle que estende as mãos surpresas  
Ao teu vulto gentil que não se alcanca !  
Têm-se esfumado ás tuas incertezas  
Noites de insônia e dias de esperança.

Si na amplidão da terra, miserando,  
O homem que te buscava, os pés sangrando  
Tombar, morrer, na ardência dos mormaços

Teve de ti, sómente, em seu desejo,  
A esperança impossivel do teu beijo  
E a glória de sonhar-se nos teus braços.

AGRIPPA DE VASCONCELLOS.



## A lagôa de Vapabuçú

Na penumbra da serra, entre árvores guardada,  
Onde mal chega o sol ás avencas nativas,  
Dorme a Vapabuçú, refletindo, azulada,  
O anguloso perfil das garças pensativas.

Horas mortas, ao luar, da lagôa ensombrada,  
Alguem canta. E na voz de entonações lacivas,  
Ha promessas de amor que na noite orvalhada,  
Evocam á alma triste as paixões redivivas.

Ao vir á fria tôna ardente vulto esguio  
Estremece a agua morta em súbito arrepío.  
Do ouro que flúe do ceu a região se ilumina.

A agua rebôja, e dela, ao beijo do ar mais brando  
Lenta, a Mãe-d'Agua emerge, alva e núa, ofertando  
Em seu corpo de noiva a traição que assassina.

AGRIPPA DE VASCONCELLOS.



## D. Joaquim Silverio de Souza

A vida, que acaba de extinguir-se na bôa cidade de Diamantina, entre a aflição dos que a conheceram de perto, e a consternação de todo um povo, revela bem o que vale e o que é a civilização mineira e a função que lhe cabe exercer na história do Brasil.

Efetivamente, D. Joaquim Silvério de Souza, o caro arcebispo de Diamantina, que soube honrar como poucos a sua batina de sacerdote, pondo-se sempre a cavaleiro das paixões e á margem das correntes mundanas, representa egregiamente a têmpera da gente em cujo seio nasceu e se criou.

Humanista dos mais excelsos, não lhe eram apenas familiares as letras sagradas, através da lição quotidiana dos doutores da Igreja, mas conhecia a preceito as letras profanas, em cujo convívio formou o seu apurado gôsto de escritor. Latinista dos melhores dons, era bem um sobrevivente da velha cultura mineira, amassada na leitura e na meditação dos pensadores e dos poétas da antiguidade.

Téologo, que buscava nas fontes diréttas a solução acertada para os casos sutis que se lhe deparavam, era uma fonte sempre aberta e borbotante em que iam beber ensinamentos não só os que viviam debaixo de sua jurisdição, mas todo o Brasil. Diz-se mesmo que o seu aviso não se restringia ao Brasil e porventura que, com o fechamento de sua sepultura, venham á luz faces recônditas dessa criatura sobremaneira modéstia e chã.

Escritor, a sua obra aí está, vibrante de fé e brasilidade, a ressumar, entre a pureza vernácula de seus vocábulos e de suas construções, a defêsa de sua fé e o seu afêto ao Brasil, as duas molas reais de sua vida fatigada e fecunda.



Mas, sobretudo, o homem.

Que homem desaparece!

Toda a modéstia, toda a simplicidade, toda a humildade, toda a chanceza possível envolviam aquela criatura dóce e generosa num manto largo, mas por mais opaco que o quisesse fazer, sempre deixava vêr o raro valor que escondia.

D. Silverio possuia as mais sólidas virtudes e, o que é mais, um admirável equilíbrio, que o fazia guia seguro e judicioso de um enorme rebanho.

Casava bem a austeridade com a doçura, a cultura com a modéstia, a intolerância quanto ao princípio com a suma tolerância quanto ás pessoas.

Não foi homem para vencer, ferindo senão para vencer, amando e cativando.

Viveu, assim, uma vida suavissima, fazendo o bem que lhe estava nas mãos, e foi infinito, e não deixando, entre os homens, a menor pégada rude de sua passagem, antes iluminadora e amorável.

A sua última lição tem que ficar brilhando, como uma chama, a letras de fôgo, diante do povo mineiro: doente, quis vir a Belo-Horizonte lêr as admiráveis páginas que escreveu para o Curso de Aperfeiçoamento das Religiosas de Minas e é, depois desse sacrificio, que volta para Diamantina e para succumbir.

Sempre a Religião e o seu Brasil!

E' êsse um último aceno para o seu povo e é essa a magnifica atitude com que hade ficar na memória dos brasileiros: curvado e encanecido, as suas derradeiras palavras constituem uma voz de estímulo para os que ficam, e em especial para todos os nossos mestres, todos que falam ou escrevem, todos os que predicam e doutrinaam afim de *trabalharem com tanto ardôr, aqui no aperfeiçoamento próprio e fóra no magistério, quando cabe nas alturas do mais ardente amôr á Igreja e á Pátria*".

## DADOS BIOGRÁFICOS

D. Joaquim Silvério de Souza, que acaba de desaparecer, nasceu em S. Miguel do Piracicaba, a 20 de julho de 1859 e ordenou-se a quatro de março de 1882.



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

No consistório de 12 de novembro de 1901, foi eleito bispo coadjutor de d. João Antônio dos Santos, com o título de bispo de Bages.

A sua sagração efetuou-se a 2 de fevereiro de 1902, na Capéla do Recolhimento de Macaúbas, fazendo a sua entrada solene em Diamantina a 19 de março do mesmo ano.

Desde os primeiros anos da juventude que as maravilhosas aptidões de seu espirito se vêm revelando, em toda uma série de trabalhos notáveis, cada qual mais bem lançado e erudito.

Nesse número, para não citar outros, estão incluídos: "Sítios e Personagens", "Lar católico", "Finezas de mãe", "A Igreja e as nossas obrigações para com ela", "Vida de Affonso Ligorio", (tradução), "Quem são os protestantes", "A vida de d. Silvério Gomes Pimenta" e "Três Discursos", êste há pouco publicado. D. Joaquim Silvério de Souza era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, da Sociedade Internacional de História de Paris e da Academia Mineira de Letras.

A sua investidura naquela arquidiocese foi assinalada por reais e constantes serviços: fundou colégios, a Escola Normal equiparada, "A Estrêla Polar" e o "Boletim Arquidiocesano", e, em outros muitos empreendimentos, que incentivou, mostrou a sua capacidade de trabalho e o seu zêlo permanente pelo desenvolvimento da arquidiocese diamantinense.

(Do "Minas-Gerais", de 31 de Agosto de 1933)



# Um artista

Anibal Matos pertence a uma família de artistas muito conhecida em todo o Brasil.

Dessa vocação hereditária é que talvez se possa compreender a sua invencível heroicidade em lutar pela arte, vencendo os mil empecilhos do meio hostil e da gente incomunicativa ou de ouvidos moucos.

E neste sentido, si a palestra diária deixa transparecer-lhe a amargura e alguma vez o desalento, não passa essa atitude de momentos fugazes que não alteram nem a fé, nem a sinceridade constante de seu culto, em suas várias modalidades.

E', pois, um exemplo digno de imitação. E' um exemplo também merecedor de estudo aturado, pois é regra, entre nós, apossar-se o ceticismo ou o desânimo, ao fim de certo tempo, de quantos cultivam letras no Brasil. Nenhum estímulo vindo do exterior consola ou ampara o escritor nacional. Dá-se, até, o contrário: — os motivos de descrença são múltiplos, são contínuos, são diários.



Assim, aqueles que, pela força impertubável de uma grande vocação, não podem desviar-se, mal a seu grado, das torturas de seu destino, procuravam a compensação de carreiras afins e correlatas, como sejam o jornalismo e as chamadas profissões liberais.

Essas têm, ao menos, certa função econômica em o meio social, e não consentem que o artista venha a morrer de fome.

Mas o que é verdadeiro é que, no Brasil, não ha lugar para o poeta, para o pendor, para o filósofo, para o homem de letras.

Aí está, a meu ver, a explicação bem clara do fenómeno muito comum de que a voz do artista costuma calar-se cedo, silenciando por toda a vida, depois, muitas vezes, de um conto alto e nobre.

Nabuco disse que sua mudez inopinada e surpreendente do homem de letras brasileiro é um dos enigmas de nossa terra. Eu retifico que é uma das condições ou provas de nosso primitivismo, não deixando de dignificar, por outro lado, um dos mais alarmantes sintômas daquilo que se convencionou chamar de americanismo.

A América não tem paisagem humana, nem espírito denso, nem vibração intelectual, nem atmosfera saturada da cultura... É um panorama cheio de luz, virgem por inteiro do drama da humanidade.

O estêta nesse meio é um enviado extraordinário, que aparece muito antes de seu tempo.



Fala linguagem desconhecida e representa papel que destôa do entrecho os episódios da vida

Tudo isso são verdades de tal modo corriqueiras que todo o mundo as sabe e repete.

Mas são aqui frizadas com o intuito de fazer sobresair a pertinácia, o heroísmo de Anibal Matos, que vem sacrificando, com a mais alta energia, a sua inteligência ás insuficiências da atualidade para as recompensas certas do futuro.

E a sua atividade intelectual é tanto mais para ser encomiada, quando tem ela, além do sentido humano, clara e brilhante intuição patriótica.

Nem as várias objetivações que reveste, conseguem disfarçar a unidade crescente dêsse sítio. Tal estilo serve para esclarecer-lhe a psicologia natural, porque, do contrário, seria problema insolúvel a fixação de seu talento estético específico.

Assim, penso que a arte, veículo de sua compreensão de nossas belezas, se multiplica para bem traduzir-lhe as diversas compreensões do Brasil.

Certamente, o pintor, sobretudo, fére a atenção, com o intento contínuo de fixar a paisagem brasileira em toda a empolgante multiplicidade, que ostenta.

Nesse sentido, a sensibilidade visual de Anibal Matos, só póde ser comparada, entre nós, com a de Batista da Costa, de quem foi discípulo, mas de quem se distancia perceptivelmente por dois



apático, que, como é de costume, não vibra, não estremece, não se encomoda com cousa alguma nobre, elevada ou superior. E' aquela mesma antiga indiferença para tudo e diante de tudo, que feria a atenção de Joaquim Nabuco, obrigando-o a dizer que ela está entranhada em nosso espírito em nossa história, em nossos costumes. Nem aquelas atividades da inteligência ou do sentimento, acrescentava êle, como a política e a religião, nem estas conseguem abalar a funda abulia nacional.

Outro escritor por igual patriota e entusiasta, Afonso Arinos, por sua vez observou que tudo no Brasil se apresenta dissociado, sendo para admirar e lamentar que os homens de cultura, que poderiam ver e prever, êsses mesmos vivem desarmonicos, desunidos, separados.

Os cenáculos literários, que se fundam por aí fóra, representam ficção, não teem existência efetiva ou militante, são méros títulos, como também os partidos políticos. E' que lhes faltam os estímulos reais, a fôrça das paixões, da solidariedade, e espírito de comunhão...

E diante dêsses fatos de conseqüências imprevisíveis, que nos cumpre, como mandamento de justiça, como dever de estímulo, encorajar os que reagem e trabalham contra os prejuisos do meio, como Anibal Matos.

Eis aí a intenção destas palavras, que, a seu tempo, serão acrescidas de estudo mais demorado,



motivos centrais, entre outros: — por uma espiritualidade ou misticismo sugestivo e por uma percepção finíssima do jôgo de luz, que não se encontra em nenhum pintor brasileiro.

Está aí a vantagem da sensibilidade poética, a vigorizar a técnica do pintor.

Suas telas hão de ficar para sempre como uma das mais selecionadas e expressivas glorificações na Natureza Americana.

Tal vibração patriótica reporta-lhe, por outro lado, nos dramas. As figuras movimentadas de nossa história aguçaram-lhe a compreensão do enredo humano.

Ha muitos trabalhos de Anibal que provam, mas basta citar “Bárbara Heliadora”, peça premiada por exigente concurso de teatro, e que desenha dramático acontecimento de nossa Pátria.

Si é difícil a interpretação do drama, em compensação, bem vivida em cena, transfigurará as platéias.

Si examinarmos a operosidade de Anibal Matos no ramo da crítica ou da história, verificaremos que persevera o mesmo critério, já acentuado. Em paginas justas tem êle desvendado aspectos interessantes da evolução da arte no Brasil, como também tem fixado o perfil de curiosas figuras de nosso passado.

Trata-se, pois, de labôr profícuo, por inteiro desinteressado e que não esmorece diante da indiferença do público e das dificuldades do meio



apático, que, como é de costume, não vibra, não estremece, não se encomoda com cousa alguma nobre, elevada ou superior. E' aquela mesma antiga indiferença para tudo e diante de tudo, que feria a atenção de Joaquim Nabuco, obrigando-o a dizer que ela está entranhada em nosso espírito em nossa história, em nossos costumes. Nem aquelas atividades da inteligência ou do sentimento, acrescentava êle, como a política e a religião, nem estas conseguem abalar a funda abulia nacional.

Outro escritor por igual patriota e entusiasta, Afonso Arinos, por sua vez observou que tudo no Brasil se apresenta dissociado, sendo para admirar e lamentar que os homens de cultura, que poderiam ver e prever, êsses mesmos vivem desarmonicos, desunidos, separados.

Os cenáculos literários, que se fundam por aí fóra, representam ficção, não teem existência efetiva ou militante, são méros títulos, como também os partidos políticos. E' que lhes faltam os estímulos reais, a fôrça das paixões, da solidariedade, e espírito de comunhão...

E diante dêsses fatos de conseqüências imprevisíveis, que nos cumpre, como mandamento de justiça, como dever de estímulo, encorajar os que reagem e trabalham contra os prejuisos do meio, como Anibal Matos.

Eis aí a intenção destas palavras, que, a seu tempo, serão acrescidas de estudo mais demorado,



como pede a obra vária e original dêsse escritor patricio.

Por enquanto, queremos deixar assinalado que o trabalho do autor de tantos livros úteis encerra uma lição e um exemplo de heroismo. Também constitue um voto de mocidade, executado á risca e que revéla têmpera forte de lutador.

Foi o caso que, muito joven ainda, Anibal Matos, de parceria com Crisolito de Gusmão e Vicente Licinio Cardoso, lavram, solenemente, o intento de consagrarem todos os seus esforços á arte.

Crisolito dedicar-se-ia ao Direito. Licinio Cardoso á História e á Pedagogia. Todos eles cumpriram a promessa boêmia e solene, ao mesmo tempo.

Dois dos três já caíram em meio do caminho, mas combatendo, vitoriosamente, pela cruzada que se haviam proposto. Foram Licinio Cardoso e Crisolito de Gusmão.

Anibal Matos aí está, corajoso, patriótico, imbuido de fé, trabalhando, como as abelhas, pela exação da promessa gloriosa, promessa cheia das realidades do futuro, que são as esperanças de hoje.

MARIO MATOS.



# Saudação

Saudação feita ao dr. Alberto de Oliveira, por ocasião de sua visita ao Centro de Letras do Paraná, pelo dr. Pamphilo d'Assumpção.

Pela primeira vez, senhor, o sol do vosso gênio ilumina a terra dos pinheirais.

Mal a conheceis portanto.

Ainda não na vistes nos dias hibernos, quando o céu puro de raro azul, sem gelhas, forma cúpula às colinas feitas blócos enormes de cristal, cobre o arvoredado maculado pela pulverização cinzenta da geáda, dá tons ceruleos às estradas, às azinhagas e aos atalhos, margina-dos por orlas brancas do orvalho que o frio da madrugada congéla.

Não na viste ainda na primavéra. Então, as andorinhas voltam em tribus chilreantes, não simbólicamente como nas fantasias dos poétas, mas na realidade deliciosa do seu esvoaçar alegre, em grandes curvas, tocando o sólo com os peitos brancos, pousando aqui e acolá, nos beirais das platibandas ou nos fios balouçantes das linhas telefônicas. Os pessegueiros e as ameixeiras, cobrem-se suntuosamente de flôres alvas ou róseas, transparente finas como se fossem ténue gaze de sêda. As margaridas brancas estrelejam pela baixadas em constelações infinitas e os malmequeres agrestes machetam de ouro os campos, realçando no verde álaacre da relva, como bordados tecidos num brocado macio de grama frêska.

Nos jardins, as glicínias, com a pompa régia de sua floração edênica, pendem nos gradís enos caramancheis,



em estalátites quasi azuis, numa profusão perdulária de cachos; as roseiras estrangulam com espirais coleantes de flôres, as colunas dos alpendres, atravessam os lambequins e sacodem no espaço iluminado, ao sôpro das auras, plumas ondulantes de rosas alvas como néve, rubras como chagas vivas ou da côr suave que tem a epiderme dos infantes.

Não na vistes ainda em pleno outôno.

E' quando o trigo e o centêio maduros dão ás granjas o aspéto rico do ouro.

Então, um cheiro bom de fruto maduro satura os ares, nessas colméias humanas que são as colônias, onde um labôr arduo, incessante e feliz, produz o cereal, o legume, a fruta, o vinho, o mel.

Não na vistes nesse bucolismo ingênuo, sadio e santo, semelhante ao que inspirou o poêma virgiliano, viver a vida feliz da lavoura, entre o zumbír das abêlhas que zaranzaneiam em tôrno dos cachos de uva sazoadada e o mugir rouco do gado nêdio que parece tranqüilo na encosta da colina. E' quando se faz a vindima e ceifam-se as ceáras.

Os homens, com os alfanges de aço fuzilando ao sól, cortam o ouro das espigas que se enclinam ondeantes, tangidas pela viração; as raparigas, com as coifas de lenços rubros, azuis ou amarélos, num vai-vem contínuo, amontoam as medas e respigam o campo, agitando-se de modo que parecem de longe, papoulas enormes, bélos heliantos dourados e grandes flôres de linho sacudidas pela monção frêscá do léste.

Não na vistes no carijo, junto ao herval, onde a linda ilicínea ergue-se com suas linhas heraldicas, de impecável nobreza, destacando-se da vegetação que a cerca, amparado pelo pinheiros ásperos e sevêros que as defendem, como antigas torres medievais, atalaias vigilantes da cidadéla castelã.

Não na vistes na derrubada máscula do pinheiro, destruindo para construir, quando o colôso, cujo estelo atesta muita vez a existência de um, dois, três, quatro e cinco séculos, ferido pelos golpes profundos do machado ou golpeado pelo corte, penetrante da serra, vascíla; e, estendidos os braços enormes, tenta apegar-se ao espaço, mas pende; quer agarrar-se ás árvores, depois ao ramos porém tudo despedaça, esmaga e móe, caindo afinal vencido, exáusto, com fragôr medonho, que ecôa estrepitosamente e faz estremecer todo o pinheiral.



Se bem a conhecesseis, a terra das araucarias, senhor, compreenderíeis porque, instintivamente, temos um pouco de panteístas, todos nós que vivemos nestas terras tranqüilas, longe do rumôr estonteante das grandes urbs, aqui onde vêmos semear, crescer, colher o que nos alimenta, onde é grato estender a vista pela vastidão plana das campinas ou repousar á sombra dos capões, onde se topa o tronco secular da imbúia e abundam as amóras e as cerêjas silvestres.

E porque assim sômos, podeis avaliar, senhor, a religiosidade com que recebemos o sacerdote máximo dos cantores da natureza, em todas as suas mais pulcras manifestações, o poeta que com igual engenho sabe dar alma ás coisas e descrever as misteriosas coisas dalma.

Podeis agora sentir porque com tanta veneração vos recebemos, a vós que sois êsse sacerdote máximo, sagrado pelos gênios no templo eterno da sabedoria, da beleza e da bondade !

Com a mesma veneração com que o Paraná vos acolheu por toda parte, o Centro de Letras vos acolhe a sombra modésta, mas amiga, da sua tenda humilde de trabalho.

Todos têm proclamado a vossa glória como artista modelar que plasma as idéias nos versos, e na sonoridade cantante da frase e no ritmo da estrófes, compõe hinos imortais á beleza eterna.

O Centro de Letras que teve mais tempo para vos apreciar e vos ouvir, pode vêr sob os louros que vos cingem a fronte de poeta, sob o nimbo da glória que ilumina o vosso perfil de artista vitorioso, de psicólogo e pensador de escól, o fulgôr tranqüilo, branco e transparente, do vosso coração, fonte purissima donde dimana essa bondade que dá linhas tão suaves, expressões tão dôces aos vossos géstos, á vossa palavra, e ás manifestações sempre formosas do vosso formoso espírito.

Oh, quanto bem fazem os bons que do ápice da sua trajetória de gênio descem, como vós, a amparar aos humildes, com a tolerância e com o confôrto, sem o desca-so que humilha, sem a mordacidade que fêre sem escárneo que revólta !

Vossa complacência conquista corações; vossa tolerância estimúla as vontades; vosso contáto fidalgo pro-luz a vida na esfêra dos espíritos, tal qual os enzimos, agentes catalíticos, geram a vida no mundo orgânico, segundo afirma Troland.



Eis porque o vosso nome entrou nos nossos lares, recebido como recebemos os raios amigos do sol, nas manhãs invernosas, quando a gelada põe-nos o ambiente a seis graus sob zéro.

Eis porque a mocidade confiante se vos achega e, como a um oráculo, vos ouve as lições de sabedoria e bondade.

Ela bem sabe que não lhe cortareis a esperança de subir, amputando-lhe por desdém as azas que ensaiam timidamente o vôo que conduz ao pórtico da imortalidade.

Sois bom e os bons não aviltam; estimulam, aconselham, ajudam.

Os sóis que, como vós, ocupam o centro de um sistema, não repélem os que lhe são satélites; deixam que eles se aproximem subindo, como o centro do nosso universo permite que os planêtas se lhe aproximem percorrendo as suas hiperboles em espirais ascendentes, segundo as novas teorias da relatividade universal.

Eis porque o Centro de Letras não recebeu de vos convidar para assistir a esta modésta reunião, pensando que assim, na sua obscuridade, vos prestaria também uma homenagem, á qual falta a pompa exterior, que é suprida pela muita sinceridade com que a prestam os que aqui se esforçam por saber e progredir.

Ha na nobre companhia de imortais da qual sois dos membros mais destacados, quem nos atribua vaidades que não podemos ter, como a de nos julgarmos um cenáculo de notáveis.

Bem vêdes, senhor, a injustiça de tal conceito.

O Centro de Letras vem, ha 12 anos, trabalhando com modéstia e com esfôrço na execução do seu programa, traçado com as proporções de suas possibilidades.

Tem conseguido algum resultado, tem contribuído com alguma coisa para o desenvolvimento intelectual do meio paranaense?

Não cumpre a nós responder.

Entretanto, diz-nos a consciência que o nosso esfôrço não tem sido em vão. Mas daí a nos julgarmos um cenáculo, vai tamanha distância como vai do discipulo ao mestre.

Temos o nosso ideal, temos a nossa aspiração que é a de todos os que trabalham: progredir e vencer.

Não ficamos imóveis a esperar unicamente os jôrros de luz que nos enviem os que mais têm subido nas ascensões do saber.



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Bem compreendemos que como os corpos, segundo as modernas teorias físicas, adquirem uma massa maior quando em movimento rápido do que a que tem um repouso, também o espírito imóvel não se dilata nem aumenta a sua potencialidade. Acaba por aniquilar-se, até se extinguir, quando se mantém em inércia.

Compreendemos, também, que a literatura nacional não se pôde formar exclusivamente sob a influência do centro da República, de onde deve partir a irradiação das idéias.

A imensidade do nosso território, a diversidade dos nossos costumes, a influência dos elementos étnicos que entram na composição da coletividade em cada região, impõem feições típicas de tal modo profundas, que de longe são imprevisíveis e incompreensíveis.

Vós mesmo, senhor, que tivestes o patriotismo e o tino de artista para sair da nossa grande metrópole a vêr um pouco do Brasil, haveis de ter observado com vosso espírito arguto, quanto os nossos aspéctos diversificam daquilo que se pôde ler pelos livros e que se pôde imaginar quando não se sáe das formosas avenidas, das maravilhosas praias, dos jardins paradisíacos, e dos palácios encantados da mais béla cidade do mundo.

Nós nos esforçamos por dar á nossa literatura o tom do nosso meio.

Isso não quer dizer regionalismo, nem exclue o sentimento, que, por sêr humano, não conhece regiões nem lindas territoriais.

O sentimento é a alma da idéia que transmitimos ás coisas.

Ele deve inspirar toda obra de arte para que esta não seja uma fotografia rígida ou uma pianóla mecânica.

Mas êsse sentimento não devemos pôr em coisas que nos são extranhas e que, por o serem, não as sentimos nem compreendemos.

Devemos viver com as nossas idéias e as nossas coisas, porque só assim é possível construir-se uma literatura nacional que tenha as claridades dos nossos sóis, a grandeza dos nossos rios, a magestade das nossas cachoeiras, as taras da nossa raça, a mocidade do nosso sangue, a loucura das nossas ousadias, o cavalheirismo de nossas tradições, a originalidade da nossa natureza, a indisciplina da nossa índole, os gritos da nossa independência.

O Centro de Letras, dentro dos seus recursos, trabalha para a realização dêsse ideal, mas, não com o obje-



REVISTA DA

tivo, que seria ridículo, de se impôr aos meios de cultura nacional como uma súper organização literária.

Seu fito é, como o modesto servente que conduz a argamassa para a construção dos grandes palácios, levar o seu contribúto para a obra dignificadora que visa levantar o monumento imperecível das letras pátrias.

Vós, senhor, que sois dos mestres dessa construção, permiti que seja dado ao Centro de Letras do Paraná um lugar modésto ao lado dos mais humildes cooperadores dessa obra, sem que se o acoime de intruso.

Ele espera que lhe haveis de dispensar sempre a mesma bondade que para com êle hoje tivestes aceitando o convite para assistir a esta sessão e que o haveis de amparar com os vossos consêlhos e o vosso estímulo afim de que não desanime na taréfa que se impôz, para a realização do ideal que colima.

Senhor ! Em nome do Centro do Letras do Paraná eu vos saúdo !



## CASIMIRO DE ABREU

*Discurso de empossamento na Academia Petropolitana de Letras, a 10 de Setembro de 1933.*

Embora tenha já transposto a idade, em que o espírito se deixa deslumbrar pelas vitórias platônicas das lides literárias, — sensibilizou-me em extremo a magnanimidade de vosso gesto, acenando-me para que viesse participar de vosso convívio e conagração neste emérito sodalício, que reúne a fina flôr da intelectualidade petropolitana.

Eu era, quando aqui aportei ha dois anos e pouco, o viajôr extenuado, que, cansado de lidar no magistério, desiludido das veleidades literárias, procura, como os ermitães de outros tempos, o remanso tranqüilo de uma cidade campesina e florida, mais habitada pela natureza que pelo próprio homem, mais cheia de silêncio que das vozes profanas e intrusas da multidão, tão envôlta de núvens e de brumas celestiais que, contemplada de longe, da planície ou da baixada, dá a ilusão de alcandorar-se no próprio céu, acima da terra vil e mesquinha, para além, muito além dos pântanos e lodaçais, onde chafurda a triste contingência humana.

Ao sacudir o pó das sandálias no momento em que — romeiro de tantos anos de peregrinação — transpunha os humbrais da cidade — Méca de meus sonhos —, que elegêra para última morada no derradeiro quartel da vida e, talvez, para leito póstumo, onde se dorme o sono da eternidade, — eu trazia a alma e o corpo flagelados por uma luta de mais de quatro lustros, em que, baldo de ampáro extranho, órfão de qualquer auxílio que não fosse o esforço próprio, pude alçar-me á situação



que óra desfruto, num país em que o personalismo, o nepotismo, o favoritismo, o compadrio são os processos decisivos mais conducentes á vitória na vida.

O ambiente desta cidade-colméia, onde o trabalho esponta da iniciativa particular desajudada de qualquer bafêjo oficial; onde cêrca de 50 fábricas elevam ao céu o penacho triunfal de suas chaminés fumegantes; onde os colégios, os hotéis, a floricultura constituem outra feição de seu labôr incessante; onde os govêrnos federal e estadual intervêm quasi exclusivamente para cobrar impostos e muito pouco para disseminar favores e regalias, — o ambiente de vossa cidade era o que mais quadrava a quem, filho de si próprio, se compráz em respirar uma atmosfêra impregnada de autonomia e personalidade.

O vosso apêlo para que eu viesse participar dêste areópago das letras foi o remate á série de satisfações, que venho desfrutando á sombra desta incomparável paragem, — a cidade de clima inegualável, de linhas sinuosas que obedecem ás curvas de seus rios caprichosos, de matas vicejantes e perfumosas, onde os olhos pascem e se extasiam na contemplação de um verde eternamente primaveril.

Cresceu de ponto minha satisfação ante a honra de ter por paraninfo a Arthur Barbosa, o decáno da imprensa local, o fino cronista, o admirável contista de "Rosais", ex-prefeito e ex-deputado estadual, que tão grandes serviços tem prodigalizado ao surto progressista de Petrópolis.

Ao ser-me presente a lista de nomes dos que não figuram ainda entre os patronos dêste silogeu, — verifiquei, com extranheza, ser Casimiro de Abreu um dos não preenchidos. Casimiro de Abreu, o poeta mais popular, mais difundido, mais recitado, mais decorado, mais pranteado de quantos nasceram na Terra Goitacá, não tinha, seu nome ligado á nenhuma das cátedras dêste instituto! Era uma injustiça, que urgia reparar. Tomei a mim essa reparação, ligando o seu nome imperecível á modesta poltrona, que irei ocupar em vosso cenáculo.

Minha satisfação é tanto maior em redimir esta divida (em que até agora permaneceu em móra a nossa Academia), quanto Casimiro foi o poeta, que mais funda impressão exerceu em meu espírito durante o dealbar de minha adolescência: dos 13 aos 16 anos as "Primaveras" sacudiram-me os nervos, rasaram-me os olhos de lágrimas, convulsionaram-me o espírito e o coração. Quan-



tas vezes as recitei, na intimidade do quarto, entre lágrimas e soluços !

Quando atingi aos 30 anos, pude — só então — verificar que os versos do váte de Indaiassú se ressentiam de graves defeitos de forma, em que até a gramática era sacrificada, e que em muitas de suas expressões havia saibos de puerilidade.

As “Primaveras” foram para mim, como para a maior parte dos poetas contemporâneos, a “cartilha”, onde haurimos os primeiros ensinamentos da arte de versejar, de par com as noções rudimentares do que a Poesia possui de mais subjetivo e de mais psíquico. Casimiro, embora fosse um poeta ultra-romântico, não deixou, ainda assim, de ser o precursor indireto de muitos poetas parnasianos, filiados paradoxalmente a uma escola antagônica, que hasteou alto a flâmula rubra de uma reforma, equivalente á condenação do romantismo, já então arrolado como escola fóssil e mais do que obsolêta.

Não possui êle o torneio plástico de Gonçalves Dias (seu precursor e maior inspirador), a imaginação portentosa e multifária de Castro Alves, a impregnação filosófica de Alvares de Azevedo, a concentração mística de Junqueira Freire, — mas a todos êstes excede em espontaneidade, em ternura, em gracilidade. Ao passo que aquêles traíam a preocupação de ser eruditos, por vezes até gongóricos; ao passo que aqueles se revelavam, a cada passo, imbuídos dos efeitos teatrais de sua lira préviamente afinada e temperada, — Casimiro era, conforme êle próprio o declara sem pêjo nem reбуços no prefácio de seu livro, um poeta “de canto simples e natural como o dos passarinhos”, autor de um livro “que se fez por si naturalmente, sem esforço”, livro que êle entregava á critica “sem receio e sem pretensões”, contendo “cantigas de criança, tróvas de mancêbo e raríssimos lampêjos de reflexão e de estudo”, livro em que “o coração se espráia sôbre o eterno têmea do amôr e soletra o seu poema misterioso”, livro escrito “aos 20 anos, quando a alma conserva um pouco da crença e da virgindade do berço”, livro em que “tudo são ensaios”.

E termina o seu antelóquio com estas palavras repassadas de candida modéstia: “Nós, cantores novéis, somos as vózes secundárias, que se perdem no conjunto de uma grande orquestra: ha o único mérito de não ficarmos calados. As minhas “Primavéras” não passam de um ramilhête de flôres próprias da estação, flôres que o



vento esfolhará amanhã e que apenas valem como promessas dos frutos do outono”.

A ternura e a simplicidade são as duas notas características da musa de Casimiro: a elas deve o seu livro a grande repercussão, que teve em Portugal e no Brasil. Em Portugal tiraram-se sucessivas edições das “Canções do Exílio” e, posteriormente, das “Primaveras”, no Porto e em Lisboa. Ele foi, e ainda o é, o poeta brasileiro mais conhecido e popular na ex-Metrópole. Muitas de suas poesias foram recitadas e ouvidas debaixo de grande comoção nos saraus literários lusitanos tão em voga naqueles tempos eivados de intenso romantismo. Sua popularidade em Portugal correu parêlhas com a de Soares de Passos e Thomaz Ribeiro, com quem Casimiro formava a triade dos “poetas de salão” mais recitados nas tertúlias familiares portuguesas.

Vejámos como a seu respeito se pronunciaram alguns críticos portugueses:

Ramalho Ortigão chamou-o “divino rapáz, verdadeiramente sincero entre os presumidos”. O epíteto de “divino” lançado por um dos co-autores das “Farpas”, espírito tão infenso a elogios quanto propenso ao vitupério, — vale por uma consagração. E Ramalho acrescenta: “O livro que deixou, é o poema de uma existência, baseado nos mais singélos elementos de poesia: viver sofrendo, amar esperando e morrer sorrindo. Desconhece os segredos da linguagem, com que se confeita a pobreza do espírito; não estudou em alheios môldes a forma, em que tem de vasar-se a inspiração; não aprendeu a mecânica da palavra nem o contra-ponto da versificação; não versêja — poeta (1); diz-nos singelamente o que sente; dá-nos em cada verso um sorriso, ou uma lágrima; em cada estrófe, um pedaço de sua alma, e, sem o querer, sem o pensar talvez, oferece-nos em seu livro o completo romance de um coração, cujo herói é o próprio autor. Seu livro “Primaveras” é o sumário da biografia do autor”.

Pinheiro Chagas assim se exprime: “Espontaneidade, ardor muitas vezes irrefletido, expansão fervente de todos os sentimentos, que lhe abrasavam a alma: eis o que temos a admirar nas poesias que Casimiro de Abreu escrevia sôbre o joelho, quando o punham saudades lancinantes, quando o abrasava uma louca paixão, quando o salteava um fúnebre pressentimento”.

(1) Verbo poetar.



Ernesto Cibrão aduz: "Uma dôr resignada e religiosamente sofrida verte, na maior parte dos versos de Casimiro de Abreu, um perfume de melancolia, melancolia que encanta e entristece".

De Julio Dantas poderemos condensar o juizo critico nestas palavras: "Casimiro de Abreu é, na expressão simples, espontânea, quasi ingênua de seu lirismo, um dos maiores poetas brasileiros do amôr e da saudade. Deu ao lirismo brasileiro uma expressão nova. Sua poesia é a vóz ingênua, harmoniosa e simples do sentimento, brotando do coração de uma criança. Com que inocência, com que respeito, com que ingênua delicadeza êste João de Deus brasileiro nos fala do amor e da mulher!"

Vejâmos como a seu respeito se manifestam alguns dos principais criticos indigenas:

Em Silvio Roméro deparam-se as seguintes asserções: "Não houve jámais entre nós poeta mais lido; tem sido o predilêto do bello sexo nacional. O poeta fala de suas mágoas naquele mesmo tom em que se queixaria a sua mãe. A sua poesia é tão íntima, tão pessoal que dizer mal dela equivaleria a dizer mal do caráter do poeta. A tristeza sistemática e afetada da poesia romântica é, e será sempre, censurável, mas Casimiro foi sincero e escapa ás severidades da critica; sua poesia, embora chorosa e sentimentalista, é gostosamente legível".

Justiniano Rocha classificou as "Primaveras de "livro escrito com o coração".

Pedro Luis externou-se nestes termos: "Um dos característicos mais notáveis em Casimiro de Abreu é a singeleza de expressão. Nada de frases enredadas e de locuções difíceis. Não é desses poetas enigmáticos, cujo prazer é cravar uma pedra luzente, muitas vezes sem ser diamante, no meio de mil variados arabêscos e complicados relêvos, pensando que assim brilha mais. Não é desses cuja arte consiste em acabrunhar um pensamento simples, quando não é vulgar, com palavras sesquipedais e atroantes. Sempre íntimo, não se arreceia de levar o leitor ao tabernáculo sagrado das suas recordações e mostrar-lhe as reliquias memorandas, que al conserva religiosamente".

João Ribeiro sentenciam: "Casimiro de Abreu é o mais perfeito, o mais completo tipo do romântico melancólico, sentimental. A nota já existente em todos os seus predecessores românticos, em Casimiro chegou á completa evolução. Tudo conspirou para êste resultado: o meio so-



cial, o temperamento do poeta, seu gênero de vida em desacôrdo com os seus gostos e aspirações. Pobre moço, fraco, com propensões á tuberculose, cheio de leituras sentimentais, vaporosas, aéreas, embriagadoras, — tudo o levava a colocar sua alma num palácio de quiméras, irisados sonhos em desacôrdo completo com a dura realidade. Mas ha a mais completa ausência de artifício nas magoadas poesias do desconsolado mancebo. Este meigo e doce desequilibrado é o mais sincero, o mais puro e honesto dos homens. E' uma alma de moça, alguma cousa como Shelley aos 16 anos, antes que o mundo o tivesse tomado em suas garras e lhe houvesse alterado a primitiva virgindade. O estilo, como simplicidade, ausência de amaneirados, espontânea singeleza, tem chegado á quasi perfeição. Uma ou outra vez descamba para o defeito daquela qualidade — torna-se vulgar”.

Ronald de Carvalho opina nêstes termos: “Poéta essencialmente subjetivo — o mais exquisito cantor da saudade na poesia brasileira —, sua obra é um grito de amor. De Gonçalves Dias herdou não só a sensibilidade como também as agruras do exílio. Suas preocupações literárias não lhe ultrapassam o coração: ficam-lhe á flôr da alma de adolescente predestinado: não sabia definir as cousas que o rodeavam, e os pensamentos que o oprimiam, sinão com as palavras ingênuas aprendidas nas vozes maternas. Com todas as irregularidades apontadas na sua arte de poeta e todos os desvios de sua sintaxe negligente, — Casimiro possuia um saboroso estilo colorido, sensível e personalissimo. A ignorância tranqüilla de qualquer sistêma filosófico, literário ou científico deu-lhe a sorridente sabedoria que vem de uma alma livre, sem compromissos de nenhuma espécie, clara e transparente como um vêio d'água que, na sua humildade rasa e confiante, vai refletindo o mundo sem sentir, e levando em cada palhêta móbil e errante ora o brilho da estrela milenária, ora a sombra da asa efêmera e passageira”.

Agrippino Grieco, o sutil exegeta de nossa literatura, em sua recente “Evolução da Poesia Brasileira”, depois de chamá-lo “o Millevoiê brasileiro”, assim se externa: “O meigo Casimiro é ainda hoje um dos nossos poetas mais lidos. E' o ídolo dos apaixonados tímidos”.

Em o patrono que elegi, o poeta é, de fato, o espêlho do homem: sua obra é o reflexo fidedigno de seu próprio caráter.



A candura lírica que ressumbra de seus versos, é uma emanção de sua grande bondade congênita. Já-mais foi um boêmio; já-mais, um libidinoso. Suas noites não eram as libações alcoólicas e, muito menos, as saturnais eróticas: eram as vigílias do estudo e da meditação nas horas sobradas de seu ministério de guarda-livros, — profissão que lhe foi imposta por vontade paterna e com a qual sempre se mostrou incompatível.

Prova evidente de sua bondade ressalta do seguinte fato, testemunhado e divulgado por pessoas de sua família: Embora temente a Deus e de sentimentos cristãos, Casimiro declinou de confessar-se e de comungar na hora tremenda de sua agonia extrema, alegando "que não tinha culpas de que prestar contas a Deus".

Nascido na então vila da Barra de São-João, em 1837, a 4 de Janeiro, filho do negociante português José Joaquim Marques de Abreu e da senhora brasileira D. Luisa Joaquina das Neves, aos 6 anos de idade aprendeu os rudimentos da língua pátria. Aos 9 anos foi internado no Colégio Freese, de Nova-Friburgo, onde estudou línguas ( inclusive o inglês, língua da nacionalidade do diretor), matemáticas, história e geografia.

Sem ter completado o curso de preparatórios, foi mandado por seu pai a ocupar o lugar de ajudante de guarda-livros no escritório da casa comercial, que o mesmo mantinha na Capital do país. Como se mostrasse infenso a esse ministério, e um tanto indócil á vontade paterna, que persistia em contrariar sua vocação ás letras, —foi desterrado pelo próprio genitor para Lisboa, para onde seguiu em Novembro de 1853, a bordo do vapor "Olinda": tinha então pouco mais de 16 anos.

Em Portugal fez sua estréa literária, publicando na imprensa lusitana as suas primeiras composições poéticas, acolhidas com geral simpatia e admiração, que depois enfeixou em livro, dado a lume em 1854, com o título de "Canções do Exílio". Logrou ver representada no Teatro Dom Fernando de Lisboa, na noite de 18 de Janeiro de 1856, a cena dramática em verso "Camões e Jão", que o público assistente e a imprensa cumularam de aplausos e encômios.

Os quatro anos que permaneceu em Portugal, cavaram-lhe nalma os fundos sulcos indeléveis da nostalgia e da saudade. Esse longo período de exílio e desterro; a saudade da mãe e da irmã, a quem estremecia; a ausência da namorada de infância, Helena, que deixára em



Indaiassú, precipitaram nele a irrupção da tuberculose, mal latente, talvez congênito, que se lhe espelhava na cifose precóce, nas faces macilentas, nos pómulos salientes, nos olhos languidos e vítreos, na canice prematura como aliás ressalta de sua própria fotografia. A notícia das primeiras hemoptises, levada ao conhecimento de seu pai, determinou, por parte dêste, providências imediatas para seu pronto regresso.

A 11 de Julho de 1857 regressava ao Rio, seguindo logo para Indaiassú,—a fazenda paterna, situada ás margens do rio de igual nome, afluente do S. João. Esperava-o aí um transe acérbo, que a familia propositadamente omitira em sua correspondência para além-mar: o sepultamento da doce Helena (o seu amôr dos 15 anos, a sua primeira paixão), de quem havia recebido o primeiro beijo (fadado a ser o último) por ocasião de seu embarque, 4 anos antes, para o exílio.

Após um mês de estada na estância agreste, em que lhe defluira a infância, depois de rever os sitios e as paisagens, em que se refletia o seu passado, — voltou ao Rio para, obediente de novo ás imposições paternas, reingressar no comércio, empregando-se na firma Camara, Cabral e Costa, onde se conservou quasi 2 anos, isto é, até Junho de 1859.

Nesse mesmo ano deu á publicidade o seu terceiro volume — as “Primaveras”, acolhido por unanime côro de elogios. Só então o seu genitor se deixou capacitar do valôr intelectual do filho, chegando a orgulhar-se da própria paternidade! Achando-se doente em Indaiassú, pediu que lhe lessem trechos do livro recempublicado, comovendo-se até ás lágrimas com as nênias e as elegias do formoso volume. Presentindo seu fim, próximo, — reclamou a presença do filho, com quem se reconciliou, e de quem foi assistido em seus derradeiros momentos.

Com o falecimento do pai, detentor de grande cabedal mercê de sua carreira commercial e de seu tino mercantil, — tocou a Casimiro vultoso legado, o bastante para assegurar-lhe vida próspera e autónoma e para propiciar-lhe abandonar, como abandonou, a carreira commercial. Foi então que veio a conhecer segunda namorada — Maria —, da sociedade carioca, fadada a ser sua esposa, si a morte não houvesse cortado, para daí a um ano, o fio daquele idílio com o traspasse do noivo.

Passou então a viver na *Côrte*, onde se agravaram seus padecimentos. Por ordem médica demandou o cli-



ma de Nova-Friburgo, onde permaneceu apenas três meses, assistido por sua solícita e desvelada mãe. De Friburgo transferiu-se para Indaiassú, onde, 15 dias depois de sua chegada, veio a falecer, a 18 de Outubro de 1860. Contava então 23 anos de idade. Foi sepultado no cemitério da Barra de S. João, ao lado do sarcófago de seu pai.

Casimiro deixou mais dois trabalhos, que não lograram a mesma repercussão dos anteriores: a "Virgem Loura" (pequeno poema em prosa) e "Camila" (fragmento de romance), dados á publicidade em 1871, isto é, onze anos depois de seu falecimento.

A Terra Fluminense não lhe foi ingrata: ligou seu nome á cidade, que lhe foi berço, e erigiu-lhe um monumento em Niterói, no Jardim do Ingá.

Petrópolis doou seu nome a uma de suas ruas mais pitorescas.

A análise da obra poética de Casimiro deve remontar á época em que veio a lume, e não processar-se á luz dos métodos ora vigentes.

E' claro que seus versos, compóstos ha 70 anos, não podem sofrer confronto atual com os de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia, dados á publicidade depois que a poesia passou pelo crisól de uma evolução que lhe alterou radicalmente a essência e a fórmula.

Casimiro só pode ser cotejado com os seus coévos, a saber: Gonçalves Dias, Castro Alves, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Teixeira Mello. Sua obra poética tem de ser analisada dentro da época, em que floresceu: a crítica não póde perpetrar anacronismos.

Só os grandes genios conseguem ser contemporâneos do futuro e da posteridade, conseguem sobreviver por largo tempo á sua própria época. Casimiro não foi um gênio. Foi-o Castro Alves, precursor de Guerra Junqueiro; foi-o Gonçalves Dias, precursor de José de Alencar.

Casimiro teve imitadores, mas não teve propriamente discípulos nem continuadores: sua musa foi tão pessoal, tão íntima, tão singular, que ficou circunscrita a êle próprio; ela foi como certas flores, cujo perfume não irradia além do próprio cálice.

Dentro da sua época, dentro do seu tempo Casimiro foi um dos maiores engenhos poéticos de nossa língua: grande pela espontaneidade, pela ternura, pela suavidade, pela plangência. Foi mais que um poeta: foi um



## REVISTA DA

vate á moda dos bardos antigos, cujos versos se alavam da bôca através do coração, e espalhavam no ambiente, ao longo das estradas por onde perambulavam como nómades e como mendigos, os acóordes de sua lira, lira enramada de acánte e de pámpanos, a qual, além de cristalizar as formas nascentes e vacilantes do idioma incipiente, difundia os anseios estuantes da alma, os impulsos incoercíveis do éstro e o perfume balsamico do coração.

CARLOS GOIS.



## NA SEARA DO BELO

*(À margem de um livro)*

Quando, em assuntos de arte, se tentou um esboço filosófico, no sentido de serem fixadas algumas regras em relação ao "bêlo" ou á be-  
leza criou-se um capítulo, na disciplina do co-  
nhecimento, ao qual se deu o nome de estética.  
Muito reduzida, imperfeita, vaga, sinão grossei-  
ra, a exposição das doutrinas até então conheci-  
das. Com o correr dos tempos, foram aparecendo  
as contribuições e devassados os aspectos gerais  
dos problemas, á luz das conquistas científicas.  
Se a fórmula de Baumgarten, na designação da-  
da ao assunto, é ainda a mesma, variadas são, no  
entretanto, as investigações e pesquisas, sob me-  
todo próprio em relação a arte. Dêsde a velhis-  
sima e sutil afirmação de Platão a respeito  
do "bêlo" até ás extravagâncias um tanto  
corajosas e hoje felizmente desmoralizadas  
dos chamados "artistas de vanguarda", o "bé-  
lo" constituiu um problema quasi insolúvel,  
sob mil fatores diversos, e por isso dependente  
talvez, não dos cinco sentidos exclusivamente,  
mas dos "infinitos entre-sentidos", de que fala  
um ilustre crítico moderno. Dar-lhe equação ou,  
antes, prendê-lo a regras definitivas, inteiriças,



rígidas, uniformes, foi sempre uma preocupação, na qual se verifica a chamada "tortura" do artista. Em rigor se foramos enquadrar o "bêlo" em dogmas precisos, iríamos cometer o êrro de querer reduzir a própria vida a uma obra de arte, se nêle, como diria Chabot, professor de filosofia no Liceu de Lyon, existem o diletantismo e a fantasia. Não porque a vida não fôsse, também, o "bêlo" em certo ponto de vista, mas simplesmente porque nêle ha qualquer coisa de orgânico, próprio da personalidade humana.

Bergson, em formosos artigos a respeito do riso, quando procurou definir as condições em que se verifica o lado "cômico", concluiu que êste não teria existência além daquilo que é propriamente humano. E' claro que a afirmação do famoso pensador é um tanto axiomática ou, pelo menos inegavel, á primeira vista. Tanto quanto o "cômico" no riso, o "bêlo" não póde nem poderia ser uma entidade fora do homem, isto é, tem existência exatamente porque está no homem.

Modernamente, as grandes bibliotécas e as salas de estudo, mórmente as instituições que se dedicam a altos estudos e a altas investigações, ha, na rubrica das "fines arts", autores de grande voga, que se entregam ao assunto, ferindo-o de perto, procurando fixar-lhe os limites, as conexões de realidade, tudo "experimentalmente", como se ciência fôra. Assim, Carrit, na excelente brochura: "Que é a beleza?", expõe, em ampla dissertação, o que é o "bêlo na arte". Sir Chardes Holmer escreveu, faz pouco tempo, essa interessante "Gramática das artes", procurando desenvolver, na primeira parte, vários princípios de estética, nos quais ha muita velharia, afirmações absoletas, compensadas em parte por muitas coi-



sas interessantes e não raro originais. Herbert Read lembrou-se, também há pouco, de escrever a "Anatomia da arte", extravagância ou paradoxo no título, mas verdade pura, proficiência, segurança e firmeza de conhecimentos na essência do assunto. Outro escritor brilhante e imaginoso, Birkhoff, examinou o problema á luz de novos fatos e nos deu a magnífica "A esthetic measure". Quer dizer que, pôsto de lado o conceito filosófico do "bêlo", já universalmente aceito através das luzes do tomismo, há e haverá sempre uma tendência manifestamente objetiva na fixação das regras e em tôrno do assunto, sem prejuízo, é claro, do lado subjetivo.

Se o homem se serve de instrumento especial para transmissão de seu pensamento, há de querer forçosamente aperfeiçoar o veículo de suas idéias, buscando dar-lhe plasticidade, eficiência, energia, ordem, proporção ou, conforme a linguagem corrente nas rodas científicas, "tonus" preciso e infalível. Claro é que, na ordem prática a estética será antes uma rigorosa "disciplina objetiva", uma "técnica" uniforme, invariável, que se vale de fatores diversísimos e de diversísimos elementos.

Estética, hodiernamente, exige concurso da ciência, eis que, como disciplina eminentemente objetiva, está sujeita a influência direta dos fenomenos sistematizados pela própria ciência. Se, como foi afirmado, no elemento homem — "máquina perfeita de sensibilidade", existe a percepção do "bêlo", através do sistema nervoso, é claro que as leis modificadoras da percepção influirão inegavelmente na finalidade da arte. É irrecusável que existe uma correlação, uma certa inter-dependência dos órgãos sensoriais.



Prova-o exuberantemente o trigênio. Pode nêsse ponto estar ainda atrazada ou incipiente a física, mas alguma coisa de notável vai sendo desvendada aos poucos, mórmente através de alguns trabalhos modernísimos, notando-se o do Houstoun (*Vislos and colou vision*), o de West, de Hardy e muitos outros da estirpe de um Henderson, Mewman, Reichenbach, os quais vêm procurando firmar em regras precisas muitos fatos interessantes a respeito do som, da côr, do cheiro, do gôsto e da tactilidade, estando alguns autores vivamente impressionados pelas analogias flagrantes, similitudes perfeitas, sinergias, pontos de convergência igualdade de escalas, susceptíveis de sinópses exatas e impressionante paralelismo.

Dado o concurso que a ciência vem presidindo á arte, mórmente nos dominios da física, é bem possível, sinão probabilíssimo, que apareça, um dia, a "física da arte", de cujo esbôço já se conhecem alguns contornos. Se hoje os sons podem ser guardados cuidadosamente e reproduzidos com absoluta nitidez, com o registro dos matices e das variações, conservando, até, o "allure", ou, antes o "processus" do artista, — que muito ha em não poder existir a análise objétiva literária, sob metodo experimental, com o regor dos números? Nêsse caso, seria a nascente "física literária" um dos capítulos mais curiosos e difíceis da física da arte". Quando, então, fosse necessário firmar-se doutrina em tórno do "porque" de arte, ou do "bélo", teríamos que ir além do problema e estaríamos em pleno império da "matafísica da arte," e, portanto, em pleno domínio da filosofía.

Todas essas considerações nos vieram á mente em face do livro do sr. Albino Esteves,



*Estética dos sons, côres, ritmos e imagens*, publicado, ha pouco na capital federal. Trata-se de um forte ensaio, em que o autor, versado com muita segurança no assunto, a que se vem dedicando, ha algum tempo, expõe as doutrinas e concepções, os conceitos antigos e modernos a respeito da "arte literária. Em citações cuidadosas, passa a invocar a opinião de insignes autores, no intendo de excluir-se do trabalho, afim de lhe dar autoridade e valor. A grande modéstia do autor não impede, porém, que, traindo os seus louvaveis escrúpulos, nos dê, a miúde, interessantissimas opiniões próprias, seguras observações, dignas de aprêço em face da proficiência de quem, no assunto, se tornou mestre. O illustre membro de Academia Mineira de Letras, vê-se bem, tende para a arfirmiação de que, assim na prosa como na poesia, ha uma "técnica" que póde ser perfeitamente disciplinada em regras imutaveis ou pelo menos uniformes. Não vai o autor, no estretanto, ao extremo de admitir em tudo os métodos experimentais para a verificação dos fatos ou fenomenos de arte. E' o que se depreende de vários trêchos de seu livro, mórmente á página 242, em que se refere ao conjunto dos sentimentos, que formasse "um bouquet raro", do qual brotasse a arte "flôr suprema". Como se vê, não perfilha o ensaista o exagêro do Brunetiére, que desejava a adoção dos métodos da história natural de um Herckel, nem se coloca intransigente entre os discipulos de Antistenes. Tem marcadas simpátias pela "ordem" pela "proporção", pela "harmonia", e não deixa de, embevecido pelos mistérios ou pelos segredos da arte, da atenção desvelada á "fórma" para a explicação e até resolução de alguns fenomenos estéticos.



Para a maioria de seus pontos de vista, perfeitamente em dia, parece-nos, com a opinião ora vigente em matéria, de arte, vale-se de numerosas e interêssantíssimas exemplificações. Assim, no seu livro, em oportunas referências, ao lado da velha "Optique des couleurs", de Castel, enfileira as opiniões de Hoffmann, Schroedes, Scriadin. Invoca a "música analógica de Laszlo", as famosas e tão discutidas "vogais coloridas" de Rimbaud, os estudos do dr. Baratoux, os conceitos de Peillaube nas "sinopsias", as afirmações de Fetis, as esperiências de Dupinel e Veripierre ("gama natural de vogais"), o processo de Koahier no cálculo das vibrações vocálicas, as esperiências do dr. Marage nos "crofo-sinfônicos" de Merel, no "oscilógrafo", de Blondel, de Frederico Chladni, Cornu e Mercalied. Ao lado dêsses autores, o ensaísta desenvolve amplamente a sua tese, huscando demonstrar que a lei de Fechner ("a sensação varia como alogarítimo da excitação") é applicavel aos vocabulos e expõe, em números, o cálculo da audibilidade, expresso em "bel". Mais adiante, sempre alicercada em autores de fama, desenvolve o estudo, expondo o que ha de moderno em "ruidos e, em seguida avança em teoria pura a respeito da "corporisação do vocabulo". Esta parte, que é digna de atento exame, vem apoiada, com o esquema de Pizzoli e as observações do autor de "Antimoderne" (Maritain considera as palavras com substância ou matéria sob regime especial) e, por fim, as de Ingenieros. Nêsse filão de idéas, que agradariam a um Picasso, encara a estética de *Cruz Souza* com muita argucia, a ponto de, por mão de Cecilia Meireles, nos oferecer uma interêssante representação material de um dos poemas do grande poeta negro.



Essa corporisação vocabular vai encontrar apoio nas idéas de Claparede de Muller, Schumann, Dumont. As "linhas curvas", tão estimadas pelos que se entregam ao culto de Hermes-Trimigisto e, por êsse motivo (ou por outros. . .) adoram a "cabala", oferecem ao autor amplos motivos de analyse. Assim, aparecem as figurações, os símbolos, através do desenho (linhas verticais, horizontais e obliquas). As questões do ritmo, expresso na harmonia ou na musicalidade, são consideradas condições de arte. Vale-se de Hegel e apoia-se em Dupiney, para expôr as fronteiras que ha entre a prosa e a poesia. Mathis Lussy "(Le Rythme musical)", com a sua "thésis" (silabas fortes) e a sua "arsis" (silabas mûdas), é lembrado com justeza mórmente para a demonstração de que o ritmo trocaico é de grande harmoniosidade, no que parece haver semelhança, com a composição da música em três tempos. Por fim, estudada a rima, com a opinião do formidavel Banville, o ensaista passa ao assúnto das imagens, que analisa, com maestria e vígor.

O livro do sr. Albino Esteves, escrito em linguagem clara, simples e segura, sem preocupação de atavios ou adornos, aliás impróprios ao genero, é, sem favor, uma excelente exposição de idéas, calcadas em firme observação e realçada pelas joias magnificas da literatura brasileira e portugûesa que, habilmente, escolheu e reuniu em seu ensáio. Para coroar o trabalho, na agudeza de suas afirmações e na excelência das citações, oferece-nos o autor uma grande novidade, que, certamente, terá provocado a admiração de muita gente: dá-nos o Olavo Bilac primitivo, isto é, o Olavo Bilac estreante nas letras, como colaborador da "Gazeta de Sapucaia", em fins do



terceiro quartel do século passado. Essa excavação literaria vem, indiretamente, demonstrar-nos o quanto vale a tenacidade, a paciência do artista que, sedento de estésia, não vacila em ampliar e até modificar trabalhos primitivos, dando-lhes enxertos apropriados ou fazendo-lhes cortes necessários, tudo em reverência ao "bêlo".

Pelo tremsunto acima expôsto, vê-se que o sr. Albino Esteves, além de versar o tema com a facilidades que lhe dão as suas paciêntes investigações e análises, soube exemplificativamente darnos uma idéa exata de estética, quer sob o ponto de vista objétivo, através de esquemas, gisando espectos particulares dos vocabulos, da frase, indo ao extremo da decomposição dos elementos organicos das palavras, quer sob o ponto de vista subjétivo, sem as indigestas e suporíferas guerras de conceitos, tomadas a Hegel, Condillac e outros.

Se o ilustre ensáista procurou esquematizar princípios de estética no pressupôsto de que, em qualquer modêlo, ha um todo organico, uma arca-boiço, uma "estrutura", não terá em absoluto avançado, parece-nos. idéa menos conforme aos fátos em questões literárias. Toda e qualquer expressão de arte é produto de disciplina, e disciplina exige meio essencialmente plastico, fórmula ou sucessão de fórmulas. Na disposição, na estrutura, naquilo que parece haver de físico ou, antes, na "estática" da arte, ha de assentar ou de existir uma especie de fôrça motriz, uma energia própria ou antes, a "dinamica" da arte.

Muita razão acode ao brilhante autor em não ficar isolado com a opinião do ensáista do "Anti-moderne", procurando, imediatamente, valêr-se do conceito de Keats, semelhante a do divino Plátão e antiquissima na tradição dos homens. No seu



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

interêssantissimo e curioso estudo ficou mais uma vez demonstrado que prosa e poésia são fórmulas que possuem pontos de contacto e que legitimo consórcio. É uma verdade pura. Para os grandes artistas, para os que cultuam a verdade no seu máximo esplendor, a linguagem tanto poderá ser prosa como poésia. O que é essencial é a vida. A beleza sempre intangível. Mas existirá por si, qualquer que seja o meio por que se manifeste ou se deixe perceber.

A "Estética" do sr. Albino Esteves estaria fadada a grande nome e daria inicio a vivos estudos e meditações aos meios literários, no tocante aos problemas de arte, se o nosso país fosse mais preocupado com as coisas da inteligência.

MARTINS DE ALMEIDA



## TUA BOQUINHA

Não sei que possa encontrar  
De tão gracioso e tão lindo,  
Que lembre, quando sorrindo,  
Tua boquinha, sem par.

Nem na Terra, nem no Mar,  
Nem, sequer, no Azul infundo,  
Vi um anjo possuindo  
Bôca tão bela, a cantar.

Por isso é que vejo louca  
Minh'alma buscar-te a bôca,  
Febril de amor e desejo,

E envolvê-la toda inteira  
Essa boquinha faceira,  
Que cabe dentro de um beijo.

J. PAIXÃO.



## Rubaiyat de Omar Khayyam

I

Se nunca, Senhor, ajunto  
pérolas, por ti, de prece,  
também não nego o Pecado  
que a minha face enegrece.

Nunca afirmei Dualismo:  
na Unidade persevéro.  
A tua misericórdia,  
por isso, tranquilo, espero.

IV

Que teu saber não humilhe  
a teu próximo. Contém-te.  
Nunca te deixes vencido  
pelo teu ódio inclemente.

Se queres aproximar-te  
da Paz verdadeira, vem !  
Ri da sina que te fere,  
mas não firas a ninguém.

VIII

Nêste mundo, tenhas sempre  
poucos amigos, buscando  
não prolongar a amizade  
que a qualquer vais dedicando.



Antes de a mão estenderes  
a uma outra mão, tem cuidado  
sempre em pensar se ela, um dia,  
não te fará desgraçado !

XV

Acima da própria Terra,  
além, no Pleno Infinito,  
conhecer tentei, a fundo,  
o que é Céu, e Inferno, aflito.

Uma voz, porém me disse,  
num pregão altivo e eterno:  
— “Buscas em vão. . . Em ti mesmo,  
vê-se o Céu, e vê-se o Inferno !”

XXXVIII

Sobre a Terra sôno, sôno. . .  
Sôno, sôno sob a Terra. . .  
A Terra, dentro e por fóra,  
corpos extensos encerra.

Sempre o nada em toda parte.  
Do nada a extrema amplidão.  
Vêm-se homens que vão chegando,  
e outros se vêem que se vão. . .

L

Hontem, eu vi um oleiro  
que se encontrava assentado  
diante de sua peça,  
a trabalhar com cuidado.



Asas moldava nos vasos,  
e, bordos, e mais artigos.  
Êle amassava caveiras  
de sultões, mãos de mendigos. . .

CXLVI

Serventes, nada acendei !  
Meus convivas, de cansados,  
dormem. Distingo-lhes bem  
os semblantes macerados. . .

Gelados, hirtos serão  
assim, na extrema noitada !  
Nada de luz ! Entre os mortos,  
nunca existiu alvorada !

CLXX

Taças, perfume, alaúdes,  
tranças, olhares, segredos,  
brinquedos que o Tempo apaga,  
apaga sempre. . . Brinquedos. . .

Solidão, honras, trabalhos,  
preces, renunciias, canseira,  
poeira que o Tempo esmaga,  
esmaga sempre. . . Poeira. . .

(Adaptação inédita)

MARTINS DE OLIVEIRA



## Vinde para o Sol!

Então sómente a mocidade é que sonha e realiza?

O Belo, a Arte, enfim, não move o coração do velho? Desprezai êsse materialismo vesgo que integra a vida unicamente no musculo!

E os velhos trouxas, acreditando nisso, vão retirando-se da arena, fugindo á luta, ao trabalho, e ficando a bater os maxilares, como porco do mato, resmungando, ao envés de andarem nas ruas, nas praças, em todos os lugares onde ha luz, alegria, entusiasmo. Ainda mais: sempre que se lhe deparam outros basbaques, da mesma craveira, logo depois do "bom dia", da "bôa tarde" ou da "bôa noite", iniciam a conversa com esta surrada e palerma frase feita: "Em nosso tempo..." e começa a gemer o poeirento realejo.

Que significa essa frase caduca?

Simplesmente isto: "quando eu era vivo, quando eu não havia "virado" ruminante... E' por isso que o velho de hoje é um "indesejavel" em toda parte. E a mocidade, convencida de que



só ela tem o privilegio do talento, da inspiração, do critério, da clarividência, vai enxotando o “velho” bobo da oficina, da cátedra, da imprensa, da tribuna, e os pacovios, como carneiros, tangidos pelo medo, ficam á margem do caminho da vida, vestidos de preto, de bordão, chapéu enterrado até ás orelhas, de cabelos amarfanhados, barba intonsa, abandonando o cigarro, o charuto, substituindo-os pelo cachimbo ou pelo “esturro”, porque julgam que só isso convém ao “velho”.

Andam de cabeça baixa, os braços frouxos, caídos, abrindo e fechando as mãos, gesticulando, segredando a sombras, a entidades imaginárias, criadas por sua memoria passadista.

A nossa Capital Federal estava cheia de rapazes bonitos, elegantes, perfumados, discutindo nos cafés, nos “bars” sobre futebol, box e coisas outras, e foi o Pereira Passos o espirito pugnaz, intemerato e patriótico que fez emergir dos escombros da cidade colonial a paradisiaca metropole brasileira, a cidade maravilhosa, orgulho de toda a América.

A nossa jurisprudência é formada de um exército de causídicos, mas citada uma frase de Ruy, de Pimentel, de Lessa e de outros, todos abaixam a frente e se curvam respeitosamente diante dessas cabeças cheias de cabelos brancos, diante desses rostos com gilvazes de ancianidade.



Ha muitos poetas moços de cabeleira á Lafontaine, á Marquez de Maricá; mas, quando o velho lírico, que vivia, ha alguns anos, no Palacete da rua da Soledade, aqui, em Niterói, o velho José Maria do Amaral deixava que, de lá, saíssem para a imprensa os seus imortais sonetos, acórdes de sua lira planturosa, os futuristas e nefelibatas não podiam deixar de exclamar: "Que velho sublime!" Para que alongar estas considerações ?

Velhos, vinde para o sol ! O trabalho é a vida, e só com a vida cessa ! Deixai a cela para os monges, para os contemplativos ! Deixai de estar a tecer casulo ! Abri as azas ! Aproveitai o restante da vida, afagando no cérebro esperanças e sonhos !

Não é o "muque" o gerador do progresso ! Edison não o tinha, e maravilhava o mundo com as suas criações imortais !

Velhos resmunguentos, vinde para o sol ! Destruí o velho aforismo: "Senectus est morbus" !

Vinde para o sol !

J. PAIXÃO.

8-11-33 — Niterói.



# Ansiedade

*Ao Mestre Augusto de Lima*

## I

Aquêles muro antigo, esborcinado e quente,  
Ao calcinante sol dos dias de verão,  
Certa vez murmurou: — “que destino inclemente  
A châma que requeima este meu coração...”

E a hera que o ouviu, num abraço envolvente,  
As ramas estendeu sequiosa de expansão:  
E, com seu manto real de sombra florescente,  
Revestiu de esmeralda o velho paredão.

Mas, vendo-se na sombra, o arruinado tapume,  
Sem luz, sem ar, bradou, num supremo queixume:  
“O’ fecundante sol, prefiro o teu queimor!”

“Não vejo mais o céu nem a luz matutina!”  
E pupila solar fitando áquela ruina  
Queimou da planta verde o manto protetor...

## II

Viu-se então sôbre o muro a fibrosa carcassa  
Do polvo vegetal de desgrenhado porte;  
E, novamente, a luz, calcinadora e forte,  
A pedra, o barro, a cal, impiedosa traspassa...



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Perto dêle não ha vegetal que suporte  
Toda a chama infernal, que em seu corpo perpassa,  
Desde a parede suja e negra da argamassa  
Até a profundez do petreo contraforte!

E o muro soluçou: — “O’ hera, reverdece !”  
Porém a sua voz jámais foi atendida  
Não lhe valeram pranto, a queixa, a magua, a prece...

E eu penso, afinal, na dor que me consterna,  
Que as cousas como nós sofrem na vida  
Os rispídos grilhões da insaciedade eterna!

*Anibal Mattos*



# Um grande amor...

ANIBAL MATTOS

— E onde o conheceste ?

— Aqui mesmo, em Belo-Horizonte. A flôr da alegria murchára-se-lhe nas rugas sombrias dos lábios.

— Boêmio ainda ?

— Uma ruina . . .

Estavam os dois amigos na sala do Municipal. Em cêna, alguns artistas amadores, afinavam o final do primeiro ato de uma comédia regional. Marcos atalhou:

— Nada de fantasías, Godofredo. Tú, pelos modos, já queres romantizar a existência dêsse infeliz. Isso, afinal, é ridículo. O que o inutilizou, na verdade, foi uma vida desregrada: o abuso de bebidas alcoolicas. Ele tornou-se ultimamente a figura obrigada das orgias nos antros do vicio da cidade.

— Carregaste demasiado nas tintas dêsse quadro de devassidão. Nada disso, estás enganado, Marcos.

— Póde ser . . .



E ria-se desabridamente, talvez, sem motivo para tão imprevista hilaridade.

— Não levas nada a sério, acrescentou Godofredo, afirmo-te . . .

E tinha razão. Marcos era um espirito galhofeiro, um doidivanas. Fazia timbre em ter graça, em ser alegre, embora lhe faltasse muitas vezes a espontaneidade, o que prejudicava as suas intenções. Nas rodas que frequentava, punha em prática meios de, com inteligência e sutileza, encaminhar a conversa de maneira a divulgar algumas pilhérias. Conforme o ambiente, relatava os seus casos, usando de um vasto repertório adaptável a todos os paladares, desde a anedóta graciosa e sutil até o episódio picante ou francamente imoral. Parece que ainda não ha nada melhor que a anedóta para nivelar as situações e as criaturas.

Ser engraçado ainda é, hoje, o meio mais prático de alcançar popularidade. Que o digam o palhaço de circo, o ator bufo e o galã cômico. Os bobos dos reis chegaram a causar, algumas vezes, inveja a embaixadores e ministros. Marcos, em ser engraçado, apenas aspirava prestígio mundano, e nunca se valeu da sua situação de homem espirituoso para dar piparotes nos ventres roliços de senadores ou secretarios de Estado.

Godofredo parecia conhecer a história de Paulo e daí o protestar contra o ceticismo do amigo. Já havia penetrado talvez na sua profunda



tristeza, naquela dôr que parecia espalhar pela sua fisionomia uma como resignação de martir. Na máscara de Paulo havia uma beatitude envolta em crepe, a tristeza pungente dos que vão perdendo a esperança . . .

— Conta-me o que sabes a respeito dêsse rapaz.

— E' melhor calar, respondeu Godofredo, evidentemente nervoso. Eu não toleraria sem impaciência as tuas dúvidas a respeito da história de Paulo. E êle é digno de muita piedade, coitado.

— Eu prometo ouvir-te com toda atenção. Como o conheceste, afinal ?

— Em condições bastante curiosas: num barbeiro, com parte do rosto ensaboadado. Eu estava em uma cadeira ao lado, já atormentado pela galopice desenfreada do Figaro. Nunca vi um falador tão irritante.

— Peça licença, para interromper-te, meu amigo; barbeiro falador é pleonasma . . . Essas criaturas são faladoras desde os tempos em que os deuses do Olimpo dominavam a humanidade.

— Queres dizer que o característico da classe vem de longe.

— Sim, continuou Marcos, desde o barbeiro de Midas, que, certa vez, ao fazer a barba a êsse pretencioso rei, descobriu-lhe um par de orelhas de asno.

Durante dias ficou o mortal ansioso para passar adiante a novidade . . .



— Mas receiava comprometer-se . . .

— E' verdade.

— E o que fez para aliviar-se de tão louco desejo?

E Godofredo, a sorrir, acrescentou:

— Já agora aproveito a lição de mitologia . . .

— Fez o que talvez não acudisse á argúcia feminina: abriu um buraco no sólo, onde desabafou o segredo, cobrindo-o depois. Aconteceu que no lugar cresceram canas, que, sacudidas pelo vento, articulavam as palavras que descobriram ac mundo as orelhas de asno, que a vaidade ofendida de Apolo fez crescer no presunçoso rei Midas.

E, noutro tom:

— Pódes continuar, deixarei daqui por diante a mitologia em paz.

— Dizia eu que estava num barbeiro. Aconteceu, no ardor da palestra, o homenzinho que escanhoava Paulo, inadvertidamente, lanhar-lhe o rosto. O galpe, apesar de não oferecer a menor gravidade, alarmou pela quantidade de sangue. O serviço da loja ficou interrompido por momentos para recomeçar, graças ao acidente, debaixo de um silencio paradisiaco. De vez em quando eu olhava de esguelha para a vitima e admirava-me extraordinariamente da sua tranquilidade. Si o caso se passasse comigo, eu acho que teria perdido a paciência. Saímos do barbeiro juntos. Era natural que conversássemos, e foi o que se



deu. Entramos em um café. A presença do Torquato, que bebericava em uma mesa afastada, e que nos chamou para a sua companhia, acabou por estabelecer certa intimidade entre mim e Paulo.

Notei então que êle bebia de modo diferente das outras pessoas. Não se limitava a escolher esta ou aquela bebida: pedia um arsenal de garrafas, e, com um ar estranho de enlevo e volúpia, olhava para os líquidos que despejava no copo como o artista que se deliciasse diante das mais belas côres, descobrindo-lhes, talvez, nas nuances primitivas, e na metamorfose das misturas, qualquer coisa para mim incompreensível, e que fosse, entretanto, para o seu ávido olhar ou para a sua imaginação ardente, uma evocação misteriosa. Vi o líquido passar pelos mais variados tons, até tingir uma coloração cericea, algo esverdeada, semelhante a dos cadáveres em principio de putrefação. Foi essa a impressão que eu tive da beberragem, e êle confirmou-a ao dizer-me, com um sorriso amargo:

— Côr de defunto, heim ?

E o Torquato, voltando-se para êle, depois de um longo suspiro, perguntou:

— Ainda continúas com essa mania, Paulo ?

— Mas, a história ? indagou Marcos, já vivamente interessado.

— A história, retorquiu-lhe Godofredo, vai ser relatada pelo próprio Paulo, hoje. Fiquei de en-



contrar-me ás nove horas com o Torquato. Estou a arder de curiosidade, inquieto mesmo, sem saber o motivo.

— Com os diabos ! gritou Marcos, a curiosidade não é só privilégio de mulheres; estou aqui sôbre brasas. Leva-me contigo ! Que dizes ?

— Como quiséres. Paulo não se importará com a presença de mais um camarada. Eu penso que êle está disposto a romper o sigilo que tem até aqui pairado sôbre a sua extrema boêmia. Declarou-me mesmo não tolerar mais o sofrimento que lhe causam injustas acusações.

— Não creio, pois, que hesite em revelar as páginas negras de sua vida.

— Irei contigo !

E verificou as horas, achando que já era tempo de partir. Pouco antes das nove horas chegavam os três amigos ao alto da rua Pouso-Alegre, na Floresta. Não foi necessário entrar em explicações para justificar a presença de Marcos, diante da satisfação com que Paulo o recebeu.

— Fez bem em vir, muito bem. E pouco depois de instalados, os dois amigos ouviam as primeiras palavras de Paulo relativas á sua história. Deu a principio noticias da sua infancia em uma fazenda do interior de Minas. Aos quinze anos viéra para a Capital, cuidar de estudos.

— Ah! meus caros, a vida da cidade não me seduzia, e, após ter conseguido os meus preparatórios, resolvi escrever a meus pais fazendo-lhes



vêr a inutilidade de insistirem na minha permanência aqui. Eu sabia que lhes ia causar um grande desgosto. Meu pai, enriquecido na vida dos campos, sonhára para mim uma carreira auspiciosa. Eu sempre apparecêra nas suas miragens como o futuro doutor da família, o futuro deputado . . . Foi uma rude decepção para o velho a minha volta súbita, e mais o encolerizou ainda a obstinação do meu gesto. Ele bem sabia a razão, mas o seu amôr próprio ofendido impedia-o de comentar a minha attitude. Desde pequeno eu sentira uma forte inclinação por Doly, a filha de um fazendeiro fronteiriço, inimigo de minha gente ha longos anos. Já meu pai observára-me a inconveniência de tal inclinação, e de nada valeram conselhos e avisos. Doly, por sua vez, contava-me os seus sofrimentos em casa.

O pai disséra-lhe, ameaçador e colérico, que preferia vê-la morta a casada comigo. Amávamos intensamente para que deixassemos dominar pelas correntes opostas que surgiram para impedir a realização da nossa felicidade. Era um amôr que crescêra conôscos, desde os jogos infantis. A minha volta precipitou os acontecimentos, e fez com que o ódio das duas famílias explodisse.

De uma feita, os filhos do Jacinto Neves, irmãos de Doly, atacaram dois primos meus, que viviam com meu pai, deixando-os atirados ao sólo ensanguentados. Dividiu-se no arraial a opi-



nião pública, e, duma hora para outra, surgiram dois partidos prontos para as mais sérias contendas. De um lado os Neves, e do outro os Mouras. Que fazer? Debalde procuramos uma solução satisfatória para o caso. O padre Gaudencio, em vão, tentou colocar acima da rivalidade latente a sua autoridade de setuagenário, o prestígio de ter levado á pia batismal grande número dos belicócos contendores. Afinal, a minha estima por Doly, o nosso amor, em suma, não passava de um pretexto que a surra dos primos incrementou, para levantar os ódios que jaziam mergulhados hipócritamente nos corações de todos. A taça extravazára no momento preciso, após a gôta que lhe saltava dos bordos, cheia de raiva e de veneno.

Queriam sacrificar o nosso amor por causa de questões mesquinhas de rumos mal demarcados.

Era uma crueldade, uma injustiça!

E atrás da questão dos rumos vinham outras ainda mais sordidas, de caráter mais íntimo e de molde a trazer á baila fatos que deviam ficar em segredo. Foi uma exibição escandalosa e triste de chagas sangrentas, um desnudamento tórpe de almas apodrecidas.

Quasi não parava em casa. Tornaram-se-me intoleráveis as exigências de meu pai a respeito dos seus amigos. Queria que eu os ouvisse, de modo a desistir dos meus intentos amorosos.



Neguei-me, é claro, a seguiu seu conselho, o que mais exarcebou os animos, já tão irritados contra mim.

— Isto acaba mal ! bravada meu pai, isto acaba em morte !

E atormentava-me com sermões infinitos numa inútil tentativa de convencer-me.

E o gênio de meu pai se foi modificando de maneira espantosa. Cheguei a receiar o seu estado a presenciar algumas vezes crises de nervos imprevistas e horríveis.

Reconheci que precisava sair de casa e precipitar os acontecimentos.

Meu pai ultimamente parecia viver numa irritabilidade constante, que atestava o seu desequilíbrio nervoso. Eu ás vezes apiedava-me dos seus assômos convulsos de impaciência e de raiva. Sentia-me isolado. Si quisesse organizar um tribunal para julgar a minha situação, eu estava certo de não encontrar em ninguem a clareza, a neutralidade de animo, tão necessárias ou imprescindíveis ao bom juiz. Esse meu pensamento fez com que passasse a odiar os dois partidos, por senti-los ambos insidiosos e cruéis. Aquelas duas massas humanas, prontas a degladiar-se, a morrer até num conflito horrendo não se sentiam animadas por nenhum ideal, nem por um pensamento qualquer benéfico, nada disso ! Os espiritos amesquinados ali estavam prontos para alimentar a ambição, para influir no manejo da de-



sordem. Não tive hesitações, e revoltei-me. Doly concordou comigo, e numa suave madrugada de setembro fugimos os dois para uma fazenda distante 12 léguas da nossa terra natal, onde nos receberam parentes afastados de Doly, que conheciam nosso segredo, e com simpatia, olhavam a nossa situação. Ficou combinado que nos casaríamos daí a três dias, quando o padre visitasse o arraial próximo.

No dia seguinte, porém, desencadeou sobre mim a primeira lufada tempestuosa da minha tragédia: Doly desaparecera misteriosamente. Ninguém ouvira nada durante a noite. Os cães não haviam dado o menor sinal de alarma. Como explicar, pois, a ausência de Doly? O seu quarto estava em desalinho, percebiam-se claramente sinais de luta. Não sabia que pensar. Mandei arrear um animal e atirei-me estrada fóra, sem destino. Aos raros viandantes que encontrei, fiz perguntas, sem lograr respostas que revelassem o menor indício. Acometeu-me um súbito atordoamento. Fiquei por alguns instantes perplexo no meio da estrada, ao sol causticante das primeiras horas da tarde, até que, de novo, investi, sem rumo, numa desenfreada carreira.

Doly devia ter sido raptada por pessoas de sua casa, por adéptos da sua família, e tomei a resolução de dirigir-me á fazenda de meu pai. Chegaria lá pela noite. Tanto melhor, pensei, tratarei de sondar a verdade ocultamente.



Quando estava preste a chegar, e já divisava do alto as ruínas da fazenda do *Capitão negro*, iluminadas sinistramente pelos raios do luar, senti que me seguiam na sombra, e voltei-me. Antes, porém, que pudesse fazer qualquer gesto, senti-me laçado e agredido por vários homens. Desceram-me violentamente do animal, e arrastaram-me morro abaixo. Estrugi de cólera, vociferando improperios contra os traidores, cuspi na cara dos mais próximos, num assômo epilético de cólera. Malditos! Covardes! Ao chegarmos nas ruínas entramos. Senti os olhos cheios de sangue; e a minha vontade de matar foi tão grande, que eu me julguei um verdadeiro assassino naquêlê instante de cólera. Pouco depois arrastaram-me para dentro das ruínas da velha fazenda. Compreendi logo o fito dos meus perseguidores: queriam aterrorizar-me, matar-me de medo ou enloquecer-me. A fazenda era conhecida em toda a redondeza como mal assombrada. Diziam que a alma do "Capitão negro" andava por ali arrastada pelas almas das suas vítimas inúmeras. O antigo proprietário daquela casa enorme, já em ruínas, fôra um mulato escuro, filho de escravos. Apossára-se das terras por meios criminosos, diziam as lendas, e celebrizára-se por atos da mais requintada selvageria. Os herdeiros da fazenda, após curta estadia sob aquêlê tétô maldito, haviam passado para a vila, deixando a casa esboroar-se ao tempo. O viandante do lugar que por ali pas-



sasse benzia-se com um vago terror íntimo, receiando a aparição de trasgos ou ouvir o ruído angustioso das almas penadas.

Era para êsse antro que me arrastavam os meus inimigos. Jogaram-me para dentro de uma sala escura, depois de me amarrarem solidamente a uma corda longa que me permitia caminhar livremente no vetusto casarão arruinado. Deixaram na sala, uma candeia bruxoleante e foram-se gritando:

— Fica-te aí com o “Capitão negro” !

Partiram. Ouvi, distintamente, os passos que se afastavam e as gargalhadas dos homens.

Por fim um enorme silêncio desceu sôbre mim como uma mortalha fria e sufocante . . . Pús-me a pensar nas velhas histórias referentes áquela velha casa.

A luz da candeia tremia no meio da sala enorme, e eu arregalava os olhos, esperando vêr a cada instante a figura trágica do velho carrasco, o vulto negro do homem amaldiçoado. Comecei a sentir-me mal repentinamente. Atormentava-me um sentimento misterioso. Mêdo ? Silvavam aos meus ouvidos vozes agudas, zumbidoras, vozes que me diziam coisas cheias de pavor e de tristeza. Eu sentia no ar qualquer coisa de apavorante, um cheiro exquisito, concentrado de coisas antigas, como si escancarassem diante de mim arcaas enormes fechadas ha séculos; era uma exalação estranha infiltrante e talvez mefítica de rui-



nas por ali de ronda, dentro daquela velha casa que se abria aqui e ali, de fôrma horrenda, como si os seus buracos fossem as fauces aterroradoras de abismos vivos? Estaria a morte por ali? O' sim, a morte devia estar á espreita em algum canto, oculta nalgum recesso íntimo da ruina agressiva, esperando a hora de investir na sombra, sem aviso, traiçoeiramente . . .

E comecei a sentir qualquer coisa bem mais forte que o mêdo, sensação desesperadora de quem se vê ameaçado de um desastre fatal sem meios de fugir dêle, sem fôrças para evitá-lo.

Era um terror panico que me eletrizava os músculos. Os meus movimentos passaram a ser bruscos como descargas elétricas. Assustava-me o ruído dos meus passos sutis, e, coisa interessante, si a casa ruisse, estourasse e fosse pelos ares, causar-me-ia menos impressão que os ruídos, pequenos, quasi imperceptiveis, que eu ouvia: o ranger das minhas bótas, o estálido da madeira pelo efeito da combustão solar, o salto de algum inséto ou o cricrilar imprevisto de algum grilo.

Agora tudo parecia combinar-se para aumentar o peso de angustia, do ambiente. O vento lá fóra, a principio, um bafejo quente, impregnado do calor da terra, foi crescendo e precipitando-se pela casa sem pedir licença, ardente como se fóra o hálito da grande bôca dos desertos, impregnado do hircismo singular das coisas que se putrefazem na carreira dos séculos. Passei as mãos pelo



rosto, e senti-as úmidas, de um suor viscoso . . . Jámais havia experimentado uma tão grande angústia. Creio que perdi os sentidos, e que, sob a ação de um terrível pezádelo, assisti ao mais estranho espetáculo. Até hoje não pude explicar o que se passou realmente comigo: a verdade, porém, é que eu vi desenhar-se nitidamente aos meus olhos uma cena imprevista de horror. A principio foi um rumor, confuso de vozes, de gemidos e soluços. Depois um canto estranho, triste e fúnebre. Pareceu-me que pessoas andavam na sala contigua. Os passos invadiram o compartimento em que eu me achava. De quando em vez batia-me no rosto um tecido leve como si alguém, ao caminhar, roçasse por mim as suas vestes. Durante momentos os vultos invisíveis rodaram pela sala como se estivessem a fazer uma grande arrumação. Ouvi-os arrastarem móveis pesados ou caixões. Soaram marteladas . . . Eu esbugalhava os olhos, mas nada via.

Só depois que cessou inteiramente o ruído é que eu comecei a distinguir qualquer coisa dentro da tréva densa. Recomeçaram a cantar com o mesmo ritmo arrastado e confuso. Luzes indecisas surgiram em vários pontos da sala, a distancias convencionadas. Seriam tochas? perguntei a mim mesmo, e notei vultos esguios, cerícios de longas velas acesas.

Ao centro, dentro, dentro do perimetro marcado pelas velas, distingui uma grande eça com



bordados de ouro. Do pano preto, á frente, bem voltada para mim, na face vertical da éça, uma caveira côr de luar, acima de duas tibias cruzadas, fazia-me carêtas horriveis, abrindo e fechando os enormes maxilares. Gargalhava sinistramente, enchendo o ambiente de um ruído indefinível, que não chegava a ser estridente, mas que me dava a impressão de écoar muito longe. Aos meus ouvidos, sim, êle vibrava com uma tal violência, que eu cheguei a pensar numa desorganização completa do meu cérebro. O riso estalava e repercutia na minha cabeça como gritos agúdos dentro de uma vasta sala abobadada. Antes que cessasse a multiplicação dos sons, se renovavam as vibrações iniciais, de modo que, em pouco tempo, o que eu ouvia era um unisono ensurdecedor, horrível, capaz de enlouquecer-me si a fatalidade ou a fôrça do destino não me dêsse fôrças para resistir. Cerrei os olhos e senti-me atirado a um abismo caótico.

Confesso que não tenho expressões para definir a angústia dessa quéda brusca e estridorosa. Quando de novo abri os olhos cercava-me uma grande tréva e um silêncio profundo. Por momentos invadiu-me o bem-estar de quem desperta de um pesadêlo. Acho que cheguei a esboçar um sorriso, que, infelizmente, murchou nos lábios com a restauração repentina da camara mortuária.



Agora entravam sombras em bando: umas caminhavam naturalmente, outras se balançavam no ar, com os corpos inclinados, como se pendessem de invisíveis cordões aérios. Encheu-se a sala de sombras, aumentado mais ainda a treva do ambiente a ponto de minguaem as chamas das tochas. O ar não circulava. A atmosfera tornou-se tão pesada que as próprias sombras soltaram gritos de horror e acabaram por precipitarse desordenadamente para fóra. Respirei embora me sufocasse uma nuvem densa de poeira, de uma poeira que tinha um cheiro almiscarado. Ergui-me e corri para uma janéla de onde respirei largamente o ar puro da noite. Voltei ao meu estado natural ao vêr, pouco adiante, os vultos dos meus perseguidores. Senti-me então movido por uma estranha curiosidade e voltei para a sala. Silêncio e tréva. Atormentaram-me as primeiras dôres provenientes dos laços fortes que me apertavam as carnes; forcejei por livrar-me e verifiquei a impossibilidade de destruir sem auxilio de vincilhos que me apertavam. E ia soltar uma imprecação, quando gemidos me chamaram a atenção. Voltei-me de súbito e vi o vulto de Doly inclinado para um esquife, que pousava sôbre a éça.

Gritei o seu nome com todas as minhas fôrças e não cheguei a ouvir a minha voz.

Ela também não me ouvia, porque continuou a soluçar. Corri para ela e quando pensei apertá-



la nos meus braços, apenas cortei o vácuo, o espaço vazio da sala solitária. Mas, ao recuar, se recompôs o quadro fúnebre. Era Doly ! Sim, era Doly ! Não a figura material da minha amada Doly, porque eu não senti o seu corpo, mas era ela que ali estava. Sim, era ela ! Deixei-me ficar imóvel, sem capacidade para explicar aquela aparição espectral. Pús-me a analisá-la. Os seus grandes cabelos negros desciam-lhes sôbre os ombros. A um movimento, só pude ver-lhe o rosto e estremeci horrorizado ao notar que a sua côr era a mesma, exatamente a mesma, que a das grandes tóchas. O olhar perdêra a doçura do olhar das mães, quando acariciam os filhos doentes; estavam fixos, duma fixidez vitrea, impressionante. Desviei os olhos e não pude conter um grito ao deparar no esquife outro vulto, também de Doly, de olhos cerrados, mãos cruzadas ao peito, as suas duas mãos longas e finas de incomparável perfeição. Era Doly morta. Depois (não sei como explicar tantos horrores), já não era mais Doly a soluçar, e sim, eu. Era eu, não havia a menor dúvida, a sacudir-me em estertores e soluços, debruçado no esquife. As minhas mãos tocaram o corpo gelado e rígido de Doly, eu sentia o seu corpo frio nas minhas mãos trêmulas... E fiquei longo tempo a ouvir os meus soluços, de alma agônica, dentro da tréva misteriosa, diante das fórmias sombrias, subdividido, e a sentir, na



va o meu sofrimento e arrancava da minha noiva gritos de tão pungente desespero.

Por momentos fiquei indeciso, perplexo dentro da prisão de fogo. Tentar sair pela porta seria uma loucura; a hipotética salvação estava ali, a fuga pela janéla, de um salto de mais de três metros de altura. Não havia mais tempo para raciocínios e atirei-me quando as chamas já investiam e o fumo denso me separava do grupo . . .

— E feriu-se ? indagou Marcos.

— Olhe aqui, respondeu Paulo. E mostrou, levantando os cabelos, uma cicatriz na fronte. Perdi os sentidos, continuou, e quando voltei a mim, já dia claro, Doly estava ajoelhada perto de mim, a sorrir e a cobrir-me de folhas . . . Sorria de um modo esquisito. Falei-lhe. Fiz-lhe perguntas. Olhava-me sempre a sorrir sem dar mostras de compreender-me. Eu receiava admitir a hipótese que me esvurmava o cérebro: a idéa da loucura de Doly.

E era a realidade; Doly estava louca ! Ergui-me com dificuldade, banhado de sangue; a hemorragia fôra abundante. Afastei-me quanto antes daquêle lugar maldito. A antiga edificação arruinada desaparecêra num montão fumegante de cinzas. Estavamos sós. Felizmente nossos perseguidores haviam fugido convencidos naturalmente de que eu havia sido devorado pelas chamas do incêndio.



Vencemos á pé distancia que nos separava da mais próxima estação de via férrea, e aqui estamos . . . .

— Aqui ? interrompi.

— Sim, é verdade, aqui. Esta particularidade póde parecer estranha, mas Doly está aqui, nesta cidade.

— Louca, ainda ?

— Completamente louca. Como devem saber, resido com meu primo, um milionário casado e sem filhos. Doly tem compartimentos especiais e vive sob a guarda de duas enfermeiras.

Pobre Doly !

E depois de um suspiro fundo:

— Ah! meus amigos, vocês não sabem o que mais me dóe em tudo isto, vocês não sabem !

— Dize !

— Oçam: Doly, na sua loucura, deu em odiar-me. Não se espantem, é isso mesmo, odeia-me ! Não me póde vêr sem assômos terriveis de cólera. Transfigura-se em ódio e desespero.

Vejo-a sempre sem ser visto por ela, occulto. Mas, apesar disso, ela parece adivinhar a minha presença.

— Conhece os teus passos, disse eu ?

— Sim. Não posso iludi-la. Por mais que seja o meu cuidado, ela percebe instintivamente a minha aproximação.



Procuro vê-la com infinito cuidado, e não ha expressão de candura e de humildade que possa vencer a sua repulsa por mim.

Oh! como eu soffro em saber que Doly me odeia! E eu amo-a cada vez mais, loucamente! Acho que êste meu amor é diferente do comum dos amores: nêle ha qualquer coisa de cebrino e de absorvente que exerce sôbre todas as minhas fôrças concientes um poder mágico. Estou certo de que matarei tranquilamente, si êle me inspirar a morte. Chego a ter mêdo dêste amor, porque, quando êle me escravisa aos meus ímpetos, eu desvaio. Foge o último raio vacilante da razão.

Soffro de mil modos, principalmente quando me lembro das horas efêmeras de minha felicidade, de instantes que foram gloriosos e que ainda hoje me deixam, ao lembrar-me dêles, preso numa rajada de luz.

E sinto uma saudade imensa, sinto várias saudades. Uma, porém, sobreleva todas as outras, e eu a sinto dentro dalma como uma suave luz que trespassasse as trévas dêsse passado, até iluminar aquêlê instante suavissimo em que os meus lábios pousaram nos seus lábios . . .

Um demorado silêncio deixou absorvidos os três amigos. Paulo estava como num êxtase. Ele lembrava-se daquêlê beijo que o tonteára, que fizera passar pelos seus olhos deslumbrados um resplendor irisado de vitral batido de sol. Aquêlê



beijo ! Com que infinita ternura se lembrava d'êlé em horas de abandono e de tristeza. Aquêlé beijo fôra para êle uma revelação suprema de que a vida não era má como êle pensava, que na vida havia muita coisa béla e bôa. E' verdade que para êle o único instante de maior ventura fôra fugaz, uma ansia dolorida penetrada de amor que desabroxára na flôr divina daquêlé ósculo: o primeiro, o único e o ultimo !

Marcos arriscou um comentário sôbre a cêna nas trévas, no interior da fazenda.

Parecia duvidar das palavras de Paulo, do seu estado mental, talvez ao relatar episódio tão fantástico.

Paulo procurou explicar-se:

— Naquêlé momento sortilego, faltou-me a necessária calma para ajuizar do meu estado. Eu não posso explicar, francamente, si tudo o que vi foi o resultado de um pesadêlo cruel, ou si eu estava devêras acordado . . . Não sei. Houve talvez uma falha imprevista na minha memória, um obscurecimento, creio que um golpe de insanía . . . A verdade é que o quadro horrível só se desenhava á minha vista depois de alguns instantes na tréva . . . Parece que repentinamente, eu perdia o equilibrio, vítima de um desvario que me roubasse o último e já vascilante raio da razão . . .

— E Doly ? indagou Godofredo.

Paulo ergueu-se quasi de um salto. Percorreu a sala toda, cautelosamente, e, levando um



dedo aos lábios, pediu-nos silêncio. Aproximou-se. Estava evidentemente nervoso. Os seus gestos tornaram-se rápidos e incoerentes, como movidos por mólas ocultas.

— Falem baixo agora, eu ouço os seus passos . . .

Marcos e Godofredo entreolharam-se, surpresos.

— Ouve passos ?

— Sim, ela aproxima-se, ela aproxima-se. Não digam nada, não lhe falem !

E ficou de pé, voltado para uma das portas do gabinete. Algum tempo depois estendeu os braços, numa atitude comovente de súplica, murmurando:

— Doly, minha adorada Doly !

E, voltando-se para os amigos, atônitos diante da sua alucinação, disse-lhes:

— Vejam como está lindo o meu amôr !

Encaminhou-se para o fundo do gabinete, e prostrou-se por terra a beijar o sólo, a beijar os pés da Doly, dessa mulher amada, que só elle via . . . que só os olhos da sua loucura podiam vêr . . .

(Do livro "Tragédias do destino").



## O POETA

(A Marianna Hygina)

O poeta entra confiante para a luta,  
Disposto a combater o fado adverso;  
Seu meigo olhar sempre nos céus imerso,  
Revela uma alma candida e impoluta.

O poeta é alheio ás cousas do Universo,  
E só a música dos sóes escuta,  
Na miséravel e boêmia gruta,  
Cheia do cambiante odôr do verso.

Ebrio, doido de luz, traz no infinito  
O olhar inteligente sempre fito,  
Sondando o azul etéreo, amplo e risonho.

Seu coração, rico cibório de ouro,  
Guarda um precioso e místico tesouro:  
— O amôr, a crença, as ilusões e o sonho!

*Arthur França*

## PRIMEIRA CARTA

E' numa cálida manhã como esta,  
Quando o canário um limpido gorgueio  
Canta e despertam fauna e flora em festa,  
Que eu esta carta com pesar relêio.

Primeira carta escrita com receio,  
Por Essa que minh'alma ainda requesta.  
Primeira carta — única prova, creio,  
Que desse amôr extinto hoje me resta.



REVISTA DA

Relendo-a, sinto que em cada uma linha,  
De onde um casto perfume ainda se evola,  
O amôr vive, o amôr pulsa, o amôr palpita...

Seja sempre abençoada esta cartinha!  
Esta, que eu recebí, primeira esmóla,  
Dela que é tão ingrata... e tão bonita!

*Arthur França*

**MINHA NOIVA**

*(A Augusto Mario)*

Embora goste da morena, embora  
De muitas delas tenha sido amado,  
E, o amôr lhes retribuindo, apaixonado  
Pela morena, em outros tempos, fôra.

A mulher que a perene e duradoura  
Paz excelsa de um místico noivado  
Ha de gozar, sorrindo-se a meu lado,  
Não ha de ser morena: ha de ser loura!

Sei que o amôr da morena é louco, é ardente,  
Enquanto a loura é fria, indiferente,  
E, caprichosa, ao próprio amôr desdoura;

Mas eu não sei, talvez, porque suponho  
Que essa que, eterno, ha de doirar-me o Sonho  
Não ha de ser morena: ha de ser loura!

*Arthur França*



## EM CASA

Envolta num peignoir azul marinho,  
Simples, sem rendas e sem uma fita,  
Sandalias brancas, de um alvor de linho,  
Cabelos soltos onde a noite habita;

Essa por quem meu coração palpita,  
Dona de meu amôr, de meu carinho,  
E', com franqueza, muito mais bonita  
Assim, em casa, em meigo desalinho.

Nas reuniões do high-life já se disse  
Que é a flôr mais fina, e, em torno dela a inveja  
De leve esvoaça como um rumor de aza.

Mas eu não sei porque acho D. Alice  
(E' um devaneio de poeta? Seja!)  
Muito mais linda e mais coquete em casa!

*Arthur França*

## NUVENS

A vida é como a nuvem que povôa  
O infindo azul do céu, onde flutúa,  
— Qual pequenina e célere canôa  
Boiando á flôr do mar, que ruge e estúa.

Ora, indolente, a nuvem vaga átôa,  
Trajando a etérea palidez da lua;  
Ora é sombria e negra, horror tressúa,  
Ameaça tempestade e o céu nodôa.



REVISTA DA

É, assim, nessa constante alternativa,  
— Ou calma, como um lago transparente,  
— Ou vomitando a coléra de Siva;

Em breve, passageira como um lótus,  
Desaparece nos pégos do ocidente,  
Para surgir em outros céus remotos.

*Arthur França*

**TÚ, SÓ TÚ!**

Ha muito andava a minha mente ilusa  
— Que inda hoje tem esse invejavel dom  
De mais sonhos possuir que a luz difusa  
No côncavo do céu sereno e bom —

Sonhando essa que fôsse a minha musa  
E loira como as filhas de Albion,  
Tivesse a graça e a pôse da andaluza  
E das damas gentis de grande tom.

Margaridas, Ofelias, Julietas,  
Beatrizes, que amei por um disfarce  
Que é do chique entre todos os poetas:

Todas povoaram minha mente calma.  
Mas só teu nome conseguiu gravar-se  
Nas paginas em branco de minhalma.

*Arthur França*



## MEU AMOR

Meu amor não é mais a tranquila e serena  
Impuluta afeição de outras épocas, não:  
Hoje é um zêlo feroz, uma bruta paixão,  
Que, impetuosa, e integral expondo em nudez plena.

Tem da rôla o guaiar e o rugido da hiena,  
Tem o arrulo da pomba e tem cios de leão.  
Se me torna de bronze em cêra o coração,  
E' igualmente capaz de uma otelica cena.

Tanto o ciume produz, como um carinho terno.  
Vida e morte me dá. Faz-me escravo e senhor.  
Dá-me vertigem do Alto e anátemas do Inferno.

Mas este sentimento, extreme de ância e ardor,  
Com travos de venêno e sabor de falerno,  
E' o único afêto serio, é o verdadeiro amor.

*Arthur França*

## SUPREMO IDÉAL

Venturoso? Não sou. Ignoro que ventura  
Póde ter quem como eu viu fugir, uma a uma,  
Todas as ilusões, quem na existência impura  
A tunica da Fé despiu, alva de bruma.

Ignoro si feliz é da alma que perdura  
Na solidão hostile do abandono, e menhuma  
Vez logrou a delicia e sorveu a doçura,  
De sentir do carinho a levissima pluma.



Nem mesmo desgraçado eu posso ser, entanto,  
Embora o coração me rôa o negro abutre  
Da dôr e humilde e só, erre de pranto em pranto.

Pois ao vê-la gracil, de uma belêza grêga,  
Minha alma, que a requesta, ainda a esperança nutre  
De lhe apertar a mão e conquistar... Não! Chega!

*Arthur França*

## A CABO DA JORNADA

Partí chorando em busca de um carinho,  
Em busca de um amôr. Em tôrno, imensa,  
Crescia a treva pavorosa e densa...  
Nem uma luz me guiava no caminho!

Dilacerando os pés em cada espinho,  
Impavido seguia: a minha crença  
Era muito maior do que se pensa,  
E era minha alma de ilusões um ninho.

Hoje o sol me surpreende ao fim da estrada,  
Palmilhada entre insultos e entre apôdos  
Que surgiam de cada encruzilhada;

E eis-me afinal, dentre milhões de sêres  
O mais feliz, só porque entre êles todos  
Escolheu-me a mais santa das mulheres!

*Arthur França*



## Relatorio do Presidente da Academia, relativo ao bienio 1932 — 1933

Srs. Academicos.

Cumprimos o dever de apresentar-vos hoje o relatório do bienio, para o qual tivemos a honra de ser eleitos, aos 14 dias de janeiro de 1931, e que agora termina, de acôrdo com a áta de nossa posse, aos 26 dias do mesmo mês.

Este fáto vem provar que nos cingimos rigorosamente ao prazo para o qual fomos eleitos, e que fizemos observar o que foi aprovado em áta, cumprindo o dispositivo legal que manda fazer a eleição ao fim do bienio administrativo.

Se essa disposição não foi anteriormente cumprida, por qualquer razão de fôrça maior, isso não poderá implicar de fôrma alguma na redução do bienio, para o qual fomos legitimamente eleitos, conforme as átas aprovadas a que já nos referimos, de 14 e 26 de janeiro de 1931, que proclamam o nosso mandato até o dia 26 de janeiro de 1933.

Dada esta leal e preliminar explicação temos a honra de sujeitar á vossa análise os fatos principais, ocorridos neste periodo administrativo.

### VITALIZANDO A ACADEMIA

Podemos afirmar com satisfação e orgulho que a vida da Academia foi intensa e profiqua e que correspondeu nobremente, o mais que foi possível, ás suas altas finalidades, apesar da indiferença do ambiente e



## REVISTA DA

do retraimento dos academicos, assoberbados, talvez, por seus trabalhos particulares e publicos.

A Academia tem encontrado administradores dedicados e desses seguimos o exemplo no desempenho de nosso mandato, não poupando esforços para corresponder á confiança dos ilustres confrades, que nos honraram com seu voto para tão alta investidura.

Pareceu-nos desde logo necessario estabelecer um contacto mais direto da Academia com o publico, de modo a interessá-lo nos seus trabalhos e a prestigiá-la como Instituição ativa e de real utilidade publica.

Para êsse fim procuramos aproveitar todas as justificadas oportunidades, realizando sessões publicas, com ampla distribuição de convites, fazendo essas sessões o mais possivel interessantes. Como meio de tornar tambem a Instituição mais conhecida promovemos a ampla distribuição da

## REVISTA DA ACADEMIA

que se achava quasi inteiramente arquivada, mandando nelo correio os numeros até então publicados, de n.º I a V. e, posteriormente de ns. VI e VII á bibliotécas, instituições de ensino e particulares. Essa distribuição foi ampla ficando no arquivo apenas o numero suficiente para atender a pedidos que por ventura nos sejam dirigidos.

A revista da Academia, esteve após vida mais ou menos regular, interrompida por 2 anos, tendo nós conseguido restabelecer sua publicação quasi ao fim de nosso bienio, mercê de um gesto digno do maior louvor do confrade Noraldino Lima, que assim prestou um grande favor ás letras mineiras. Aqui fica registrada a nossa gratidão e o aplauso da Academia por êsse ato do illustre e digno Secretário de Educação.

O nosso confrade João Lucio Brandão em o brilhante relatório de sua gestão, salientou a difficuldade de atuação nessa época utilitaria, cada vez mais sufocante — "diante da muralha de gêlo que oprime e estiola qualquer iniciativa eivada de idealismo, onde o interesse individual não predomina". Isso em 1928.

Imaginemos agora o quadro atual do nosso país e por êle se verá que a muralha de gêlo foi destruida pela chama desse interesse individual, e que êle abriu luta



## REVISTA DA

do retraimento dos academicos, assoberbados, talvez, por seus trabalhos particulares e publicos.

A Academia tem encontrado administradores dedicados e desses seguimos o exemplo no desempenho de nosso mandato, não poupando esforços para corresponder á confiança dos illustres confrades, que nos honram com seu voto para tão alta investidura.

Pareceu-nos desde logo necessario estabelecer um contacto mais direto da Academia com o publico, de modo a interessá-lo nos seus trabalhos e a prestigiá-la como Instituição ativa e de real utilidade publica.

Para êsse fim procuramos aproveitar todas as justificadas oportunidades, realizando sessões publicas, com ampla distribuição de convites, fazendo essas sessões o mais possivel interessantes. Como meio de tornar tambem a Instituição mais conhecida promovemos a ampla distribuição da

## REVISTA DA ACADEMIA

que se achava quasi inteiramente arquivada, mandando nelo correio os numeros até então publicados, de n.º I a V. e, posteriormente de ns. VI e VII á bibliotécas, instituições de ensino e particulares. Essa distribuição foi ampla ficando no arquivo apenas o numero suficiente para atender a pedidos que por ventura nos sejam dirigidos.

A revista da Academia, esteve após vida mais ou menos regular, interrompida por 2 anos, tendo nós conseguido restabelecer sua publicação quasi ao fim de nosso bienio, mercê de um gesto digno do maior louvor do confrade Noraldino Lima, que assim prestou um grande favor ás letras mineiras. Aqui fica registrada a nossa gratidão e o aplauso da Academia por êsse ato do illustre e digno Secretário de Educação.

O nosso confrade João Lucio Brandão em o brilhante relatório de sua gestão, salientou a dificuldade de atuação nessa época utilitaria, cada vez mais sufocante — "diante da muralha de gelo que oprime e estiola qualquer iniciativa eivada de idealismo, onde o interesse individual não predomina". Isso em 1928.

Imaginemos agora o quadro atual do nosso país e por êle se verá que a muralha de gelo foi destruida pela chama desse interesse individual, e que êle abriu luta



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

clara e aberta para tudo anarquizar e destruir, na ansia de dominar mesmo sôbre os escombros ou a ruina.

Nesse ambiente, mil vezes peor para as letras, para as artes, para todas as belas manifestações do espirito, para as melhores e mais uteis iniciativas humanas, é que nós procuramos agitar o problema espiritual da nossa cultura literaria.

Trabalhamos sem descanso e sem temor, com o aplauso de poucos, a critica acerba e ferina de muitos, sofrendo essa campanha com que, no Brasil, o derrotismo procura amesquinhar e ridicularizar as idéias mais altas e as iniciativas mais puras.

Nunca aspiramos premios nem honrarias, porque sempre nos bastou êsse aplauso sereno de poucos, principalmente de nossos confrades, a quem agradecemos a solicitude e a solidariedade.

### VIDA SOCIAL. SESSÕES

Realizámos dez sessões ordinarias, uma extraordinaria e seis de carater solene e comemorativo, além de uma série de seis conferencias. Não receiamos paralelo em relação á atividade social deste bienio, em que procuramos agitar o mais possivel a vida da Academia.

As sessões de caráter publico e solene foram todas assistidas pelos representantes do Govêrno do Estado e pelos srs. Consules aqui residentes.

Lograram sempre ótima assistencia e constituíram, algumas, verdadeiros acontecimentos sociais no dizer da Imprensa.

A primeira foi em homenagem ao escritor Graça Aranha, tendo falado o dr. João Alphonsus de Guimarães, filho do saudoso academico e glorioso poeta Alphonsus de Guimarães.

A segunda foi em recepção aos rotarianos aqui reunidos em um Congresso, e para ouvir a palavra do intellectual e cientista dr. Miguel Arrojado Lisbôa.

Em sessão extraordinaria foi comemorado o centenario de Alvares de Azevedo, tendo falado varios academicos.

Revestiu-se do maior brillantismo a comemoração do centenario de Goethe, realizada em nosso Teatro Municipal e seguida de um grande concerto sinfonico, em que foram executados numeros especiais, inspirados nos poemas dramaticos do genial poeta alemão.



## REVISTA DA

A proposito dessa festa, que se realizou com o concurso da Universidade de Minas-Gerais, da Sociedade Mineira de Belas Artes e da Sociedade de Concertos Sinfonicos recebeu o presidente da Academia os seguintes officios:

Exmo. sr. Presidente.

O jornal "Minas-Gerais" noticiou que Vossa Excia., organizou em Belo-Horizonte um festival de comemoração de Goethe e pronunciou palavras de alta admiração por Goethe da abertura da sessão solene. Agradeço-vos em nome da Academia Alemã, por este sinal de amizade que aprecio como uma expressão das simpatias existentes entre o Brasil e a Alemanha.

A Alemanha acha-se lisongeadada pela exaltação dos meritos de Goethe, que é um dos nossos. Faço votos que o espirito de entendimento mutuo e de amizade manifestado na sessão solene em comemoração de Goethe, continue em vigor entre o vosso país e a Alemanha.

Com os protestos da mais alta estima. De vossa excellencia. Am°. at°. *F. V. Muller*, presidente.

---

Embaixada Alemã

Rio de Janeiro, 18 de abril de 1932.

Senhor Professor Anibal Mattos.

E' meu desejo sincero agradecer cordialmente a V. Excelencia, pela sua iniciativa que conseguiu realizar, em Belo-Horizonte, a festa comemorativa do centenario do nosso imortal Goethe.

Sinto-me feliz de conhecer em V. Excelencia um defensor entusiasta das belas artes, das letras, da pintura e da plastica, que como artista sabia apreciar na maior perfeição este genio alemão.

E' devido á sua cultura, á sua intelligencia em atividade continua, ao seu talento incansavel, que foi possivel realizar aquela festa esplendida.

Apresento a V. Excelencia os protestos da minha mais alta consideração e estima pessoal.

*H. Knippnig*, Ministro da Alemanha.



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Exmo. sr. professor Anibal Mattos.

Saudações muito cordiais.

Vimos em nome da colonia alemã desta Capital vos agradecer, na pessoa do d. d. Presidente da Academia Mineira, a promoção da grande sessão civica realizada ontem para comemorar o centenario da morte do grande Goethe.

As palavras proferidas no vosso discurso na abertura da sessão, calaram bem fundo nos corações de cada membro da colonia presente ao ato.

Ainda debaixo do entusiasmo que reinou durante a bellissima reunião, vimos vos hipotecar a nossa gratidão.

Belo-Horizonte, 23 de março de 1932. — *J. C. Nathan.*

---

Exmo. Sr. Prof. Anibal Mattos.

Belo-Horizonte.

O alto interesse e a nobre atividade cultural de todos os circulos brasileiros, a que se deve a realização de numerosas festas comemorativas do Centenario de Goethe nesse país, levaram-me, a dar conhecimento deste fato, por um relatório pormenorizado, ao Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, o qual me incumbiu de significar a todos os autores e colaboradores a viva admiração e os mais sinceros agradecimentos do governo do Reich.

Em cumprimento desta ordem tenho o especial prazer em exprimir a Vossa Excelencia por esta carta o cordial reconhecimento e a profunda gratidão do Governo do Reich.

*H. Knipping.*

Ministro da Alemanha.

---

O orador oficial da solenidade foi o dr. Lucio José dos Santos, que leu um admiravel estudo sobre a vida de Goethe.

Em sessões publicas foram tambem recebidos pela Academia, o sociologo brasileiro dr. Alceu Amoroso Li-



## REVISTA DA

ma (Tristão de Athayde) que fez admiravel conferencia, sendo saudado oficialmente pelo academico Mario de Lima; e o escritor e poeta belga sr. Léon Kochnitzki, que foi saudado pelo presidente da Academia.

Tambem foi comemorado festivamente o cincoentenario de Garibaldi. Falaram nessa grande solenidade o dr. Lorenzo Nicolai, consul da Italia e o presidente da Academia.

De todas essas reuniões dão noticia completa os numeros VI e VII da nossa Revista.

## VAGAS NA DIRETORIA

Não tendo o academico João Lucio Brandão assumido o cargo de secretário geral, ocupou-o interinamente o academico Arduino Bolivar. Efetuada a eleição foi escolhido esse mesino confrade para esse posto e eleito 1.º secretário o academico Navantino Santos.

## CONFERENCIAS

Foram em numero de seis as conferencias promovidas pela Academia. Inaugurou a série o ilustre intelectual dr. Mario Casasanta, diretor da Imprensa Oficial do Estado, que leu um magistral trabalho sobre "Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis". A segunda conferencia foi realizada pelo jornalista José Menegali, diretor da Bibliotéca Municipal, sob o titulo "Saudades da lua". A terceira pelo professor da Universidade de Minas-Gerais dr. Mario Mendes Campos, sobre "O ciclo de Helena, de Francisco Campos".

A quarta, do presidente da Academia, que versou sobre "As origens da Arte e suas primeiras manifestações". Deixaram de realizar suas conferencias os distintos professores drs. Zoroastro Vianna Passos e Lopes Rodrigues, por ter entrado em obras o auditorio da Escola Normal, onde se acha a atual séde da Academia — E' de toda justiça salientar o concurso do "Centro Artístico" e do "Gremio Litero Pedagogico da Escola Normal", que abrilhantaram com gerais aplausos as conferencias, pondo em execução, após as mesmas, magnificos programas litero-musicaes.

Deixamos consignado aqui o nosso agradecimento e folgamos em tornar publica a nossa admiração pelos



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

trabalhos de socialização desse importante estabelecimento de ensino.

### HERMA DIOGO VASCONCELLOS

Procuramos por todos os meios levar avante a execução da herma desse saudoso companheiro, tendo enviado por varias vezes circulares a todos os prefeitos e a centros de cultura da cidade de Ouro Preto.

Tambem procuramos obter do govêrno o auxilio que para êsse fim foi votado pelo Congresso Mineiro. Foram inuteis todos os nossos esforços.

Sómente a Escola de Farmacia de Ouro Preto respondeu ao nosso apêlo enviando a importancia de trinta e nove mil réis, arrecadada entre os professores desse estabelecimento.

### SEMANA DO LIVRO MINEIRO

Foi uma iniciativa que alcançou o melhor resultado. As livrarias da cidade organizaram interessantes exposições de livros mineiros e de autores mineiros. Centenas de obras figuraram nas montras das livrarias da capital.

O fáto repercutiu lisongeiramente fóra do Estado, tendo a Imprensa de S. Paulo, ao elogiar a iniciativa, apontado o exemplo de Minas nesse trabalho de divulgação e de valorisação de sua obra literaria e scientifica.

### VERSOS DE ARTHUR FRANÇA

A Academia recebeu por intermedio do academico Arduino Bolivar as poesias ineditas de Arthur França, para divulgação. Nos numeros ultimos da Revista da Academia foi iniciada a publicação da bela obra desse illustre poeta.

### CORRESPONDENCIA DA ACADEMIA, INTERCAMBIO LITERARIO

A Academia entrou em correspondencia com quasi todas as associações de letras e scientificas dos Estados da União, permutando com elas a sua revista. Sempre julgamos da maior importancia êsse intercambio literario e nos esforçamos para intensificá-lo o mais possivel.



## REVISTA DA

Sempre nos pareceu uma imperiosa necessidade a formação de uma Federação das Academias de Letras do país, de modo a se estabelecer um programa de ação e de trabalho, em que existisse unidade de vistas e em que se trabalhasse, na realidade, para uma aproximação verdadeira. Já o homem de letras pernambucano dr. Mario Mello apresentou a respeito interessantes sugestões, que foram reproduzidas em nossa "Revista", vol. V, pag. 100.

A propria Academia Brasileira de Letras pretendeu reunir as academias estaduais, no sentido de estabelecer, segundo nos parece, uma ligação mais perfeita entre essas associações.

Essa iniciativa deve ficar de pé e merecer o apoio das instituições regionais, porque servirá de grande estímulo, e arrancará de um longo periodo agonico essas associações que não chegaram ainda a atingir uma perfeita estabilidade. A Academia Mineira pode ufanarse de ser uma das mais perfeitas e resistentes organizações literarias do país, pois tem afrontado vitoriosamente os mais delicados e dificeis transes.

## SEDE DA ACADEMIA

E' um dos mais sérios problemas o da séde de nossa Instituição. Infelizmente fomos obrigados a ceder os comodos que ocupavamos, no edificio da rua Guajajaras, para as instalações de uma repartição publica estadual, ficando todo o nosso mobiliario amontoado e em pessimas condições num pequeno quarto, que nem siquer permitia a limpeza. Aí recebi a Academia para o meu exercicio e tudo conservei tal qual estava até receber ordem de mudança. Procurei por todos os modos junto ao govêrno conseguir uma séde para a Academia e, afinal, mercê da gentileza do professor Firmino Costa esteve ela instalada em excelente sala na Escola Normal. Infelizmente, mais uma vez fomos obrigados a voltar á situação primitiva de ter apenas um lugar onde guardar nosso mobiliario, visto que essa sala se tornou necessaria ao serviço da Escola. As sessões, porém, se realizam em lugar conveniente, na sala da congregação do estabelecimento.



## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

### BIBLIOTECA

Continúa a receber, de quando em vez, a remessa de novas obras.

A sua marcha tem sido lenta e acidentada. A catalogação, inteligentemente começada pelo confrade Abilio Barreto, quando secretário geral ficou inteiramente prejudicada, quando a anterior administração foi obrigada a desalojar-se de seus comodors.

Em sua nova séde, na Escola Normal, esteve a bibliotéca de novo organizada, e oferecendo bôa leitura ás alunas do estabelecimento, sob direta fiscalização do presidente da Academia na escolha de obras. Infelizmente, nova mudança, para um local improprio, onde os objéto da Academia passaram novamente a ser aglomerados, veio prejudicar todo o trabalho promissora-mente iniciado.

### ARQUIVO

Conserva-se intacto e acrescido de novos documentos sociais, que servirão um dia para documentar a historia da Academia.

### SUBVENÇÃO

A subvenção da Academia foi suspensa pelo Estado como medida de economia, de modo que nenhum auxilio pecuniario nos foi concedido em nosso periodo administrativo.

Da subvenção que restou da administração que nos precedeu a importancia de 1:000\$000 já havia caído em exercicio findo, pelo que nos foi negado o seu pagamento em virtude de disposições de lei.

A persistir essa medida o nosso Instituto estará condenado a uma ruina deploravel, pois não poderá subsistir sem uma verba certa para suas despesas gerais e extraordinarias.

### REFORMA DOS ESTATUTOS

Obedecendo ao plano que traçamos de vitalizar o nosso Instituto, aceitamos com prazer uma proposta de reforma dos mesmos, assinada pelos academicos Mario Mattos, Arduino Bolivar e Anibal Mattos. A parte principal desse projéto é a que se oferece a ampliação de



## REVISTA DA

nosso corpo social, de modo a manter sempre em nosso Estado o numero de 40 academicos, sendo 20 de residencia na propria séde. Isso até um limite maximo de 60.

Essa modificação não logrou ainda alcançar o apoio necessario, tendo sido, no entanto, aceita sem a menor objeção a que se refere a reeleição de diretores e á criação da classe de socios honorarios. Outras modificações deverão ainda ser introduzidas em nossas leis e tudo isso será discutido no momento oportuno pela Academia.

### SITUAÇÃO FINANCEIRA

Ainda podemos considerar relativamente bôa a situação financeira da Academia.

Tendo recebido de nosso antecessor a importancia de Rs. 5:266\$000 em caderneta de Banco, entregamos ao nosso substituto legal a importancia de Rs. 5:321\$000, tendo as despesas ordinarias e extraordinarias do exercicio sido efetuadas com a parte da subvenção que a administração passada não havia ainda recebido. A essa importancia devemos acrescentar a de Rs. 1:900\$000 valor dos moveis da Sociedade o que perfaz a importancia de 7:221\$000 — sete contos, duzentos e vinte e um mil réis — Se a atual administração tivesse recebido, como as anteriores, os auxilios do Estado e da Prefeitura o ativo da Academia atingiria no presente momento a soma de Rs. 15:221\$000, — quinze contos, duzentos e vinte e um mil réis, — o que representaria o maximo até hoje obtido em nossas finanças.

A administração que hoje deixa o mandato, agiu com a mais rigorosa economia, em relação ao movimento social, o maior que até hoje já registrou na vida da Academia.

Junto o balancete acompanhado de todos os documentos esclarecedores e comprobatorios, que entregamos ao juizo da Comissão de Contas.

E solicitando perdão por quaisquer involuntarias faltas fazemos votos para o progresso da nossa Academia, e para o seu permanente prestigio no cenario das letras de nosso Estado.

Belo-Horizonte, 20 de janeiro de 1933.



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

BALANÇO DE CONTAS

O balancete apresentado foi aprovado pela Comissão de contas composta dos drs. Noraldino Lima, Alvaro da Silveira e Arduino Bolivar.

ANIBAL MATTOS.



10 — Franklin Magalhães, cadeira n. 20 —  
“Arthur Lobo”.

11 — Gilberto de Alencar, cadeira n. 21 —  
“Fernando de Alencar”.

12 — Heitor Guimarães, cadeira n. 22 —  
“Julio Ribeiro”.

13 — João Massena, cadeira n. 25 — “Au-  
gusto Franco”.

14 — José Paixão, cadeira n. 27 — “Corrêa  
de Azevedo”.

15 — José Rangel, cadeira n. 28 — “Ameri-  
co Lobo”.

16 — Luiz de Oliveira, cadeira n. 30 — “Os-  
car da Gama”.

17 — Machado Sobrinho, cadeira n. 31 —  
— “Lucindo Filho”.

18 — Mario de Magalhães, cadeira n. 33 —  
“Edgard Matta”.

19 — Navantino Santos, cadeira n. 35 —  
“João Pinheiro”.

20 — Honorio Armond, sucessor de Paulo  
Brandão, cadeira n. 38 — “Beatriz Brandão”.

21 — Plinio Motta, cadeira n. 39 — “Basilio  
da Gama”.

22 — Affonso Penna Junior, sucessor de Pin-  
to de Moura, cadeira n. 40 — “Visconde de Caeté”.



## Indice das materias contidas nos sete primeiros volumes desta «Revista»

<i>Do 1.º volume:</i>	Pags.
Duas palavras . . . . .	1
Discurso proferido pelo academico presidente dr. Eduardo de Menezes, na sessão inaugural, em Juiz de Fóra .	3
Discurso proferido pelo academico José Eduardo da Fonseca, na sessão inaugural, em Belo-Horizonte, a 24 de janeiro de 1925 . . . . .	23
Discurso do academico Alvaro da Silveira, presidente da Academia, na sessão extraordinaria de instalação em Belo-Horizonte . . . . .	27
Elogio de Thomaz Gonzaga pelo academico Mendes de Oliveira, na sessão de 2 de janeiro de 1916 . . . . .	29
Elogio de Santa Rita Durão, pelo academico Carlos Góes . . . . .	39
Discurso pronunciado na sessão inaugural da Academia, a 13 de maio de 1910, em Juiz de Fóra, pelo academico Nelson de Senna . . . . .	49



O naturalista frei Conceição Velloso — memoria lida pelo academico Alvaro da Silveira a 7 de novembro de 1915	61
Traços biograficos do dr. Joaquim Feli- cio dos Santos pelo academico D. Joaquim Silverio de Souza . . . . .	75
Traços biograficos de Aureliano Pimen- tel, pelo academico Lindolfo Gomes	103
Elogio de Barbara Heliodora pelo acade- mico João Lucio a 6 de fevereiro de 1916 . . . . .	135
O Marquez de Sapucaí — elogio pelo aca- demico Mario de Lima a 5 de setem- bro de 1915 . . . . .	162
Discurso de recepção do academico No- raldino Lima, a 3 de agosto de 1919	183
Discurso do academico João Lucio rece- bendo oficialmente o academico No- raldino Lima . . . . .	203
Relatorio apresentado pelo Presidente Mario de Lima, a 31 de dezembro de 1921 . . . . .	215
Estatutos da Academia Mineira de Letras	219
Eleição da Diretoria — 1923-1924 . . .	222
Expediente . . . . .	225

*Do 2.º volume:*

Discurso de empossamento do academico Agrippa de Vasconcellos, na sessão de 11 de maio de 1923 . . . . .	5
Discurso do academico Carlos Góes, na sessão de 11 de maio, recebendo o academico Agrippa de Vasconcellos	35



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Discurso de empossamento do academico Almeida Magalhães, a 11 de maio de 1923 . . . . .	51
Discurso do academico Alvaro da Silveira, recebendo o academico Almeida Magalhães . . . . .	85
Discurso de empossamento do academico Anibal Mattos, na sessão de 15 de agôsto de 1923 . . . . .	96
Discurso do academico Navantino Santos, recebendo o academico Anibal Mattos . . . . .	131
Discurso do academico Noraldino Lima, na sessão de 27 de setembro de 1924 . . . . .	141
Discurso do academico J. A. Nogueira, lido pelo academico Noraldino Lima, a 27 de setembro de 1924 . . . . .	145
Discurso do academico Paulo Brandão, recebendo o academico J. A. Nogueira . . . . .	151
<i>Do 3.º volume:</i>	
Expediente (Diretoria) bienio 1925-1926 . . . . .	I
Socios correspondentes . . . . .	III
Relação das cadeiras, seus titulares e patronos . . . . .	VII
Biografia de José Eloy Ottoni, pelo academico Nelson de Senna . . . . .	3
Biografia do Visconde de Araxá, pelo academico Albino Esteves . . . . .	41
Biografia de Arthur França, pelo academico Aldo Delfino . . . . .	61
Biografia de Xavier Veiga, pelo academico Carmo Gama . . . . .	73



REVISTA DA

Perfil biografico de Manoel Basilio Furtado, pelo academico Olympio de Araujo . . . . .	153
Azevedo Junior, discurso do academico Noraldino Lima, ao inaugurar-se a herma do saudoso jornalista . . . .	177
Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga, pelo academico José Eduardo da Fonseca . . . . .	183
Sinhá Flor (cap. de romance) de João Lucio . . . . .	197
Bernardo Guimarães — fragmento biografico pelo academico Dilermando Cruz . . . . .	93
Biografia do Conde de Prados, pelo academico Eduardo de Menezes . . . .	99
16.º aniversario da Academia — Allocução pelo presidente Carlos Góes . . .	149
Aureliano Lessa — conferencia pelo academico Agrippa de Vasconcellos. .	155
Silva Alvarenga — discurso de empossamento pelo academico Abilio Barreto	181
Posse do academico Abilio Barreto — discurso do academico João Lucio . .	215
Affonso Arinos — discurso pelo academico José Eduardo da Fonseca . . . .	233
Suavidade da língua portuguesa do Brasil, Carlos Góes . . . . .	237
Mensagem lida em sessão extraordinaria de 24 de agosto de 1926, pelo representante da Academia Fluminense de Letras . . . . .	243
Discurso pelo presidente Carlos Góes . .	249



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Estevam de Oliveira — biografia pelo academico Abilio Barreto . . . . .	257
<i>Do 5.º volume:</i>	
Quadro social . . . . .	6
Socios correspondentes . . . . .	7
Relação das cadeiras, seus patronos e atuais titulares, bem como respecti- vos endereços . . . . .	8
Discurso do academico Mario Mattos, quando deputado, na Camara Esta- dual, sobre premios literarios . . . .	9
Mecenas — clinica do academico Carlos Góes publicada na <i>poliantéa</i> em ho- menagem ao sr. presidente Antonio Carlos . . . . .	15
Claudio Manoel da Costa — notas bio- graficas . . . . .	20
Biografias de patronos . . . . .	47
Notas para a biografia de D. Beatriz Francisca de Assis Brandão . . . . .	49
José Basilio da Gama — biografia . . . . .	55
Conferencia historica do academico Abi- lio Barreto sobre o fundador do Cur- ral-de-El-Rei . . . . .	67
Necrologio do sr. Diogo de Vasconcellos — discurso pelo academico deputado Nelson de Senna, na Camara Fe- deral . . . . .	95
Confederação das Academias de Leras, cronica do dr. Mario Mello . . . . .	111
Um quadro atual da mentalidade brasi- leira entrevista do dr. Mario Mattos a <i>O País</i> . . . . .	117



Discurso de empossamento do academico Mario Mattos . . . . .	125
Discurso do academico Noraldino Lima, recebendo o academico Mario Mattos	157
Vida Nova, novela do academico Paulo Brandão . . . . .	179
Adeus da turma — discurso de formatura do academico João Lucio . . . . .	193
Bernardo de Vasconcellos — estudo pelo sr. Gustavo Penna . . . . .	223
Notas para a biografia de José Maria Teixeira de Azevedo Junior, pelos srs. Sandoval Campos e Aminthas Lobo . . . . .	235
Natal de um triste — dois sonetos do aca- mico Abilio Barreto, paginas 240 e	242
Notas para a biografia do padre Mestre Corrêa de Almeida . . . . .	243
Notas para biografia de Arthur Lobo	245
Notas para a biografia de Lucindo Filho	251
Notas para a historia da Academia Minei- ra de Letras . . . . .	352
Conselheiro Francisco de Paula Candido — estudo biografico pelo academico Nelson de Senna . . . . .	261
Relatorio da administração Carlos Góes — 1925-1926 Correspondencia . . .	286
Indice da materia contida nos 4 primei- ros volumes da Revista . . . . .	287



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

*Do 6.º volume:*

Quadro social . . . . .	3
Socios correspondentes . . . . .	4
Relação das cadeiras . . . . .	5
Cerimonia de posse da nova Diretoria da Academia Mineira de Letras . . . . .	9
A homenagem da Academia Mineira de Letras á memoria de Graça Aranha . . . . .	17
O centenario de Alvares de Azevedo . . . . .	37
Apresentando a poetisa Henriqueta Lis- bôa, por Noraldino Lima . . . . .	41
Segundas Núpcias . . . . .	48
Ser poeta . . . . .	48
Solteirões . . . . .	49
Discurso de agradecimento do dr. Noral- dino Lima, nas homenagens que lhe prestaram os professores e intelec- tuais de Belo-Horizonte . . . . .	127
Saudação a Olavo Bilac . . . . .	233
Olhos . . . . .	141
Voz inefavel . . . . .	141
A fé . . . . .	142
Alma branca . . . . .	142
A ti . . . . .	143
Epitalamio . . . . .	143
Triunfal . . . . .	144
Soneto . . . . .	144
Origem da Arte Brasileira . . . . .	145
Belo-Horizonte . . . . .	170
Pregando no deserto . . . . .	170



REVISTA DA

Terra Mineira . . . . .	171
Reliquias de Ouro-Preto — Poemas de Mario de Lima . . . . .	173
Eu tinha um beijo para sua boca . . . . .	180
Canção tímida . . . . .	180
Sessão solene da Academia em homena- gem aos Rotarianos . . . . .	181
Herma do dr. Diogo Vasconcellos . . . . .	187
Harmonia dolorosa . . . . .	189
Encantamento . . . . .	190
A Lagrima . . . . .	190
Trovas . . . . .	190
A' minha Mãe . . . . .	191
O carro de bois . . . . .	191
Coração de mãe . . . . .	193
Correspondencia . . . . .	231
Indice das materias . . . . .	233
Biografia de patronos . . . . .	241

*Do 7.º volume:*

Quadro social . . . . .	3
Socios correspondentes . . . . .	4
Relação das cadeiras . . . . .	5
Commeroração de Goethe . . . . .	10
Conferencia do dr. Lucio dos Santos . . . . .	14
Officios ao presidente da Academia . . . . .	37
Goethe e as mulheres, por Eduardo Fri- eiro . . . . .	39
“Goethe” o novo livro de João Ribeiro, por Lindolfo Gomes . . . . .	47



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Goethe e Napoleão, por Guilhermino Cesar . . . . .	53
Velhice e morte de Goethe. . . . .	59
Quadras, de Machado Sobrinho . . . . .	63
Sonetos, de Machado Sobrinho . . . . .	64
Discurso do presidente da Academia na sessão solene em homenagem a Garibaldi e Anita Garibaldi . . . . .	65
Discurso do dr. Lourenço Nicolai, consul da Italia . . . . .	93
Sonetos, de Machado Sobrinho . . . . .	111
Sangue, peça em um ato, pelo dr. Carlos Góes . . . . .	113
Sessão solene em homenagem a Tristão de Athayde . . . . .	129
Jesus na Bethania, por Anibal Mattos . .	157



## INDICE DO PRESENTE VOLUME

---

	PAGS.
Quadro social . . . . .	3
Socios correspondentes . . . . .	4
Relação das cadeiras, seus atuais titulares e patronos . . . . .	5
Correspondencia . . . . .	8
Discurso do academico Noraldino Lima, no Congresso de Varginha . . . . .	11
Ruth, de Franklin Magalhães . . . . .	31
Ciclo de Helena, conferência pelo dr. Mario Mendes Campos . . . . .	37
Deslumbramento, de José Mesquita . . . . .	52
Malum Aureum, idem . . . . .	53
Paradoxal — Mendes de Oliveira . . . . .	54
Canção Medieval — Mendes de Oliveira . . . . .	55
Cabeça de Hemiplegico, pelo prof. Lopes Rodrigues . . . . .	57
Noiva — Alphonsus de Guimaraens . . . . .	71
Mãe do Ouro — Agrippa de Vasconcellos . . . . .	73
A lagôa de Vapabuçú, idem . . . . .	74



REVISTA DA

	PAGS.
D. Joaquim Silverio . . . . .	75
Um artista — Marco Mattos . . . . .	79
Saudação, pelo dr. Pamphilo Assumpção	85
Casimiro de Abreu, discurso pelo dr.	
Carlos Góes . . . . .	91
Na seara do belo, pelo dr. Martins de	
Almeida . . . . .	101
Tua boquinha — J. Paixão . . . . .	111
Rubayat de Omar Khayyam, por Martins	
de Oliveira . . . . .	112
Vinde para o sol, por J. Paixão . . . . .	115
Ansiedade, por Anibal Mattos . . . . .	118
Um grande amor — Anibal Mattos . . . . .	121
O poeta, Primeira Carta, etc, sonetos	
de Antonio França . . . . .	145
Relatorio do presidente da Academia . . . . .	151
Biografia de patronos . . . . .	163
Indice dos sete primeiros volumes . . . . .	165